UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA III

FERNANDO JOSÉ FERNANDES DO NASICIMENTO JUNIOR

O "MILAGRE" QUE NÃO ERA SANTO – IMPRENSA E ESTADO NA CRIAÇÃO DO MITO DO SUCESSO ECONÔMICO NO GOVERNO MÉDICI (1969-1974)

Niterói
2022

FERNANDO JOSÉ FERNANDES DO NASCIMENTO JUNIOR

O “MILAGRE” QUE NÃO ERA SANTO – IMPRENSA E ESTADO NA CRIAÇÃO DO MITO DO SUCESSO ECONÔMICO NO GOVERNO MÉDICI (1969-1974)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador:

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos

Niterói
2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D631m Do Nascimento Junior, Fernando José Fernandes

O milagre que não era santo : Imprensa e Estado na criação do mito do sucesso econômico no governo Médici

(1969-1974) / Fernando José Fernandes Do Nascimento Junior ; Marcelo Badaró Mattos, orientador. Niterói, 2022.

155 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

DOI: http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2022.m.08695329798

1. História do Brasil. 2. Ditadura militar. 3. Economia brasileira. 4. Imprensa nacional (Brasil). 5. Produção intelectual. I. Mattos, Marcelo Badaró, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

FERNANDO JOSÉ FERNANDES DO NASICMENTO JUNIOR

O “MILAGRE” QUE NÃO ERA SANTO – IMPRENSA E ESTADO NA CRIAÇÃO DO MITO DO SUCESSO ECONÔMICO NO GOVERNO MÉDICI (1969-1974)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos
(Orientador)

_____

Prof. Dra. Andréa Lemos Xavier Galucio
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dra. Tatiana Silva Poggi de Figueiredo
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2022

Dedico esta dissertação à minha querida avó Izollete e ao meu pai, Fernando (*in memoriam*) e o maior amor do mundo, minha mãe Digione, cujas presenças foram essenciais na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Marcelo Badaró, orientador amigo, por sempre me fazer pensar e questionar sobre o tema de pesquisa e cuja presença segura e estimulante favoreceu meu desenvolvimento intelectual e a elaboração deste trabalho.

Às professoras Andréa Lemos e Tatiana Poggi pelas valiosas contribuições na minha trajetória acadêmica e a este trabalho na banca de qualificação.

Agradeço aos meus pais Digione e Fernando (*in memoriam*) pelo amor, carinho, atenção e apoio que me deram durante toda a minha vida.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de pesquisa que viabilizou o devido comprometimento e dedicação a este trabalho.

Ao SUS, à Ciência e aos profissionais de saúde e trabalhadores das atividades essenciais pela luta incansável ao longo da pandemia de COVID-19, contexto no qual este trabalho foi desenvolvido.

A todos os professores, por todo os conselhos e ajuda durante os meus estudos e elaboração do meu trabalho. Gratidão a todo corpo docente das instituições de ensino que tive a honra de sentar em suas cadeiras, UFF e UERJ, que sempre transmitiram seus saberes com muito profissionalismo.

RESUMO

O conhecido “milagre econômico” ocorrido entre o período de 1968 a 1974 refere-se a um elevado crescimento econômico proveniente de diversos fatores como, por exemplo, o parque industrial de Getúlio, o Plano de Metas de Juscelino, o PAEG de Castelo Branco, os quais se mostraram imperiosos para fundamentar e desenvolver este feito no campo da economia. Outras ações são importantes para compreender esse momento histórico relacionadas a um ortodoxo controle da inflação por meio de arrocho salarial, taxas de juros e concentração monopolista dos capitais. Todavia, a visão predominante atualmente entre os brasileiros de que a ditadura civil-militar foi um período de êxito econômico – apesar de trabalhos e indicadores econômicos e sociais específicos comprovarem o contrário – tem origem em um modelo de imprensa monopolista associado ao capital. Considerando os conceitos de Estado Ampliado em Gramsci, o presente trabalho busca analisar esse processo da expansão capitalista no Brasil com foco na relação dos conteúdos divulgados pelos jornais O Globo e Folha de São Paulo e sua contribuição para a formação de um consenso e consciência coletiva acerca da política econômica brasileira, no período do “milagre econômico” no governo Médici (1969 – 1974).

Palavras-chave: Ditadura. Milagre econômico. Imprensa.

ABSTRACT

The well-known "economic miracle" occurred between 1968 and 1974 refers to a high economic growth coming from several factors such as the industrial park of Getúlio, the Plan of Goals of Juscelino, the PAEG of Castelo Branco, the which proved to be imperative to substantiate and develop this feat in the field of economics. Other actions are important to understand this historical moment related to an orthodox control of inflation through wage tightening, interest rates and monopolistic concentration of capital. However, the prevailing view currently among Brazilians that the civilmilitary was a period of economic success - although work and specific economic and social indicators prove otherwise - originates in a monopolistic press model associated with capital. Considering the concepts of Expanded State in Gramsci, this work seeks to analyze this process of capitalist expansion in Brazil with a focus on the relationship of the contents disclosed by the newspapers O Globo and Folha de São Paulo and its contribution to the formation of a consensus and collective awareness about the Brazilian economic policy, in the period of the "economic miracle" in the Medici government (1969 - 1974).

Keywords: Dictatorship. Economic miracle. Press.

LISTA DE SIGLAS

AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas

BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

CEPAL – Comissão Econômica para América Latina e Caribe

CGT – Comando Geral dos Trabalhadores

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

FSP – Folha de São Paulo

IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática

IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas

IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

OBAN – Operação Bandeirantes

OG – O Globo

PAEG – Plano de Ação Econômica do Governo

PASEP – Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público

PIB – Produto Interno Bruto

PIS – Programa de Integração Social

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E FIGURAS

Figura 1 - Capa de O Globo em 22/06/1970..... 21

Figura 2 - Capa da Folha de São Paulo em 03 de janeiro de 1971 47

Figura 3 - Folha de São Paulo, página 4. Editorial “Radicalização” e charge crítica (06/03/1964) 72

Figura 4 - Editorial O Globo - "O Nome do Milagre" de 02/01/1972..... 80

Figura 5 - Banca de jornais em Niterói atrai leitores em foto de 1972..... 82

Figura 6 - Jornal O Globo 31/12/1969..... 98

Figura 7 - Jornal O Globo 30/10/1970..... 98

Figura 8 - Jornal O Globo 07/09/1972..... 99

Figura 9 - Jornal O Globo 01/10/1973..... 99

Figura 10 - Capa da Folha de São Paulo em 13/12/1969 102

Figura 11 - Capa do Jornal Folha de São Paulo em 01/01/1972 103

Figura 12 - Capa do Jornal Folha de São Paulo..... 104

Figura 13 - Folha de São Paulo – recorte da primeira página – Inauguração do primeiro trecho da Rodovia Transamazônica) 105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12
Metodologia e fontes 14
Estrutura da dissertação 18
1 CAPÍTULO 1 – O CAPITALISMO BRASILEIRO E O "MILAGRE".....21
1.1. O modelo econômico brasileiro de Vargas a JK 23
1.2. O capitalismo brasileiro pós-1950 25
1.3. 1964 e a economia brasileira: as bases do "milagre"?.....28
1.4. Aspectos do "milagre".....35
1.5. Trabalhadores: o fator oculto do "milagre" 42
2 CAPÍTULO 2 – O DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA NO PAÍS 47
2.1. Desenvolvimento do jornalismo e da imprensa no Brasil 49
2.2. A constituição da imprensa brasileira como empresa.....65
2.2.1. A constituição da *Folha de São Paulo* 69
2.2.2. A trajetória de *O Globo* 73
2.3 Considerações finais 78
3 CAPÍTULO 3 – DITADURA E IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DO "MILAGRE".....80
3.1. O jornalismo de economia.....85
3.2. Ditadura e imprensa.....90
3.3. "Milagre econômico" e a imprensa 95
3.3.1. A economia sob os olhos de *O Globo,* o partido do Governo 96
3.3.2. Folha de São Paulo: o "milagre" e suas obras 100
3.4. Considerações Finais 106
CONCLUSÃO.....109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....118
APÊNDICES 126

INTRODUÇÃO

A ideia de nossa pesquisa derivou de um estudo anterior, feito na nossa monografia de final de curso da graduação em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), intitulada *Ditadura e economia em debate: o milagre econômico nas abordagens historiográficas*, orientada pela professora Andréa Lemos Xavier Galucio. Durante a pesquisa para monografia trabalhamos com autores que se utilizavam de diferentes meteodologias de pesquisa, como Thomas Skidmore, Elio Gaspari, Maria da Conceição Tavares, Paul Singer e Sônia Regina de Mendonça, para tentar estabelecer um debate inicial sobre a economia na ditadura com foco no chamado período do "milagre".

No decurso da pesquisa verificamos que havia fatores muito diversos para a ascensão e o declínio da política econômica da ditadura militar, e a princípio, muitas versões interpretativas sobre esses fatores. Além disso, havia uma inquietação de quem nasceu no início dos anos 1980 sob o ocaso da ditadura e passou pela infância convivendo com hiperinflação, moratória da dívida, congelamentos de preços, escassez de mantimentos durante o Plano Cruzado, constantes trocas de moedas, cortes de zeros e viu a família desesperar com um confisco nas contas bancárias. Diante dessas memórias vinham as questões: onde foi que o Brasil errou? Por que os registros de "sucesso na economia" nos nossos livros de História e reportagens na mídia são creditados à ditadura militar, e quando se fala da "década perdida", da falência do país, das sucessivas crises, são relacionadas ao processo de redemocratização? É possível ir do auge à falência econômica em dez anos ou menos? Esse "milagre" havia se tornado "maldição"?

O levantamento bibliográfico feito para a monografia levou à aquisição de dois livros que nos conduziu a essa pesquisa de mestrado. A professora Andréa Lemos nos

apresentou os livros de Sônia Regina de Mendonça, *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*, e Francisco de Oliveira, *A economia brasileira – Crítica à razão dualista*. Ao analisarmos, percebemos logo de início que a economia e a política não são podem ser desconectados um do outro, que o desenvolvimento capitalista – no caso, o brasileiro – tinha muito mais participação do Estado do que da "mão invisível do mercado" como diz o "mito do capitalismo". Além disso, percebemos que só poderíamos compreender o "milagre brasileiro" com a noção de que existe uma relação orgânica e dialética entre sociedade civil e sociedade política, e os atores que as compõem. A partir daí, tivemos acesso a mais livros e autores que contribuíram para levantar a ideia da presente pesquisa, nos quais merecem maior destaque René Dreifuss, *1964: A conquista do Estado*, Paul Singer e *A crise do "milagre"*, Marcelo Badaró Mattos, *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*, e Virgínia Fontes, *O Brasil e o capital-imperialismo: Teoria e História*. Com as informações fornecidas nessas obras de referência começamos a esboçar o projeto o projeto de pesquisa do mestrado.

A **hipótese central** que norteou essa dissertação considera que a imprensa brasileira, associada ao complexo IPES / IBAD, apresentados no estudo capital de Dreifuss[1], trabalhou ativamente para a manutenção e legitimação das estruturas de poder após o golpe de 1964, ou seja, a contribuição da imprensa escrita na formação da opinião pública de forma positiva sobre o "milagre econômico", além de seus interesses e ligações com o regime que ajudaram a implantar a partir do golpe. Ao lado desta proposta principal consideramos como **sub-hipótese** que a visão predominante atualmente entre os brasileiros de que a ditadura foi um período de êxito econômico – apesar de trabalhos e indicadores econômicos e sociais específicos comprovarem o contrário – tem origem em um modelo de imprensa monopolista associado ao capital.

1 DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado.* Petrópolis, Vozes, 1981.

A relevância de um trabalho na direção que estamos propondo está em contribuir para o debate historiográfico acerca do discurso formador do consenso sobre as enormes conquistas e avanços na economia brasileira durante o chamado milagre econômico – apesar de todos os indicadores sociais e econômicos já terem provado o contrário – ainda está presente no senso comum sobre o período da ditadura. O estabelecimento desse consenso se deu em grande parte por meio da contribuição e atuação da grande imprensa, já que a visão militar-empresarial afetou diretamente a interpretação dos brasileiros.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é analisarmos a relação das empresas jornalísticas, em especial as responsáveis pelos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* com a ditadura civil-militar, dos conteúdos divulgados por estes jornais e sua contribuição para a formação de um consenso e consciência coletiva acerca da política econômica brasileira, com recorte no período do "milagre econômico" sob o governo Médici (1969 – 1974).

A conjuntura de crescimento econômico acelerado aliado à nova ordem política institucionalizada, com acentuado ufanismo – e com participação efetiva e bem-sucedida dos meios de comunicação – fez este novo momento (posterior a 1968) adquirir status de milagre, o chamado milagre brasileiro. Foi de suma importância os veículos de comunicação de massa, com os quais o Executivo trabalhou, visando estabelecer uma ligação direta com a opinião pública [2].

Metodologia e fontes

Para esta pesquisa serão exploradas as percepções de Antônio Gramsci para as análises da sociedade brasileira na segunda metade do século XX, compreendendo que

2 MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: Opções de desenvolvimento.* Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 113-116.

nosso trabalho está inserido nos debates de conquista e manutenção da hegemonia da fração de classe que assume o poder após o golpe de 1964, além de conceitos e categorias utilizados por autores que se debruçaram sobre a formação de um discurso hegemônico e suas relações sociais e de poder. A ideologia é a tática de tornar certas ideias como verdadeiras e aceitas pela sociedade, sendo elas criada pela classe dominante de acordo com seus interesses [3]. Nesse sentido, a superestrutura seria responsável pela manutenção das relações sociais existentes na infraestrutura e ela possibilita a sua existência, pois toda a riqueza necessária para manter a superestrutura seria, segundo Marx, produzida na infraestrutura por meio das nas relações de produção e de troca.

De acordo com Gramsci, o aspecto essencial da hegemonia da classe dirigente reside no seu monopólio intelectual, ou seja, na atração que seus próprios representantes suscitam entre as outras camadas de intelectuais [4]. Esta atração termina criando um bloco ideológico que liga as camadas intelectuais aos representantes da classe dirigente. O autor observa que a primazia econômica da classe fundamental é condição necessária, porém não suficiente, para a formação de um bloco histórico; é necessário que a classe dirigente tenha uma verdadeira "política" para os intelectuais.

Essa análise está plenamente contemplada na análise de Dreifuss, em que o autor apresenta de forma consistente a articulação de uma fração de classe burguesa no Brasil, majoritariamente associada ao capital multinacional, formando o complexo IPES/IBAD, na elaboração de um discurso e movimentação que culminarão no golpe civil-militar de 1964 [5]. O modelo político-ideológico subsequente foi a consagração de um processo anterior que culminou com o golpe de 1964. Segundo Dreifuss,

---

3 MARX, Karl. *A ideologia alemã*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993. p.72.

4 GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 244.

5 DREIFUSS, René Armand, *Op. Cit.*

> O que ocorreu em abril de 1964 não foi um golpe militar conspirativo, mas sim o resultado de uma campanha política, ideológica e militar travada pela elite orgânica centrada no complexo IPES/IBAD. Tal campanha culminou em abril de 1964 com a ação militar, que se fez necessária para derrubar o Executivo e conter daí para frente à participação da massa [6].

A análise do bloco histórico como relação entre dois movimentos dicotômicos (estrutura - superestrutura e sociedade civil - sociedade política) mostra a importância da sociedade civil no seio do bloco histórico. Tal importância leva-nos a encontrar a tradução política desta noção: a hegemonia.

Para analisar o caso brasileiro de expansão capitalista e a formação do discurso hegemônico sobre os êxitos econômicos no governo Médici, temos que partir do entendimento do Estado Ampliado de Gramsci, que é uma relação dialética de estrutura, superestrutura, sociedade civil e sociedade política. O Estado não é entendido tão somente como as instituições políticas oficiais e os aparelhos de coerção (forçar armadas, polícias, sistema judiciário etc.) mas como um conjunto mais amplo de organismos através dos quais é exercida a dominação.

Na visão liberal, o Estado deriva do Direito, emergindo de um processo civilizatório onde o homem domina o "estado de natureza" culminando no "estado civil", tendo como base o contrato social [7]. Assim, a partir do pacto (ou contrato) estabelecido entre os homens "civilizados" emerge o estado político onde todos os indivíduos se submetem a uma mesma lei, ou simplesmente o Estado.

O Estado em Gramsci deve ser visto como uma expressão universal de toda a sociedade, englobando os interesses e demandas dos grupos dominantes e subalternos.

> O Estado é certamente concebido como organismo próprio de um grupo, destinado a criar as condições favoráveis à expansão máxima desse grupo, mas este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de

6 DREIFUSS, René Armand, *Op. cit.*, p. 247.
7 MENDONÇA, Sônia Regina de. O Estado Ampliado como Ferramenta Metodológica. *Marx e o Marxismo* v.2, n.2, jan/jul 2014, p. 27-43.

> todas as energias "nacionais", isto é, o grupo dominante é coordenado concretamente com os interesses gerais dos grupos subordinados e a vida estatal é concebida como uma contínua formação e superação de equilíbrios instáveis (no âmbito da lei) entre os interesses do grupo fundamental e os interesses dos grupos subordinados, equilíbrios em que os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até um determinado ponto (...) [8].

Para Gramsci, a ampliação do Estado é marcada "pelo nexo dialético de unidade-distinção" entre o exercício da direção hegemônica desde a sociedade civil e o exercício da dominação, da qual nunca se descarta uma dimensão coercitiva, através do controle da sociedade política [9].

Álvaro Bianchi observa que a ampliação gramsciana do Estado acolhe a distinção entre Estado e sociedade civil sem cancelar ou suprimir qualquer dos dois termos [10]. No pensamento de Gramsci não há espaço para uma divisão orgânica de "tarefas" entre os dois planos – o Estado como coerção e a sociedade civil como espaço do consenso –; pelo contrário, na perspectiva integral, o que se tem em vista é dar conta das novas tarefas hegemônicas próprias do Estado [11].

Desse modo, analisamos documentos e fontes sob a perspectiva da teoria do materialismo histórico-dialético e dos conceitos gramscianos de sociedade civil, bloco histórico e hegemonia. Como fontes primárias, serão analisadas as manchetes e editoriais apenas nas capas dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* no período do governo Médici (1969 – 1974), disponível online do acervo digital das referidas publicações. Escolhemos trabalhar com amostragem dos exemplares impressos em efemérides e datas consideradas importantes no período em questão (posse de Médici, feriados da Independência e da República, Dia do Trabalho, "aniversário" do Golpe, festas de fim

8 GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, 2000. p. 41-42
9 MATTOS, Marcelo Badaró. *Reorganizando em meio ao refluxo*: ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil atual. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2009. p. 78
10 BIANCHI, Álvaro. *O Laboratório de Gramsci.* Filosofia, História e Política. São Paulo: Alameda, 2008. p. 177.
11 BIANCHI, Álvaro. *Op. Cit.* p. 177.

de ano, Carnaval, Copa do Mundo, Sesquicentenário da Independência, eleições presidenciais e o primeiro choque do petróleo) e com buscas na base por palavras-chave, como: inflação, salário, trabalhador, bolsa de valores, Transamazônica, Ponte Rio-Niterói, Itaipu, Médici, Delfim Neto e democracia. Desta forma, pudemos fazer o cruzamento dos dados relacionando-os aos objetivos da nossa pesquisa com as capas dos jornais, visto que as capas são veículos de maior penetração e consumo junto ao público leitor e, por consequência, são imprescindíveis para compreender a formação do discurso do senso comum.

Estrutura da dissertação

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro buscamos contextualizar nossa pesquisa historicamente pela perspectiva da História Econômica. Assim, apresentamos as questões relativas a formação do capitalismo no Brasil e sua relação intrínseca com o Estado até o momento do ápice quantitativo representado pelo "milagre econômico". Nele, além da obra de referência "Estado e economia no Brasil", de Sônia Regina de Mendonça, aprofundaremos aspectos da História econômica com os trabalhos "A Crise do Milagre" de Paul Singer, "Crítica à razão dualista" de Francisco Oliveira, "Acumulação de Capital e industrialização no Brasil" de Maria da Conceição Tavares, "Estado e planejamento econômico no Brasil" de Octavio Ianni e artigos do economista José Pedro Macarini, especialista em política econômica do período da Ditadura. As fontes primárias, quais sejam, os jornais O Globo e Folha de São Paulo, aparecerão integradas a este capítulo, articulando os dados econômicos e estudos estatísticos apresentados pelos autores com intuito de corroborar com a hipótese da pesquisa.

No segundo capítulo, serão abordadas as questões relativas a formação da imprensa no Brasil, as empresas de comunicação e sua relação com o Estado brasileiro, tendo por referência a obra de Nelson Werneck Sodré "História da Imprensa no Brasil", que traz informações detalhadas e preciosas da imprensa brasileira de 1808 até os anos 1960. Nossos estudos se concentrarão, pois, no capítulo que trata da a passagem da imprensa artesanal à industrial, da pequena à grande imprensa. A partir desse momento, para Sodré, a imprensa mais do que nunca, se compatibilizava com o regime, com as classes e com as forças políticas dominantes. A obra de Marialva Barbosa "História Cultural de Imprensa: Brasil, 1900 – 2000", partindo da ideia de que, para existir a imprensa e atribuir-lhe um valor de transmissora de opinião e informação, afirma que é preciso que se desenvolva a mentalidade abstrata das múltiplas interpretações dos jornais, o que é possível através do estudo de suas narrativas e práticas. Esse pensamento também nos será de fundamental importância.

Posteriormente e ainda no segundo capítulo, entraremos nos estudos de caso específicos da formação dos jornais O Globo e Folha de São Paulo, com o trabalho de João Braga Arêas "Batalhas de O Globo" e seus artigos sobre a família Marinho, além das teses de Carla Luciana Souza da Silva "Veja: O indispensável partido neoliberal", e os estudos de André Bonsanto Dias na dissertação "O Presente da Memória – Uso do passado e as (re)construções de identidade da Folha de São Paulo , entre o 'golpe de 1964' e a "ditabranda" e a tese do mesmo autor, que se intitula "A verdade dita é dura: 'Histórias da verdade' do/no jornalismo e a ditadura militar no Brasil".

No capítulo terceiro analisaremos as questões sobre a ideologia e práticas do empresariado e sua relação com a Ditadura civil-militar, com enfoque nas práticas adotadas pelas empresas responsáveis pelos jornais O Globo e Folha de São Paulo. Retomaremos os estudos de René Dreifuss em "1964 – a conquista do Estado",

aprofundando o entendimento sobre o caráter transnacional das elites orgânicas e suas relações com outros segmentos das classes sociais e suas estreitas ligações com governos e Estados nacionais. As fontes primárias da pesquisa – os jornais O Globo e Folha de São Paulo – aparecerão com maior destaque neste capítulo, articuladas com as obras "Estado e formas de dominação no Brasil Contemporâneo" de Marcelo Badaró Mattos, "História Econômica e Imprensa", "Política Econômica nos anos de chumbo" e "Empresariado e ditadura no Brasil" dos autores / organizadores Pedro Henrique Pedreira Campos e Rafael Vaz da Motta Brandão.

Deste ponto, a formação do discurso de sucesso econômico da Ditadura civil-militar, em especial no governo Médici (1969 – 1974) como uma política de Estado com colaboração dos veículos de imprensa supracitados será apresentada com base nas obras de Carlos Fico "Reinventado o Otimismo" e de Aylê-Salassié Filgueira Quintão "O Jornalismo Econômico no Brasil depois de 1964".

Na conclusão serão assentadas as ideias gerais da pesquisa a fim de chegarmos, por meio da análise de todos os dados apresentados, a comprovação da hipótese do trabalho que trata-se da visão predominante atualmente entre os brasileiros de que a ditadura civil-militar foi um período de êxito econômico – apesar de trabalhos e indicadores econômicos e sociais específicos comprovarem o contrário – tem origem em um modelo de imprensa monopolista associado ao capital e sua relação com o Estado na formação da memória daquele período.

1 CAPÍTULO 1 – O CAPITALISMO BRASILEIRO E O “MILAGRE”

Figura 1 - Capa de O Globo em 22/06/1970

MÉDICI: NINGUÉM SEGURA ÊSTE PAÍS

Raça e classe de Gérson

Zagalo: Pelé foi o maior da Copa

Jair, o tigre de aço

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Fonte: Acervo digital do Jornal O Globo

Embora o termo “milagre” possa se referir a algo inexplicável, o fenômeno em questão pode ser elucidado em face dos acontecimentos anteriores e concomitantes a este período na esfera internacional e no âmbito interno devido a ações políticas e econômicas.

A princípio, têm-se como indicadores deste “milagre econômico” dois elementos primordiais na história do país, quais sejam o Plano de Metas e o Plano de Ação Econômica do Governo, em razão do início da ditadura militar, que retomou a industrialização do plano do presidente Juscelino Kubitscheck.

O período de 1968 a 1974 refere-se a um elevado crescimento econômico proveniente de diversos fatores, como o Plano de Metas de Juscelino, o PAEG de Castelo Branco, o parque industrial de Getúlio. Estas iniciativas se mostram imperiosas para fundamentar e desenvolver este fenômeno no campo da economia, bem como as ações

controversas de controle da inflação, além de taxas de juros. Soma-se a isso, o estímulo dado ao consumo e as exportações, além das correções no déficit das contas públicas que contribuíram para o crescimento econômico.

Deste mesmo modo, houve grande entrada de capital externo, haja vista que a taxa de juros externa se encontrava reduzida e a balança comercial estava equilibrada, com um déficit apenas nos serviços produtivos. Havia um excesso de liquidez interna e os investidores solicitavam empréstimos com prazos mais curtos, o que ocasionou o endividamento das empresas nacionais, ensejando um baixo endividamento líquido, ou seja, 2/3 de endividamento foram convertidos em reservas.

O crescimento da produção não foi o mesmo no âmbito social, dado que o salário mínimo no período que compreende os anos de 1964 a 1973 teve grande perda do poder aquisitivo, de modo que 75% da população ganhava até dois salários mínimos. Oliveira define objetivamente os movimentos de expansão econômica com a política e a correlação de forças da burguesia *versus* classes trabalhadoras, onde fica evidente que o processo de acumulação no Brasil se dá em grande parte pela superexploração do trabalho. O autor define que

> (…) há três fases no comportamento do salário mínimo real: a primeira, entre os anos 1944 e 1951, reduz pela metade o poder aquisitivo do salário; a segunda, entre os anos de 1952 e 1957, mostra recuperações e declínios alternando-se na medida do poder político dos trabalhadores: é a fase do segundo governo Vargas, que se prolonga até o primeiro ano do Governo Kubitschek; a terceira, iniciando-se no ano 1958, é marcada pela deterioração do salário mínimo real, numa tendência que se agrava pós-anos 1964, com apenas um ano de reação, em 1961, que coincide com o início do Governo Goulart [12].

Os salários efetivos dos trabalhadores ligados à produção tiveram sucessivas perdas de poder aquisitivo. No entanto, indivíduos com maior grau de instrução e que exerciam atividades administrativas sentiram essa perda em menor grau e algumas categorias tiveram aumento de poder aquisitivo salarial. No referido período, aumentou

12 OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. p. 78.

o número de pessoas trabalhando dentro do núcleo familiar, para aumentar a renda, o que ocasionou maior desemprego e acidentes de trabalho, o que não condiz com o aumento de riqueza nacional [13]. Para melhor entendimento das ações tomadas na área econômica a partir do golpe em 1964, apresentar-se-á um estudo resumido das políticas adotadas e do modelo econômico brasileiro no seu período anterior, de 1930 a 1964.

1.1. O modelo econômico brasileiro de Vargas a JK

O modelo de desenvolvimento econômico brasileiro, no período de 1930 a 1964, buscou expandir o processo de industrialização através da substituição de importações, que se contrapunha ao modelo antecedente, baseado nas exportações de produtos primários. No Brasil, ele foi muito eficaz, porquanto aperfeiçoou a substituição de bens de consumo corrente, prosseguiu no setor de bens de consumo duráveis e entrou na faixa de bens intermediários e bens de capital. Outro ponto que é um dos mais importantes, se não o mais importante para a compreensão do processo de acumulação capitalista no Brasil, é a regulamentação das leis de relação entre o trabalho e o capital. De acordo com Oliveira, muitas das interpretações econômicas minimizam o papel da legislação trabalhista no processo de acumulação que se instaura ou se acelera a partir de 1930 [14].

> (…) Importa não esquecer que a legislação interpretou o salário mínimo rigorosamente como 'salário de subsistência' (…); os critérios de fixação do primeiro salário mínimo levaram em conta as necessidades alimentares (em termos de calorias, proteínas etc.) para um padrão de trabalhador que devia enfrentar certo tipo de produção (…). Não há nenhum outro parâmetro para o cálculo das necessidades do trabalhador; não existe na legislação, nem nos critérios, nenhuma incorporação dos ganhos de produtividade do trabalho [15].

Não obstante o ciclo da economia com base urbano-industrial tenha seu início após a Revolução de 1930, o marco efetivo do modelo econômico brasileiro do século

13 MENDONÇA, *Sônia Regina de. Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 93.
14 OLIVEIRA, Francisco de. *Op. Cit.* p. 37.
15 *Ibdem*. p. 37-38.

XX encontra-se em 1955-56, com Juscelino Kubitschek e seu plano de Metas. Francisco Oliveira define que

> A Revolução de 1930 marca o fim de um ciclo e o início de outro na economia brasileira: o fim da hegemonia agrário-exportadora e o início da predominância da estrutura produtiva de base urbano-industrial. Ainda que essa predominância não se concretize (…) senão em 1956 (…), o processo mediante o qual a posição hegemônica se concretizará é crucial: a nova correlação de forças sociais, a reformulação do aparelho e da ação estatal, a regulamentação dos fatores, entre os quais o trabalho ou o preço do trabalho (…) [16].

A política governamental "teve duas linhas mestras de ação", como mostrou Maria da Conceição Tavares[17]: a política de comércio exterior, especialmente a cambial e a política de investimentos estatais. Pela primeira, o governo procurou conviver com o estrangulamento do setor externo, atuando sobre as importações, por meio do controle quantitativo, taxas múltiplas do câmbio, depósitos de câmbio etc., para dar tratamento preferencial às importações de insumos essenciais e bens de capital,

> além de utilizar os chamados lucros de câmbio (o ágio obtido pelo governo na venda de divisas menos a bonificação de câmbio paga como estímulo a certos exportadores), como instrumento parafiscal de captação de recursos para financiamento de certas operações do setor público[18].

A segunda, qual seja, a política de aumento do gasto público, inspirada nas ideias keynesianas, através do Planos de Metas, visava a correção dos "gargalos" nos setores de infraestrutura. Nessa conjuntura, ocorre a conclusão da CSN em Volta Redonda; criação e implantação da Petrobrás; aumento da geração de energia elétrica através de grandes hidrelétricas (Furnas, Paulo Afonso e Três Marias) e criação da Eletrobrás; a expansão das atividades da Vale do Rio Doce; ampliação da malha rodoviária asfaltada e o Distrito Federal foi deslocado para o interior do país com a construção de Brasília.

---

16 *Idem,* p. 35.
17 TAVARES, Maria da Conceição. *Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro*. 6. ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977, p. 61 e seguintes.
18 *Idem/Ibidem.*

O capital estrangeiro foi estimulado a fazer investimentos diretos, dos quais o exemplo mais concreto é a implantação da indústria automobilística no país. Uma agência financeira estatal - o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) - foi criada para financiar, em longo prazo, os investimentos de base.

O aumento do gasto público, sem a ampliação da receita fiscal e sem poupança de longo prazo, gerou um processo inflacionário cada vez maior. A participação do setor público nos investimentos cresceu de 17,1% para 25,9%, de 1947 a 1960, todavia o déficit de caixa do Governo Federal foi coberto em mais de 60%, no período 1956-1961 por emissão de papel-moeda, aprofundando a pressão inflacionária. No período 1947 a 1961, o nível geral de preços evoluiu a taxa média anual de 16,5%, mas no período de 1956 a 1960 alcançou 24% ao ano e, em 1962, chegou a 51,3%, subindo para 81,3% em 1963 e 91,9% em 1964. Entretanto, o Produto Interno Bruto (PIB) expandiu apenas 1,5% em 1963 e 2,9% em 1964, pela ação da pressão inflacionária e do estrangulamento externo. Em conclusão, o descontrole monetário e a consequente pressão inflacionária são os principais problemas no período, segundo diagnósticos de Tavares.

1.2. O capitalismo brasileiro pós-1950

Verifica-se que a industrialização e a urbanização tiveram um enorme crescimento no território nacional no período que abrange os anos de 1950 a 1970, com respaldo na visão de Getúlio Vargas, que buscava o desenvolvimento nacional, outrora amparado em medidas integracionistas harmonizadas com a lógica das empresas transnacionais. Através do prisma de Juscelino Kubitscheck, foi instaurado um modelo de desenvolvimento baseado na chamada substituição de importações, onde se produzia internamente uma série de bens industrializados tradicionalmente importados, e assim, internalizando os efeitos positivos do aumento da produção local houve a elevação do

emprego, da renda, da receita pública etc. Este processo deu-se sob forte coordenação estatal.

O país teve um período de grande crescimento entre os anos de 1956 e 1962. No início da década de 1960, o Brasil ainda apresentava certo crescimento, o que se modificou entre os anos de 1962 e 1963 quando a economia do país entrou desacelerou. Neste período, a atividade industrial diminuiu e havia muita instabilidade no âmbito político.

Kubitscheck enfrentou uma grande oposição dos adversários políticos que acreditavam que ele representaria uma continuação do governo de Vargas. Para manter seu cargo, seria necessário ter ao seu lado a opinião pública e, para isso, criou-se o slogan "50 anos em 5". Seu programa de governo buscaria 50 anos de progresso em 5 anos de mandato respeitando as instituições democráticas, o que foi consolidado através de 30 objetivos que deveriam ser alcançados em diversos setores da economia, denominado Programa ou Plano de Metas. Tal plano foi elaborado com base em diagnósticos realizados pelas comissões econômicas.

Os diagnósticos realizados pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, entre 1951 e 1953; os estudos realizados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e as pesquisas da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) apontavam para a necessidade de eliminar os motivos de "estrangulamento" da economia nacional, ou seja, atingir os setores que impediam um funcionamento apropriado de economia [19].

O esboço do Plano de Metas foi elaborado por uma equipe do BNDE, antes mesmo da posse de Kubitscheck, vislumbrando superar tais obstáculos estruturais, de forma que as metas fossem definidas e implementadas harmonicamente entre si para que

19 DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado.* Petrópolis. Ed. Vozes, 1981, p. 75 e 76.

os investimentos em determinados setores pudessem influenciar no que se considerava bom andamento da economia como um todo.

Foi criado um Conselho do Desenvolvimento que coordenaria a execução do Plano de Metas. O referido conselho tinha o auxílio de especialistas e economistas que atuavam junto a grupos de executivos responsáveis pela concessão de incentivos ao setor privado, para que as metas estabelecidas fossem atingidas e quem coordenava os investimentos do setor público era o BNDE [20]. Entre os principais especialistas estava Roberto Campos, seja como diretor do BNDE ou como membro da Comissão Mista Brasil – Estados Unidos. Segundo Quintão, Campos buscou aprofundar o relacionamento com o capital estrangeiro mesmo sob críticas da imprensa populista [21] durante o governo JK, missão na qual toma dianteira após sua posse como o primeiro ministro do Planejamento logo após o golpe, em 1964.

O Plano de Metas estava focado em cinco setores imprescindíveis para a economia, estabelecendo metas para cada um, determinando como os investimentos públicos e privados deveriam ser utilizados. Dentre eles, os setores de energia, transportes e indústrias de base receberam grande parte dos recursos, enquanto os setores de alimentação e educação não receberam a mesma atenção. O crescimento das indústrias de base durante o período favoreceu o processo de industrialização [22].

Juscelino Kubitschek recebeu o apoio de diversos setores da sociedade, como militares, empresários e de sindicatos trabalhistas, fator que auxiliou o crescimento econômico. A abertura ao capital estrangeiro proporcionou um maior número de investimentos nas indústrias e sua consequente expansão. A emissão monetária, contudo, impulsionou o processo inflacionário. A utilização de recursos estrangeiros permitiu o

20 MENDONÇA, Sônia Regina de. *Op. C*it. p. 62.
21 QUINTÃO, Aylê-Salassié F. *O Jornalismo Econômico no Brasil depois de 1964*. Rio de Janeiro: Agir, 1987. p. 54.
22 *Idem*, p. 64-65.

controle destas empresas sobre grande parcela da economia nacional. As empresas estrangeiras apoderaram-se de setores em ascensão no país como o automobilístico, o farmacêutico e o mecânico. Tais investimentos garantiram grandes lucros, por vezes, mais altos que seus investimentos.

Conforme analisa Oliveira,

> O recorrer ao concurso do capital estrangeiro acrescentará novas forças ao processo de acumulação (…). a produtividade dará enormes saltos, ainda mais se essa incorporação se dá em condições das relações de produção que potencialmente já eram, de per si, concentradoras: sobre um mercado de trabalho marcado pelo custo irrisório da força de trabalho, os ganhos de produtividade logrados com a nova tecnologia vão acelerar ainda mais o processo de concentração da renda. (…) Sem essa incorporação, não se podia pensar no crescimento da economia nos anos posteriores [23].

No governo do presidente João Goulart, o Plano Trienal mostrava-se um fracasso quando se instalou a ditadura militar, com uma política anti-inflacionária recessiva. Assim, o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) foi implantado com uma nova política de estabilização, cujo êxito e funcionou como uma das bases para o milagre econômico brasileiro.

1.3. 1964 e a economia brasileira: as bases do "milagre"?

Do ponto de vista estritamente econômico, o golpe foi uma articulação das classes dominantes e foi também fruto do impasse entre o esgotamento da política populista que conduziu o desenvolvimento e a industrialização do país a necessidade de novos esforços na expansão capitalista, nos quais a burguesia brasileira estava empenhada a uma integração e associação mais estreita com o capital monopolista internacional.

Considera-se que os problemas econômicos da década de 1960 deram origem às questões econômicas, estruturais e políticas complexas. Após a implantação do Plano de Metas, seria necessário um período de adaptação do país para absorver os resultados. O

23 OLIVEIRA, Francisco de. *Op. cit*. p.76-77.

que ocorreu foi uma grande oferta de bens de consumo duráveis, devido à baixa renda per capita e elevada concentração de renda da população. O setor de bens de produção não estava consolidado internamente e os bens de consumo duráveis acumulavam-se [24].

Entre o período que abrange os anos de 1961 a 1964, a situação era de aceleração da inflação, déficit fiscal e pressão no balanço de pagamentos. A reforma cambial causou desvalorização total da moeda nacional, com objetivo de reduzir a pressão dos subsídios cambiais sobre o déficit público. Celso Furtado, ministro do recém-criado Ministério do Planejamento brasileiro, demitiu-se de seu cargo, pois os assalariados mostraram-se contrários a essa política recessiva para controlar a inflação, o que piorou a situação, haja vista que a inflação cresceu ainda mais após a sua saída [25].

Em meio à crise política, em 1964, um golpe civil-militar instaurou a ditadura encerrando uma época de governos populistas, iniciado com Getúlio Vargas. Tais governos empregavam a tática de emissão monetária para cobrir despesas, o que gerava pressões inflacionárias. O regime golpista apresentava uma postura desenvolvimentista, com o objetivo de normalizar as relações com órgãos financeiros internacionais, dando início a uma internacionalização econômica brasileira, aumentando sua dívida externa.

O Ministério do Planejamento criou o PAEG, buscando solucionar cinco questões imperiosas, quais sejam: o combate à inflação altíssima do período; incitar os investimentos estatais, principalmente na infraestrutura nacional; reestruturar o Sistema Financeiro do país; reduzir as desigualdades internas e atrair investimentos externos. E sobretudo, buscava a centralização do poder político e econômico. As diretrizes estratégicas, no âmbito político-econômico, do governo de Castelo Branco, fixadas no PAEG, visavam concretizar um plano de desenvolvimento global de ações coordenadas

24 MENDONÇA, Sônia R.; FONTES, Virginia M. *História do Brasil Recente*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1996. p. 9-20.
25 IANNI, Octavio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. 5ª edição. São Paulo: Civilização Brasileira, 1991. p. 210-214.

do governo no campo econômico. O planejamento determinava que houvesse uma maior eficiência no sistema de preços, quando houvesse uma ação complementar do Estado, visando harmonizar a livre empresa, os mecanismos de mercado e o sistema de planejamento.

Dentre as medidas estabelecidas por Castelo Branco no Plano de Ação Econômica estavam a reforma tributária e a alteração de sua estrutura com a elevação de impostos indiretos, enquanto os impostos diretos seriam reduzidos. Essas medidas protegeriam, assim, setores estratégicos através da concentração de renda, de uma política fiscal restritiva, de uma reforma financeira, de uma política tributária restritiva com a baixa emissão de moeda, de uma estabilização dos preços através da fixação dos mesmos, da redução do poder aquisitivo, uma vez que acreditavam que a inflação era resultante de excesso de consumo, das reformas bancárias e a facilitação aos empréstimos bancários no mercado externo. Ademais, o governo buscava aumentar os investimentos indiretos através de empresas públicas e equilibrar o déficit da balança de pagamentos.

O Banco Central foi criado durante a reforma bancária, em 1965, junto com o Conselho Monetário Nacional. Instaurou-se também a correção monetária para reduzir as consequências da inflação. Ademais, criou-se o Sistema Financeiro Habitacional e o Banco Nacional de Habitação, os quais auxiliaram o setor de habitação.

No âmbito da reforma tributária, foram criados o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), o Programa de Integração Social (PIS) e o Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP) com o objetivo de aumentar a arrecadação, enquanto o governo, para financiar sua dívida pública, lança as Letras do Tesouro Nacional, antiga Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional. Alguns autores acreditam que a contração monetária foi precipitada, pois os principais responsáveis pelo aumento da inflação naquele momento foram os preços agrícolas, devido à quebra de safra.

Do ponto de vista das relações de trabalho, aparece um elemento oculto e perverso que foi fundamental para o tal "crescimento econômico" e a alta lucratividade das empresas no período da ditadura. Segundo o Memorial da Democracia, após o golpe de 1964 é decretado o fim do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e demais organizações sindicais. Nos primeiros meses que se seguiram, dezenas de milhares de sindicalistas e militantes do movimento operário foram presos em delegacias, navios e até em estádios de futebol. Ao final do primeiro ano do governo Castelo Branco, 63 dirigentes sindicais tiveram seus direitos políticos cassados. Até o primeiro ano do governo Médici, em 1970, ocorreram 536 intervenções em sindicatos, federações e confederações, 6 mil trabalhadores proibidos de participar de direções sindicais, além de milhares demitidos por "razões de segurança nacional" com base no Decreto-Lei nº 3, de janeiro de 1966.

No período que abrange os anos de 1965 a 1973, com as reformas liberais de Campos-Bulhões e o amordaçamento da classe trabalhadora, registra-se um crescimento do Produto Interno Bruto e da produção industrial, com um aumento do capital estrangeiro em forma de investimentos diretos. Ao fim e ao cabo, como refere-se Habert, "as empresas multinacionais consideravam o Brasil área segura e rentável para seus investimentos" [26], sendo assim, a princípio, as indústrias multinacionais mais estimuladas para investir no Brasil foram as automobilísticas, seguidas das químicas e farmacêuticas.

Contudo, o desenvolvimento maior foi o das indústrias estrangeiras de bens duráveis (elétrica, autopeças, veículos, eletrodomésticos) e mesmo que o desenvolvimento maior tenha sido na área de bens duráveis, a indústria em geral tive seu crescimento intensificado. De acordo com Habert, "ao final de cada balanço econômico, o governo e a burguesia parabenizavam-se pelos números, pelo 'clima de calma e

[26] HABERT, Nadine. *A década de 70*: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996. p.11.

tranquilidade' que diziam existir no País e, é claro, pelas altíssimas taxas de lucros obtidos" [27]. O Brasil passa a ser então um país de aparências, onde só eram observados e levados em conta dados da economia industrial pela ótica da burguesia, deixando de lado a análise socioeconômica de quem realizava a real produção interna do país, a massa de trabalhadores assalariados, que se encontrava mais da metade recebendo menos de um salário mínimo, e em péssimas condições sociais e de trabalho, sendo o Brasil um dos primeiros países em assuntos como subnutrição, mortalidade infantil e acidentes de trabalho, segundo Nadine Habert na obra supracitada. Ou seja, apesar deste suposto crescimento, a concentração de renda e as questões sociais cresceram [28].

Do pós-guerra até meados de 1970, compreende-se como o ápice do capitalismo mundial. Durante 30 anos foram atingidas grandes taxas de crescimento e, neste período, o fluxo de comércio e de capital financeiro aumentou. No Brasil também houve crescimento, que através da política econômico-monetária de Delfim Neto, direcionou-se para um aumento de crédito ao setor privado, estimulando a produção para o mercado interno seletivo, para exportações, além de incentivar e anabolizar o sistema de capital financeiro, proporcionando tal crescimento.

Do mesmo modo, houve uma grande entrada de capital externo, haja vista que a taxa de juros externa se encontrava reduzida e a balança comercial estava equilibrada, com um déficit apenas nos serviços produtivos. Havia um excesso de liquidez interna e os investidores solicitavam empréstimos com prazos mais curtos, o que ocasionou o endividamento das empresas nacionais, ensejando um baixo endividamento líquido, ou seja, 2/3 de endividamento foram convertidos em reservas. Do ponto de vista dos trabalhadores, como já foi dito no início deste capítulo, entre 1964 e 1973, eles tiveram

[27] *Idem*, p.12.
28 SINGER, Paul. *A crise do "milagre"* – Interpretação crítica da economia brasileira. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 115-117.

seu poder aquisitivo reduzido. Os salários efetivos dos trabalhadores ligados à produção não tiveram tantas perdas de poder aquisitivo.

Já em 1973, houve um aumento dos bens de produção e o departamento responsável era pouco desenvolvido. O Departamento de bens de consumo duráveis aumentou 97% e o de bens internos aumentou 45%, provocando inflação e déficits comerciais. Com o grande crescimento da agricultura de exportação, começou a faltar produtos internos, ensejando o aumento dos preços. No mesmo ano, a crise petrolífera afetou o mercado internacional, ocasionando o aumento dos juros para impedir a saída de capital, o que aumenta o endividamento [29].

Com a posse do presidente Ernesto Geisel, há a implantação do segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), no final de 1974, voltado para as indústrias produtoras de bens de capital e bens intermediários, seguindo a visão de Getúlio Vargas. Neste período, as estatais, em sua grande maioria, pediam empréstimos aos países estrangeiros, enquanto as empresas nacionais tinham que pedir primeiro ao governo brasileiro. Assim, os recursos que entravam serviram para financiar os déficits em transações correntes. O referido plano foi instaurado para reduzir os estrangulamentos sucessivos da economia. Além disso, foi implantado o programa nuclear brasileiro, com apoio tecnológico e financeiro alemão.

Este plano de desenvolvimento tinha como objetivo o crescimento industrial do setor de bens de produção, visando diminuir a dependência externa de bens de capital e petróleo. Tal plano era financiado por empréstimos externos, o que aumentava os déficits em transações correntes. Mesmo com as condições externas desfavoráveis, o governo aceitou os riscos aumentando os déficits comerciais e a dívida externa, elaborando um

29 SINGER, Paul. *Op. Cit*. p. 117-119.

reordenamento da política industrial a fim de se evitar uma desaceleração na economia. Como analisam Fontes e Mendonça,

> Resgatar o fôlego dos investimentos e da própria acumulação, sem que o regime sofresse fissuras ou reordenações era impossível. A conjuntura pós-74 inaugurou-se sob o signo da busca: de uma nova forma de dominação e de novas alternativas para a economia [30].

As prioridades governamentais eram o setor energético, siderúrgico e petroquímico, em detrimento da indústria de bens de capital. O governo contou com o auxílio de empresas estatais e transferiu fundos públicos através do BNDE para o financiamento de grandes empresas de bens de capital do setor privado nacional. Dessa forma, financiava a importação de equipamentos das empresas produtivas estatais e repassava créditos ao setor privado – através de agências como o BNDE, por exemplo – a taxas de juros negativas, ou, dito de outro modo, *"o Estado constituía-se no agenciador da lucratividade das empresas oligopolistas"* [31].

O segundo Plano Nacional de Desenvolvimento procurava habilitar as indústrias para realizar a produção de bens com tecnologia mais avançada, por meio de financiamentos subsidiados. Os programas de investimento tiveram empréstimos externos no financiamento, mas os recursos principais eram provenientes das seguintes empresas estatais: Eletrobrás, Petrobrás, Sidebrás, Embratel dentre outras empresas públicas, que financiavam os déficits em transações correntes. A falha do referido sistema jaz nos empréstimos concedidos com taxas de juros variáveis.

Os objetivos do II PND eram diversos e deveriam ser cumpridos num espaço de tempo muito curto, o que impediu sua completa realização. Tal projeto vislumbrava uma nação desenvolvida, e, portanto, não tinha o apoio das bases sociais de sustentação do

30 MENDONÇA, Sonia Regina de. FONTES, Virginia Maria. *Op. Cit*. p. 52.
31 *Idem*, p. 54-55.

setor de bens de capital, bem como das lideranças empresariais do setor industrial, que criticavam a política econômica e defendiam a redemocratização do país.

Com o aumento de investimentos por meio de endividamentos houve déficit em transações correntes e um crescimento da inflação, levando o país a registrar redução das taxas de crescimento industrial. O país volta à recessão, ampliada com as alterações ocorridas no sistema financeiro internacional em 1981. O ciclo de crescimento econômico, que obteve seu melhor período entre 1968 e 1974 terminava, coincidentemente ou não, com o início do período de abertura política e a redemocratização.

O fim do "milagre econômico" é registrado a partir de 1974, onde construiu-se uma narrativa que um fator externo ao "modelo brasileiro", no caso uma crise mundial causada pelo aumento elevado do petróleo no mercado, elevando ainda mais a inflação, de modo que a balança comercial nacional apresentou um déficit elevado, devido à importação de petróleo a preços muito altos. O choque internacional do petróleo veio a funcionar, no entanto, como o "álibi" perfeito para uma situação de duplo impasse que o país atravessava [32]. Entretanto, como bem sintetizam Mendonça e Fontes, "a crise do 'milagre brasileiro' caracterizou-se por duas peculiaridades: foi uma crise de endividamento e uma crise de fim do fôlego do Estado na manutenção do ritmo do crescimento" [33].

1.4. Aspectos do "milagre"

Observou-se anteriormente as "pré-condições" para o chamado "milagre", que foram: a capacidade ociosa herdada dos "50 anos em 5"; as reformas institucionais

32 MENDONÇA, Sonia Regina de. FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil Recente*: 1964 – 1992. São Paulo: Editora Ática, 1996. p. 52.
33 MENDONÇA, Sonia Regina de. FONTES, Virginia Maria. *Op. Cit*., p. 54.

implementadas pelo PAEG (organização do sistema financeiro, estabilidade monetária, recuperação da capacidade fiscal do Estado, equacionamento do problema externo); a revisão do diagnóstico sobre a inflação formulado pelo PAEG; o afrouxamento da política de crédito e uma política expansionista (aumento substantivo da liquidez da economia). De acordo com Macarini,

> A ideologia político-econômica tecida durante o governo Castello Branco foi composta de ingredientes muito singelos: na linha de frente, o combate sem trégua à inflação (a origem de todos os males), acompanhado do repúdio à tentação estatista – assim, num cenário de estabilidade e livre-iniciativa, brotaria com pleno vigor a nova racionalidade, alicerce firme do desenvolvimento. Este teria, ainda, outro pilar no reconhecimento das virtudes da internacionalização que, esperava-se, agora prosseguiria sem estraves de espécie alguma [34].

Outro fator de suma importância foi a produção de uma nova legislação salarial e trabalhista, que, além de institucionalizar o arrocho seletivo à classe trabalhadora, aboliu, na prática, o direito de greve e o poder de barganha coletiva, promovendo rearranjos nas relações de trabalho. Além de todo aparato repressivo para efetivação dessas políticas, buscou-se imprimir uma retórica de apaziguamento da luta de classes por meio da colaboração da classe trabalhadora. Para Mendonça a legitimação política

> (...) buscou-se, mais uma vez, sensibilizá-los para as questões associadas ao desenvolvimento, através de dois expedientes: o fomento da popularidade do Chefe de Governo e a difusão dos resultados obtidos na área econômica. (...) A vigência do 'milagre' econômico entre 1968 e 1974 deu suporte a este processo [35].

A política de estabilização econômica implantada na ditadura pode ser vista como "o AI-5 dos trabalhadores", o que só pôde ser implantado com base na "coerção, vigilância, tutela e punições". A partir de então, o empresariado gozou de "caminho livre para 'arrancar a produção' dos empregados, estes que antes 'arrancavam' direitos aos

34 MACARINI, José Pedro. A política econômica do governo Médici. *Revista Nova Economia*, Belo Horizonte, Vol. 15 p. 53-92, set./dez., 2005 p. 55.
35 MENDONÇA, Sônia R. *Op. Cit.*, p. 116.

patrões” [36]. Apesar das constantes declarações de Castelo Branco, primeiro presidente da ditadura, de que era necessário o sacrifício de “todos” em nome do desenvolvimento do país, cada vez ficava mais claro que o operariado sofreria com a maior parte dos encargos.

O papel da grande imprensa foi basilar para a construção dessa retórica, imprimindo uma ideia de aparente normalidade nas relações sociais e de trabalho apesar do recrudescimento da violência do Estado no auge das práticas institucionais de repressão sob os efeitos do AI-5. Como lê-se no Editorial de capa do jornal *O Globo* – um dos mais ferozes defensores do regime – intitulado *Congraçamento do Trabalho* do dia 1º de maio de 1972,

> O PRIMEIRO de maio transcorre entre festejos e confraternização dos trabalhadores de todos os níveis de renda, qualificados e não-qualificados, um conjunto que participa, bem orquestrado, na sinfonia do desenvolvimento nacional.
> É MOTIVO de regojizo para todos os brasileiros que a nossa festa do Trabalho não esteja poluída pelo ódio da luta de classes e pela hostilidade dos grupos. O nosso Primeiro de Maio não é oportunidade de exibição de força do proletariado dirigida contra o resto da sociedade. Esse padrão de comportamento social, ainda dominante em alguns países, não corresponde à evolução do nosso tempo e, muito menos a essa evolução quando realizada em um país que redobra sacrifícios para alçar-se acima da miséria.
> SÃO MUITOS os indícios de que o relacionamento das classes sociais, na sociedade moderna de massa, onde predominam as grandes concentrações urbanas, não se coaduna com as paralisações selvagens do trabalho e com a perda de riqueza daí recorrente. A sociedade moderna está exigindo relações sociais segundo normas estabelecidas que regulem adequada distribuição de renda entre os diferentes grupos econômicos, sem apelo a práticas que prejudicam o conjunto da sociedade.
> ESSA normatividade configura negociações e ajustes por arbitragem institucionalizada, reservando-se sempre o Estado o direito de coibir tudo aquilo que importe em grave dano ao bem-estar da coletividade.
> A POLÍTICA de distribuição de renda do Brasil contemporâneo tem vista não apenas o nível de salário mas também o problema crítico do nível de oferta de empregos. Essa oferta tem de crescer pra abastecer os novos contingentes que entram no mercado. Por isso, o trabalhador compreenderá muito bem a importância de novos investimentos e de mais acumulação de capital. As duas necessidades, melhor salário e melhor emprego, só podem ser conciliados corretamente em um país em desenvolvimento, mediante uma política salarial orientada pelo imperativo da ampliação do mercado de trabalho: novas empresas, novos empregos.
> A DISTRIBUIÇÃO da renda é comandada, assim, ao impulso consciente por maior oferta de emprego e, dentro dela, de mais empregos qualificados. A distribuição de renda não se mede apenas através do salário pago. Afere-se,

36 NEGRO, Antonio Luigi. *Linhas de montagem*: o industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 245.

> também, pelas oportunidades de educação, de saúde, de cultura, de habitação e de direitos sociais que garantam o bem-estar [37].

Em 1967, quando Antônio Delfim Netto assume o comando da economia, há uma revisão do diagnóstico sobre a inflação, pois ele havia sido um crítico contundente do diagnóstico da inflação assumido pelo PAEG. Para ele, a queda de demanda provocada pelo Plano teria sido maior do que a desejada, aprofundando e prolongando desnecessariamente a recessão e a queda do nível de emprego. Havia uma crise de demanda que tinha de ser debelada: a queda dos salários e do emprego, os gastos do governo contraídos e o desestímulo aos investimentos (falta de liquidez nas empresas e redução nas taxas de lucro).

A inflação, ainda restante em 1967, era resultado de tensões de custo, quais sejam: o reajuste dos preços dos insumos produzidos pelo Governo; reajuste das tarifas do setor público; crescimento das taxas de juros em termos reais; aumento da carga tributária e dos encargos sociais. Assim, ao contrário do que pregavam os que defendiam a continuidade da política ortodoxa, para Delfim, era a produção que vinha se ajustando à queda da demanda e gerando maior capacidade ociosa e não a demanda que vinha se ajustando à capacidade produtiva da economia, por isso os resultados da política anti-inflacionária não estavam sendo tão bons quanto os esperados, haja vista que o problema não era de excesso de demanda, mas de rigidez de custos [38].

A contração da demanda, ao invés de jogar contra a inflação, jogava a favor, impedindo os preços de caírem, dada a rigidez de sua composição e a redução das taxas de lucro. A continuidade dessa situação agravaria ainda mais o problema, pois desestimularia o crescimento da oferta e colocaria mais lenha na fogueira da inflação.

---

37 Jornal O GLOBO, Editorial Congraçamento do Trabalho, 01/05/1972. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019720501 Acesso em 20/04/2021.

38 HERMANN, Jennifer. Reformas, Endividamento Externo e o "Milagre" econômico (1964 – 1973). In: GIAMBIAGI, Fabio; VELOSO, Fernando; VILLELA, André (orgs.). *Economia Brasileira Contemporânea (1945 – 2010)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 68-70.

Aliado a isso havia a desconfiança do equívoco das teses estagnacionistas, com as quais o PAEG de alguma forma concordava. Portanto, a solução era: crescer.

Para Delfim Netto, ao contrário, o Brasil já possuía as condições necessárias para um desenvolvimento sustentável com base, exclusivamente, na ampliação do mercado interno. Para que isso acontecesse, porém, era preciso destravar as amarras que a política ortodoxa do PAEG havia criado.

Após esse novo diagnóstico feito pelo economista em 1967, há uma intensa retomada dos investimentos públicos em infraestrutura (possibilitada pela recuperação financeira do Estado), além do aumento substantivo do investimento das empresas estatais, recapitalizadas graças à política da "verdade tarifária". Estão lançadas todas as "bases" formais para o "milagre econômico".

O crescimento médio do PIB, no período de 1968 a 1973 atingiu 11,1% ao ano e o da indústria manufatureira 12,6%. No mesmo período, o crescimento da produção de bens duráveis de consumo alcançou a taxa média de 23,6% ao ano e o de bens de capital 18,1%. A indústria de bens de consumo não durável cresceu abaixo da taxa média de crescimento do PIB, alcançando no mesmo período 9,4% ao ano. À agricultura recuperou sua taxa histórica e cresceu à taxa média de 4,8% ao ano. A construção civil cresceu a uma taxa média de 15% ao ano, graças ao aumento dos investimentos públicos e à maior demanda por habitações provocadas pela expansão do crédito do SFH (Sistema Financeiro da Habitação). Esse crescimento todo se fez sem maiores pressões inflacionárias porque basicamente ocupa a capacidade ociosa herdada do período anterior [39].

39 GIAMBIAGI, Fabio; VELOSO, Fernando; VILLELA, André. Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, jun 2008.

As importações nesse período passaram de 5,4% para 8,6% do PIB, mas as exportações mais que dobraram, garantindo o equilíbrio da balança comercial. Apesar do equilíbrio das contas externas, à dívida externa cresce em virtude do elevado grau de - liquidez internacional e da política de acúmulo de reservas adotada pelo governo. Apesar do crescimento acelerado das indústrias de base, aumenta muito a participação das importações na oferta de bens de capital, passando de 23% em 1966 para 36% em 1974.

A nota mais negativa e perversa do "milagre" foi, sem dúvidas, o aumento colossal da concentração da renda. O salário mínimo real, apesar de cair menos do que no período anterior (entre 1964 e 1966, quando caiu 25%) continuou sua trajetória de queda, caindo mais 15% entre 1967 e 1973. Assim, o imenso crescimento e a elevação substantiva da margem de lucros não foram repassadas aos salários, o que seria de se esperar em um contexto de crescimento acelerado da demanda por mão-de-obra. O cerceamento das atividades sindicais e o próprio modelo de acumulação é que explicam esse resultado.

A política salarial e trabalhista também provocou a maior subordinação do trabalhador à disciplina da fábrica. Torna-se impossível desconhecer que a política trabalhista posta em prática após 1964 foi um fator fundamental para que a economia brasileira viesse a alcançar as elevadas taxas de crescimento do pós-68. Entretanto, o reverso da medalha foi a deterioração da qualidade de vida dos trabalhadores, que pode ser avaliada pelo aumento do número de acidentes de trabalho ao longo do período, bem como pelo crescimento dos índices de mortalidade infantil que, sabidamente, decorre muito mais dos níveis de nutrição do que dos de saúde.

Conforme analisa Nadine Habert,

> (…) o milagre tinha a sustentá-lo três pilares básicos: o aprofundamento da exploração da classe trabalhadora submetida ao arrocho salarial, às mais duras condições de trabalho e à repressão política; a ação do Estado garantindo a expansão capitalista e a consolidação do grande capital nacional e

> internacional; e a entrada maciça de capitais estrangeiros na forma de investimentos e de empréstimos [40].

A partir de 1974, há uma aceleração da taxa de inflação, que passa de 15,5% em 1973 para 34,5% em 1974. Há uma desaceleração do crescimento, passando a taxa média do período 1974-1979 para 6,5% ao ano. A balança comercial, que se mantivera equilibrada ao longo de todo o período do "milagre", passa, a partir de 1974, a apresentar enormes déficits que ultrapassam os U$4 bilhões ao ano.

Além de toda a questão econômica, deve-se levar em conta a questão política. Segundo Singer,

> É bastante claro que os "milagres econômicos" têm sobretudo caráter político. Eles são promovidos através de meios de comunicação de massa para popularizar determinados aspectos da política econômica, aos quais se atribui grande eficácia na promoção do crescimento [41].

Em uma fase em que as informações eram peneiradas e controladas, ressalta-se o papel da grande imprensa nacional e internacional, que, segundo Singer, teve grande importância na formatação do que convencionou chamar de "milagre brasileiro". Nesse sentido,

> O modelo brasileiro de desenvolvimento' foi, de certo modo, uma criação da grande imprensa internacional, num período em que as elevadas taxas de crescimento verificadas aqui contrastavam com a ocorrência de recessões e crises na balança de pagamentos em numerosos países capitalistas desenvolvidos [...] A ideia do 'modelo' é que o Brasil tinha encontrado um modo sui generis de escapar às vicissitudes das crises internacionais, mantendo ao mesmo tempo taxas inéditas de expansão do produto [42].

Todavia, o nacionalismo estava longe de se caracterizar como a política econômica do Estado, assim como não fazia parte da ideologia dos empresários. Assim como o golpe de 1964 não representou ruptura com o padrão de desenvolvimento

---

40 HABERT, Nadine. *A década de 70*: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996. p. 13-14.
41 SINGER, Paul. *"A Crise do "Milagre"*: interpretação crítica da economia brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.15.
42 SINGER, Paul. *Ibdem*, p. 163.

juscelinista, servindo, pelo contrário, para remover os "obstáculos" que impediam sua plena consolidação, a industrialização autônoma foi promovida à categoria de "mito" [43].

> O golpe representou a institucionalização de uma tendência presente na economia brasileira desde há muito. Se houve alguma diferença no tratamento ao capital estrangeiro, esta dizia respeito a dois aspectos: ao volume e à diversidade das áreas onde sua presença se daria, bem como ao fato dele ser incorporado, daí por diante, enquanto estratégia de um projeto político institucional baseado na Doutrina da Segurança Nacional (DSN) [44].

A fração burguesa organizada conjuntamente com os militares na recomposição das forças políticas resultantes do golpe não pode ser desprezada. Sua posição singular no sistema de dominação levou a que impusessem a toda a sociedade valores que formaram um consenso sobre o regime, além de toda coerção exercida pelo Estado. Foi de suma importância os novos veículos de comunicação, com os quais o Executivo trabalhou a partir de 1964, visando estabelecer uma ligação direta com a opinião pública.

1.5. Trabalhadores: o fator oculto do "milagre"

As condições de vida dos trabalhadores foram fortemente determinadas pela conjuntura das políticas econômicas adotadas após o golpe de 1964, principalmente durante o período de maior crescimento da economia brasileira na ditadura que ficou conhecido como "milagre econômico".

O sustento "milagroso" do crescimento econômico significou, para os trabalhadores, um piora expressiva em suas condições de vida, já que o aumento da lucratividade foi possibilitado por uma intensificação da exploração do trabalho, baseada no rebaixamento dos salários e no aumento da produtividade. Esse contexto de superexploração vem também junto às políticas de controle da luta sindical por parte da ditadura militar, o que deixou os trabalhadores em condições vulneráveis. A perda do

43 MENDONÇA, Sônia R. *Op. Cit*. p. 113.
44 *Idem/Ibidem.*

poder de compra, causado pelo rebaixamento salarial, fez com que mulheres e crianças sentissem a necessidade de trabalhar nas fábricas, para complementar a renda familiar, o que contribuiu como mais um fator para o barateamento da mão de obra.

A desvalorização dos salários reais, que se dá entre meados dos anos 1960 e os anos 1970, é fruto direto de uma suposta política de austeridade vigente na ditadura militar que visava, através do arrocho salarial, combater a inflação. Com essa política, os reajustes salariais eram impostos pelo governo através do cálculo oficial da inflação. Durante esse período, os reajustes, em geral, foram fixados em valores que não acompanhavam o aumento do custo de vida dos trabalhadores, já que o governo utilizava da manipulação do índice oficial de inflação para manter, artificialmente, os aumentos salariais mais baixos e, portanto, reduzindo o valor do salário real dos operários [45].

A ideia mais generalista que se impõe sobre o desenvolvimento brasileiro da segunda metade do século XX em diante, sobretudo pelo modelo implantado por JK, é de que a indústria de bens duráveis além de ditar um novo ritmo de crescimento também modernizou de forma mais ampla, com trabalhadores mais qualificados e, seguindo a lógica liberal, por consequência, mais bem remunerados.

Por um certo tempo alguns pesquisadores que se dedicaram a estudar a economia no período entre 1964 e 1985, identificaram de maneira equivocada que os trabalhadores dos setores mais dinâmicos da indústria – especialmente a automobilística do ABC Paulista – compunham um grupo privilegiado em comparação ao restante da classe trabalhadora do país. Seriam eles então, segundo essa visão, parte de uma "aristocracia operária", um segmento privilegiado e, portanto, conformado com sua condição, que seria caracterizada pelo recebimento de salários mais altos, pela maior especialização dos trabalhadores, por melhores condições de trabalho, entre outras características.

[45] HUMPHREY, John. *Fazendo o "milagre"*: Controle capitalista e luta operária na indústria automobilística brasileira. Petrópolis: Vozes, 1982.

John Humphrey faz uma análise das condições do operariado empregado na indústria automobilística e chega à conclusão de que "quase não há dúvida de que nos anos 1970 esses operários não exibiam as marcas de uma aristocracia operária" [46].

Para se entender os impactos do *boom* da economia brasileira, especialmente sobre a classe trabalhadora, deve-se também analisar o contexto geral no qual o país estava vivendo em relação à sua economia, à sua política e principalmente sobre as condições de vida da população. Na questão econômica, o país divulgava seus recordes estatísticos, no entanto, contava com um grande aumento na dívida externa, que saltara de 3,9 bilhões no começo do milagre para 12,5 bilhões no final, além do crescimento da desigualdade social, com 78,8% da população ganhando menos do que dois salários mínimos [47]. Em sua vertente política, o governo da época era extremamente repressivo, qualquer movimentação trabalhista ou contestação governamental era respondida de forma violenta por dirigentes do Estado. As censuras também eram uma característica forte do governo, fazendo com que os jornais de imprensa alternativa tivessem grande parte de suas publicações vetadas, principalmente textos críticos que destacassem o sistema trabalhista dando voz ao operariado.

Dessa forma, a conscientização da sociedade perante questões políticas e socioeconômicas se tornava praticamente impossível. Em relação ao contexto social, depara-se com a massa da população à margem das preocupações do Estado nacional, em condições de trabalho e de vida deploráveis; as horas de trabalho necessárias para a compra de alimentação mensal foram respectivamente aumentadas. Em menos de dez anos a média mensal de horas de trabalho teve um profundo aumento, saltando de 65 horas e 05 minutos em 1959, para 101 horas e 35 minutos em 1968 (início do milagre), e intensificando-se ainda mais em 1973 (final do milagre), totalizando em 147 horas e 04

[46] *Idem.*, p.228.
47 ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil (1964/1984). Bauru, SP: Edusc, 2005.

minutos a quantia necessária de horas trabalhadas para a compra da alimentação mensal mínima [48]. Além do aumento também do índice de subnutrição, de mortalidade infantil e de acidentes de trabalho, como afirma Habert,

> 72 milhões de brasileiros (67% da população) eram subnutridos. A taxa de mortalidade infantil aumentou não só nas regiões tradicionalmente atrasadas como também nas mais industrializadas [...] estima-se que dos 36 milhões de pessoas que compunham a PEA (População Economicamente Ativa), dois milhões foram vítimas de acidentes de trabalho [49].

Analisando todas essas questões, percebe-se que o "milagre econômico", de milagroso não tinha nada, afinal o que levou a ser denominado dessa forma, foram basicamente três pilares:

> O aprofundamento da exploração da classe trabalhadora submetida ao arrocho salarial, às mais duras condições de trabalho e à repressão política; a ação do Estado garantindo a expansão capitalista e a consolidação do grande capital nacional e internacional; e a entrada maciça de capitais estrangeiros na forma de investimentos e de empréstimos [50].

Além de todos os problemas existentes, a classe trabalhadora foi submetida também ao chamado "arrocho salarial", no qual o salário mínimo não acompanhava o reajuste da inflação. Com isso, as empresas estrangeiras e as empresas privadas nacionais se sentiam atraídas pelo baixo preço da força de trabalho, logo a desigualdade social se tornou ainda maior. O governo não estava preocupado em realizar a distribuição de renda e consequentemente disponibilizar uma economia estável para toda a população, mas, sim, preocupado em aumentar o tamanho do bolo econômico para a classe privilegiadas.

Os relatórios da Comissão Nacional da Verdade, cujos trabalhos foram concluídos em 2014, são categóricos ao analisar o "modelo econômico" instaurado com a ditadura e como os trabalhadores contribuíram para o "milagre". Em seu Volume II, registra-se:

> Os trabalhadores e seu movimento sindical constituíram o alvo primordial do golpe de Estado de 1964, das ações antecedentes dos golpistas e da ditadura militar. Essa afirmação evidencia-se pela violência anterior ao golpe, praticada nos estados em que os governadores, forças militares e policiais,

48 *Idem.*
49 HABERT, Nadine. *Op. Cit*. p. 12-13.
50 *Idem,* p. 13-14.

> articulados com o governo norte americano, já estavam conspirando contra o governo federal, bem como pelos duros ataques, desde as primeiras horas, impostos aos trabalhadores e a seus órgãos representativos de classe. Evidencia-se, também, pelas políticas econômicas e sociais desenvolvidas pela ditadura militar e pelo número de vítimas das graves violações sofridas, na comparação com vítimas de outras classes sociais [51].

Um exemplo notório sobre a violência e controle em favor do capital e da acumulação é a cooperação entre o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e a Volkswagen, formando uma "rede" estatal-privada destinada a conter, disciplinar e reprimir, para obter maior rendimento no trabalho de operários e operárias. A verificação de "bons antecedentes" passou a incluir critérios político-ideológicos, como o impedimento na admissão ou a paralisação na carreira de trabalhadores que tenham participado de qualquer assembleia em sindicatos ou associações, ou a simples leitura de algum periódico considerado subversivo, tornando isso um fato "incriminador".

Para a admissão na Volks, ou a título de recadastramento de seus funcionários, o seu Departamento Pessoal tinha questionários com as seguintes perguntas: Você é sócio do Sindicato? Qual a sua religião? Que jornal você lê? Essa prática era recorrente entre as empresas, e, no decorrer do tempo provoca uma desmobilização e incentivo a despolitização do operário, criando uma disciplinarização perversa com efeitos até o tempo presente, onde existe um senso comum negativo em torno da sindicalização ou o simples fato de mentir a respeito do credo que segue. Trabalhadores com processos trabalhistas também eram considerados "ficha suja", outro *modus operandi* do capital para disciplinar a classe trabalhadora, doutrinar e não questionar qualquer abuso patronal, com efeitos até hoje.

Concluindo com os termos da Comissão Nacional da Verdade,

> Embora a aliança entre empresários e forças de segurança fossem estratégias preexistentes à ditadura militar, sua articulação, capilarização e militarização produziram um fenômeno novo: um novo regime fabril, baseado na vigilância

51 BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. *Relatório. Volume II*. Brasília: CNV, 2014. p. 58.

> e controle militarizados com obtenção da maior taxa de exploração da força de trabalho, articulado a um novo regime de acumulação [52].

Nestes termos, o milagre seria não haver "milagre".

2 CAPÍTULO 2 – O DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA NO PAÍS

Figura 2 - Capa da Folha de São Paulo em 03 de janeiro de 1971

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

FOLHA DE S. PAULO

Ano L Um jornal a serviço do Brasil São Paulo, domingo, 3 de janeiro de 1971 15.176

Preço do exemplar atrasado: Cr$ 0,50 Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira

A boa noticia do ano é o Brasil

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo.

Este capítulo tem três objetivos centrais. O primeiro deles é apresentar o processo das transformações que levam a imprensa artesanal a se tornar uma grande empresa industrial no país. O segundo é debater como os principais órgãos de imprensa no Brasil se apresentam, bem como fazer uma análise a partir dos pressupostos teóricos de Gramsci sobre o jornalismo e seus profissionais. O terceiro é o exame específico dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, seu desenvolvimento na segunda metade do século XX como os dois maiores jornais impressos do Brasil e as relações de seus proprietários com o Estado.

52 *Idem/Ibidem.*

A estrutura das ações desenvolvidas pelo capital multinacional associado demonstrada no capítulo anterior nos permite pensar na difusão ideológica através da imprensa e da atividade jornalística até década de 1970. Assim, pretende-se analisar neste capítulo as dinâmicas dos processos econômicos e culturais no desenvolvimento do jornalismo de massas no decurso do século XX, demonstrando suas ligações com as classes dominantes e as formas como o seu discurso chegava à sociedade civil.

Cada período histórico sofre a influência de ações sociais e dos agentes históricos e cabe ressaltar a importância da imprensa neste contexto para a formação de opiniões e apoio político as classes dominantes. Se, embora o conceito de jornalismo e imprensa descrito ao longo do tempo remeta a imparcialidade, ao apartidarismo e ao favoritismo para as classes trabalhadoras, a história do jornalismo brasileiro demonstra fatos bem diferentes.

Os produtos midiáticos se caracterizam por aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais e mercadológicos. Tanto que sociólogos, jornalistas e historiadores procuram analisar o desenvolvimento do jornalismo para compreender a sua atuação e relevância em cada momento histórico. O jornalismo define-se como a atividade de divulgação de informações voltadas para o público. Mostra-se como um discurso direcionado a diversos indivíduos, mesmo que pertencentes a classes diferentes, que compartilham simultaneamente imagens e informações. Como instituição, associa-se ao progresso tecnológico inaugurado pela criação da tipologia no século XV, que legitimou a atividade como ação apta a expor segredos e torná-los públicos periodicamente para todos. Ou seja, depende diretamente dos acontecimentos sociais.

Buscando uma perspectiva filosófica que norteará esta pesquisa sobre a imprensa, é possível encontrar em Gramsci o alerta: “os jornais são organismo político-financeiros e não se propõem a divulgas as belas-letras ‘em suas colunas’, a não ser que estas belas

letras aumentem a receita" [53]. O jornalismo se constitui num agente histórico conhecedor do mundo que nos cerca. A imprensa séria é aparentemente isenta é, na verdade, produto do capital das multinacionais e que elabora uma enunciação relativamente homogênea.

O jornalismo mostra-se como o olhar que integra a estrutura social capaz de promover novas condutas sociais ao longo da história e promove debates sobre temas que seleciona em sua agenda, estabelecendo consensos e estruturando senso comum sobre temas de seu interesse. As mídias normatizam e aplicam os valores culturais que as norteiam. A intervenção social do jornalismo ocorre em termos estruturais, porque é oriunda da produção organizacional, e não individual. As notícias são produtos sociais e organizacionais, que incidem sobre valores.

Neste capítulo discorre-se sobre o jornalismo brasileiro no século XX, seu desenvolvimento associado as transformações ocorridas no capitalismo brasileiro e a sua constituição como empresa. Neste contexto, um olhar histórico mostra-se fundamental para considerar as relações entre imprensa e poder. Cabe ressaltar que grande parte dos estudos indica que há momentos em que as mídias [54] atuavam, e ainda atuam como responsáveis pela manipulação do público, enquanto buscavam construir uma aura de liberdade de expressão e imparcialidade.

2.1. Desenvolvimento do jornalismo e da imprensa no Brasil

Como instituição cultural, o jornalismo se legitima na estrutura social por figurar como um espaço de múltiplos discursos de indivíduos pertencentes a vários grupos sociais, divergentes entre si e que formam a sociedade construída pelo jornalismo. Assim, desenvolvimento da imprensa no Brasil esteve alinhado com o desenvolvimento do país. Contudo, com a internacionalização do capitalismo no país ocorrida de forma mais

53 GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
54 Mídias ao longo deste estudo representam os jornais, rádio e redes televisivas.

robusta a partir dos anos 1950, as técnicas de imprensa, ou seja, a divulgação e a apresentação das notícias, foram muito influenciadas pelo jornalismo estadunidense. Até então, o jornalismo brasileiro assemelhava-se ao modelo francês, onde a identificação com tendências políticas e partidárias era mais explícita.

O jornalismo começou a expandir-se no século XIX concomitantemente a expansão da imprensa. Contudo, apenas no século XX, com o surgimento de novos meios de comunicação como o rádio e posteriormente a televisão, essa expansão tornou-se global. Durante o século XIX houve uma grande evolução na imprensa devido a diversos fatores como a evolução do sistema político-econômico, os avanços tecnológicos, transformações sociais e o reconhecimento da liberdade como caminho para a democracia. Com a criação do telégrafo, o cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguerreótipos, a linotipo o desenvolvimento da imprensa brasileira tornou-se uma realidade.

Considerando as inovações de caráter técnico, as impressoras capazes de imprimir maiores tiragens em tempo mais reduzido e a introdução da figura do repórter. A comunicação com esses artefatos ganhou grande dinamismo e obrigou os jornais da época a reanalisar seu papel social e mercadológico, como destaca Barbosa [55] ao citar o texto do Jornal do Brasil: "uma notícia abala mais o governo do que 30 artigos e 30 artigos não dão ao jornal a tiragem que uma notícia proporciona". Nesse rumo seguiu a imprensa brasileira ao longo do século XIX.

Ao longo de sua obra, Barbosa [56] descreve a relação entes a cidade do Rio de Janeiro e os jornalistas, visto que o jornalista atua como mediador da cultura e da política da sociedade em sentido amplo. O Rio de Janeiro como capital do jornalismo brasileiro

55 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa Brasil-1900-2000.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 23.
56 *Ibidem.*

tornou-se berço de notícias sensacionalistas, fato que se deu principalmente ao longo das décadas de 1910 e 1920, indicando uma mistura de curiosidade e sadismo que, ao mesmo tempo, causava medo na população e aumentava o consumo dos jornais. Esse contexto sensacionalista seduziu diversos repórteres, como Nelson Rodrigues, que iniciou sua carreira jornalística no jornal de seu pai *A Manhã*, e Paulo Barreto no registro civil, um dos principais repórteres do estado nas primeiras décadas do século XX, que dedicava uma especial atenção à classe marginalizada carioca.

Neste período, a subjetividade, a descrição minuciosa e a narrativa marcavam as reportagens. As cidades passavam por ações urbanísticas e a população estava se alfabetizando. Em 1920, o censo mostrou que 74,2% da população carioca (de um total de 1,2 milhão de pessoas) acima de 15 anos era letrada, embora maioria das mulheres continua-se analfabeta.

Nos primeiros anos de século XX, os periódicos se multiplicaram, de forma concomitante ao aumento dos alfabetizados que tinham os jornais como único meio de comunicação para compreender este período conturbado. O jornalismo com moldes empresariais já se mostrava, de forma tímida, desde o final do século XIX, começou a se sobressair em comparação com outro tipo de imprensa: periódicos quase artesanais e com baixas tiragens. Esse modelo manteve seu aspecto crítico ao longo dessa década, geralmente como meio para questionar imposições originadas da luta política.

Neste período, surgiu o primeiro "império" das comunicações no Brasil. Em 1925, Francisco de Assis Chateaubriand comprou *O Jornal*, dando início ao seu conglomerado de comunicação, que viria a se chamar *Emissoras e Diários Associados*, abrindo assim o caminho para outros empresários da cena midiática carioca e nacional

[57]. Contudo, Barbosa esclarece que os jornais dependiam dos subsídios oficiais do governo federal.

Segundo a autora[58], a década de 1930 é considerada por grande parte dos historiadores da imprensa um período que refletiu a consolidação da imprensa burguesa. Corroborando com essa perspectiva Sodré [59] em sua obra "História da Imprensa do Brasil" relata que esta década representou um grande desenvolvimento da imprensa e consolidou a estrutura empresarial. A imprensa burguesa possuía um público específico, qual seja, a pequena burguesia urbana. A relação entre emissor e o receptor era de interdependência, visto que era uma relação mútua de influência e, naquela época, não havia forças econômicas que afetassem esse vínculo.

As alteridades entre a "pequena imprensa" e imprensa empresarial só aumentaram ao longo dessa década. No final da década de 1920 e início da década de 1930, houve crescimento dos investimentos na imprensa, embora o Brasil sentisse as consequências da recessão econômica mundial, que teve seu ápice na "Grande depressão" de 1929, e seus efeitos diretos no âmbito político, com a ruptura das oligarquias cafeeiras. Surgiram novos processos de impressão em cores e impulsionou uma nova política de vendas dos jornais, fator que promoveu maior celeridade ao processo de desenvolvimento do jornalismo informativo.

O panorama da época retrata que a expansão do jornalismo durante os anos 1920-1930, embora tenha enfrentado a recessão internacional, tornou-se um negócio lucrativo economicamente com o crescimento do número de assinaturas e dos anúncios publicitários, mas também devido a sua participação no jogo político ao se

57 BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* p.76-77
58 BARBOSA, Marialva. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 219, 2006.
59 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 371.

autodenominar como “reflexo da sociedade”, sendo a imprensa decisiva na formação de uma opinião pública.

Ainda neste período, o surgimento de dois novos componentes contribuiu para um novo modo de fazer jornalismo. Em 1923, houve o surgimento do rádio com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, posteriormente denominada como Radio Ministério da Educação e Cultural. Apesar de ter se tornado um concorrente dos jornais em 1930, o surgimento deste veículo de comunicação mudou o conceito de notícia. O jornalismo impresso passou a buscar um estilo que o diferenciasse ainda mais do rádio e mantive o caráter atrativo como meio de informação.

O outro elemento importante é a criação da Revista *O Cruzeiro*, em 1928. A partir de então os jornais foram compelidos a trabalhar com outros elementos como, mormente, fotografias e ilustrações, como resultado da busca por um novo padrão visual que atraísse o público além da notícia e da informação. Também se verificam mudanças na redação jornalística que até a década de 30 seguia o estilo europeu caracterizado pelo beletrismo e pela participação em massa de escritores literários. Empregou-se um modelo mais seco e noticioso como nos moldes norte-americanos. Dois elementos estavam associados a essa expansão: o padrão tecnológico que acarreta à dependência técnica externa e a dependência de financiamentos e de patrocínios das empresas multinacionais. Além disso, a relação com os órgãos estatais dá-se por interesses mútuos, pois os jornais e revistas se colocam como neutros, possibilitando sua atuação partidária na defesa dos interesses de ambos.

A profissão de jornalista só foi regulamentada pelo Decreto Lei n. 910 de 1938. Antes disso, esse ofício era visto apenas como uma atividade-meio, um “bico”. Em verdade, o jornalismo servia para galgar posições na sociedade. Não obstante essa perspectiva, os jornais se mostram como um investimento lucrativo e atraente, sendo que

a propaganda privada respondia por 80% da receita, contrariando a concepção de partidarismo associada ao jornalismo [60], além de reiterar a relevância deste no âmbito social. Também durante esse período teve início a prática de enviar jornalistas para fazer coberturas internacionais. O marco inicial deu-se quando o Jornal do Brasil enviou um jornalista francês para fazer a cobertura da guerra dos fascistas na Abissínia em 1935. Contudo, os grandes jornais brasileiros da época estavam ligados a grupos familiares, como os Mesquitas (*Estado de S. Paulo*), Bittencourt (*Correio da Manhã*) e Marinhos (*O Globo*), de modo que a análise política não era abordada de forma ampla em comparação as notícias sensacionalistas.

Destaca-se que a imprensa carioca contava, durante a década de 1930, como 23 jornais, os quais foram classificados por Barbosa em quatro categorias: a primeira classificação abrange os jornais sem muita expressão e com poucas tiragens, como *A Batalha*, *A Nação*, *O Radical*, entre outros. A segunda categoria abrange as publicações tradicionais como *Jornal do Brasil*, *O Imparcial* e a *Gazeta de Notícias*, as quais atravessavam um período de crise, com declínio de público. Em seguida, relatam-se os jornais novos, como o *Diário Carioca* e *O Globo*. Na última categoria, encontram-se os periódicos matutinos e vespertinos, que na década de 1930, estavam em plena ascensão, como o *Correio da Manhã*, *A Manhã*, *A Noite* e *O Jornal*, os quais formavam a "grande imprensa", ou seja, os jornais com maior circulação e de maior influência perante a opinião pública.

Essa década, qual seja, de 1930, caracterizou-se pelo debate ideológico entre o liberalismo, amplamente afetado pela crise de 1929, e o autoritarismo e o totalitarismo, como saídas para solucionar os problemas da época. O discurso autoritário venceu tendo a outorga da ditadura estado-novista em 1937 como reflexo dessa vitória. Os meios de

60 SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit.*, p. 438-439.

comunicação, compreendidos como espaço para a luta ideológica, enquanto agentes desse confronto, foram vastamente utilizados para levar a ideologia autoritária para o que se denominou como “massas sociais”.

Neste mesmo decênio, o novo discurso jornalístico reforçou esse argumento, sendo que a fala do Estado se ampliou, enquanto o leitor passou a ser silenciado dos jornais. Assim, os anúncios e pronunciamentos governamentais eram colocados em destaque, como a versão verdadeira de um determinado acontecimento. Enquanto os espaços destinados aos leitores não se existiam ou tinham seus espaços reduzidos. O discurso autoritarista no âmbito nacional destaca-se pela representação corporativa e a passividade das massas. A representação corporativa caracteriza-se como a melhor forma de superar a representação política partidária e parlamentar das classes, realizada a partir da criação dos Conselhos Técnicos dentro do poder Executivo. As classes dominantes e o Governo reuniram-se para discutir as melhores diretrizes na esfera da produção, buscando sempre favorecer seus interesses.

Nesse ínterim, os grupos liberais, representados por seus órgãos de comunicação, reclamavam ao governo segurança e proteção. Ademais, para submeter a sociedade a um Estado hierárquico e harmônico dever-se-ia alcançar a passividade das massas. Tal fato se daria com o intuito de evitar a soberania constitucional do povo. O Estado então se coloca como tutor na jornada para a construção do verdadeiro “Estado Nacional”, norteando a política e o entendimento da sociedade para convergir em um pensamento comum.

A imprensa, assim como outras instituições, se auto incumbia da missão de nortear intelectualmente os cidadãos e, ainda assim, auferir lucros econômicos e simbólicos, a partir dessa aproximação com o poder. Uma das principais características da “Grande Imprensa” era que esta estava claramente vinculada a grupos liberais como

verdadeiros porta-vozes desses grupos. Nesse contexto, questiona-se por que esses grupos liberais e seus jornais favorecidos politicamente pela Constituição de 1934, de caráter individualista-liberal, foram favoráveis à intervenção do Estado e à exacerbação do seu poder.

Embora o liberalismo brasileiro não se distancie do liberalismo ortodoxo, o organismo político brasileiro ainda não tinha atingido a maturidade, de modo que precisava da ajuda do Estado. Os liberais encabeçados pelo grupo dos "Diários Associados", de Chateaubriand, notaram na "Intentona Comunista" uma ameaça de morte para a sociedade, exigindo assim a repressão dos atos ditos revolucionários. Desta forma, diz Barbosa que a década de 1930 marcou

> O primeiro movimento da centralidade e do novo papel que a imprensa ostenta ocorre exatamente no período que passou a história como Estado Novo, quando os meios de comunicação ganham relevo na difusão da ideologia estadonovista, fundamental para a formatação do pensamento conservador brasileiro e para a construção de uma 'revolução passiva', tal como conceitua Gramsci [61].

De acordo com Sodré [62] a imprensa brasileira precisava de papel, mas este era importado e dispendioso, apresentando frequentes aumentos nos preços, fator que afetava tanto os pequenos jornais quanto a grande imprensa. Os pequenos periódicos desapareciam, não suportando as elevações de preço, mas os grandes conglomerados de imprensa recebiam subsídios do governo, mantendo assim a sua margem de lucro normal. Contudo, tal subsídio só era concedido a quem estava alinhado com as ideias do governo. De acordo com Chagas [63], havia uma grande volatilidade no posicionamento da imprensa, que um dia clamava por liberdade e, no outro, acolhia o autoritarismo, dependendo do atendimento aos seus interesses e dos ideiais de seus proprietários.

---

61 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa Brasil* – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 219.
62 SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit*. p. 392-395.
63 CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque*: 1808-1964 — A História contada por jornais e jornalistas. Vol. 1. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.344.

A partir de 1939, com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) instaurou-se a censura aos meios de comunicação, aparelho instituído pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, com muitas investidas, principalmente no rádio. Com essas ações, o Governo de Vargas deu o primeiro passo para eliminar vários jornais. Em 1940, o governo encurralou de vez a imprensa, com decreto que exige o registro anual no DIP para importação de papel, destacando-se entre eles *O Estado de São Paulo,* ocupado pela polícia e em seguida subordinado diretamente ao DIP [64]. Apesar do severo controle, surge a imprensa de resistência, que publica jornais, folhetins e tabloides. Assim, a derrubada de Vargas começou pela imprensa.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, aparentemente, um novo horizonte voltado para a liberdade de pensamento foi aberto, mas na prática a liberdade era tão somente teórica. Em 1946, foi criada uma nova Constituição que reestabeleceu a liberdade de imprensa. O jornalismo era restrito aos nativos, sendo que os estrangeiros estavam proibidos de manter meios de comunicação. "O dispositivo constitucional era propositadamente inócuo. Em nada possibilitou resguardar o caráter nacional das empresas jornalísticas" [65]. Os jornais não poderiam sobreviver sem as contribuições proporcionadas pelas grandes empresas estrangeiras, pois só grandes capitais poderiam sustentar grandes empresas, como os jornais.

A eleição de 1950 pode ser considerada um marco de transição para a imprensa nacional. O apoio do jornalista Samuel Wainer trouxe a vitória de Vargas e levou a fundação do jornal *Última Hora*, com financiamento do novo governo [66]. O segundo Governo Vargas teve início em um momento de reorganização do capitalismo, tendo como centro os Estados Unidos. O imperialismo retomou seu vigor e a reconquistou o

64 SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit*. p.382.
65 SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit*., p. 396.
66 BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.*, p. 169-171.

mercado brasileiro. A política econômica de Vargas, marcadamente nacionalista, contraria os interesses imperialistas, principalmente dos americanos. O monopólio do petróleo não agradou aos capitalistas norte-americanos que cancelaram o acordo de desenvolvimento entre Brasil e Estados Unidos. O Vargas sofreu forte oposição dos jornais apoiados por grupos estrangeiros, principalmente os estadunidenses, o que culminou, posteriormente, no suicídio do então presidente.

A ascensão de Juscelino Kubitschek à Presidência da República e o seu modelo desenvolvimentista se reflete na democracia e na liberdade de expressão e de informação. Criam-se condições para se aumentar o número de veículos de comunicação impressa. Devido a sua condução política, Juscelino tem uma relação de simpatia com a grande imprensa. Nesse período, surgiram vários veículos de informação de circulação nacional como as revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos*, editadas pelo grupo Bloch Editores, de propriedade dos irmãos Bloch, amigos de JK. Apesar do apoio popular e da sustentação da imprensa e dos intelectuais, o Governo de Juscelino é alvo oposição dentro e fora do Congresso. Alguns jornais, como *A Tribuna da Imprensa*, tentaram impedir a implementação do Plano de Metas do governo, que tinha como objetivo principal a construção da nova capital. O modelo de desenvolvimento de Juscelino Kubitschek promoveu o enquadramento do Brasil às novas exigências do capitalismo internacional.

A partir daí houve a consolidação e a modernização da imprensa brasileira, além da chegada da televisão para um público cada vez mais numeroso durante a década de 1960. Durante a Guerra Fria, os países altamente industrializados buscavam o controle não só da produção de mercadorias e sua distribuição, como também a produção e distribuição de notícias [67].

67 SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit*., p. 438.

A posse de João Goulart, em 1961, acirrou os ânimos. Os jornais da época expunham suas linhas políticas abertamente. *O Estado de São Paulo* e *O Globo* mostravam-se contrários à ascensão de Jango à Presidência. O jornal paulista manifestou-se abertamente em prol da convocação das Forças Armadas, para que impedissem que setores subversivos assumissem o poder. Entretanto, essa posição foi alterada devido às posições políticas radicais que marcaram esse governo.

Duas visões políticas confrontaram-se com propostas diferenciadas para o país. A visão progressista, com as "reformas de base" e a modernização conservadora. A renúncia de Jânio Quadros e a posse de João Goulart apontam uma crise do modelo político e dos rumos trilhados pelo capitalismo brasileiro. No início do golpe de 1964, a grande imprensa mostrou-se complacente quando não entusiasmada com a nova situação, exortando o novo governo a "limpar o país", pôr fim à corrupção política e administrativa.

> Em março de 1964, com tudo rigorosamente articulado, no exterior e no interior, deflagrou a preparação publicitária que anunciaria as ações militares: toda grande imprensa, articulada em coro, participou dessa preparação psicológica, como o rádio e a televisão [68].

Entre os jornais, destacam-se dois os quais apoiaram o golpe desde a sua gestação e que lograram grande êxito editorial e expansão de seus negócios durante a ditadura. A *Folha de São Paulo* publica na sua primeira página de 2 de abril de 1964 *"Congresso declara vaga a Presidência"* e logo abaixo uma foto com a chamada *"Papel picado comemorou a 'renúncia' de João Goulart"*. Já *O Globo* publica na mesma data um longo Editorial que já expõe o suprassumo do seu apoio ideológico ao regime, intitulado *Ressurge a Democracia*

> VIVE A NAÇÃO dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre

68 *Ibidem* p. 410.

problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem.

GRAÇAS À DECISÃO e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições.

COMO DIZÍAMOS, no editorial de anteontem, a legalidade não poderia ser a garantia da subversão, a escora dos agitadores, o anteparo da desordem. Em nome da legalidade não seria legítimo admitir o assassínio das instituições, como se vinha fazendo, diante da Nação horrorizada.

AGORA O CONGRESSO dará o remédio constitucional à situação existente, para que o País continue sua marcha em direção ao seu grande destino, sem que os direitos individuais sejam afetados, sem que as liberdades públicas desapareçam, sem que o poder do Estado volte a ser usado em favor da desordem, da indisciplina e de tudo aquilo que nos estava a levar à anarquia e ao comunismo.

PODEREMOS, desde hoje, encarar o futuro confiantemente, certos, enfim, de que todos os nossos problemas terão soluções, pois os negócios públicos não mais serão geridos com má-fé, demagogia e insensatez.

SALVOS DA COMUNIZAÇÃO que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares, que os protegeram de seus inimigos. Devemos felicitar-nos porque as Forças Armadas, fiéis ao dispositivo constitucional que as obriga a defender a Pátria e a garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem, não confundiram a sua relevante missão com a servil obediência ao Chefe de apenas um daqueles poderes, o Executivo.

AS FORÇAS ARMADAS, diz o Art. 176 da Carta Magna, "são instituições permanentes, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade do Presidente da República E DENTRO DOS LIMITES DA LEI".

NO MOMENTO em que o Sr. João Goulart ignorou a hierarquia e desprezou a disciplina de um dos ramos das Forças Armadas, a Marinha de Guerra, saiu dos limites da lei, perdendo, consequentemente, o direito de ser considerado como um símbolo da legalidade, assim como as condições indispensáveis à Chefia da Nação e ao Comando das corporações militares. Sua presença e suas palavras na reunião realizada no Automóvel Clube, vincularam-no, definitivamente, aos adversários da democracia e da lei.

ATENDENDO AOS anseios nacionais, de paz, tranquilidade e progresso, impossibilitados nos últimos tempos, pela ação subversiva orientada pelo Palácio do Planalto, as Forças Armadas chamaram a si a tarefa de restaurar a Nação, na integridade de seus direitos, livrando-a do amargo fim que lhe estava reservado pelos vermelhos que haviam envolvido o Executivo Federal.

ESTE NÃO FOI um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois ninguém escapava o significado das manobras presidenciais. Aliaram-se os mais ilustres líderes políticos, os mais respeitados Governadores, com o mesmo intuito redentor que animou as Forças Armadas. Era a sorte da democracia no Brasil que estava em jogo. A esses líderes civis devemos, igualmente, externar a gratidão do nosso povo.

MAS, POR ISSO que nacional, na ampla acepção da palavra, o movimento vitorioso não pertence a ninguém. É da Pátria, do Povo e do Regime. Não foi contra qualquer reivindicação popular, não representou uma reação contra qualquer ideia que, enquadrada dentro dos princípios constitucionais, objetive o bem e o progresso do País.

SE OS BANIDOS, para intrigarem os brasileiros com seus líderes e com os chefes militares, afirmarem o contrário, estarão mentindo, estarão, como sempre, procurando engodar as massas trabalhadoras, que não lhes devem dar ouvidos. Confiamos em que o Congresso votará, rapidamente, as medidas reclamadas para que se inicie no Brasil uma época de justiça e harmonia social.

MAIS UMA VEZ o povo brasileiro foi socorrido pela Providência Divina, que lhe permitiu superar a grave crise, sem maiores sofrimentos e luto. Sejamos dignos de tão grande favor.

O *Correio da Manhã*, com uma linha editorial classificada como liberal e de oposição ao governo João Goulart, também foi aliado de primeira hora do golpe, com um duro editorial contrário a Jango em 31 de março de 1964 intitulado "Basta!". Abaixo pode-se ler os primeiros trechos:

> Basta! Até que ponto, o Presidente da República abusará da paciência da Nação? Até que ponto pretende tomar para si, por meio de decretos, leis, a função do poder legislativo? Até que ponto contribuirá para preservar o clima de intranquilidade e insegurança que se verifica presente na classe produtora? Até que ponto deseja levar ao desespero, por meio da inflação e do aumento do custo de vida, a classe média e a classe operária? Até que ponto quer desagregar as Forças Armadas, por meio da indisciplina que se torna cada vez mais incontrolável? Não é possível continuar neste caos, em todos os sentidos e em todos os setores, tanto no lado administrativo, como no lado econômico financeiro. Basta de farsa! Basta da guerra psicológica que o próprio governo desencadeou, com o objetivo de convulsionar o país e levar avante a sua política continuísta. Basta de demagogia, para que realmente se possam fazer as reformas de base. Quase todas as medidas tomadas pelo Sr. João Goulart, nestes últimos tempos com grande estardalhaço, mas inexequíveis, não têm outra finalidade, senão a de enganar a boa fé do povo, que, aliás, não se enganará (...) [69].

No dia seguinte ao golpe, 1º de abril de 1964, o *Correio* veicula o emblemático editorial intitulado "Fora":

> Fora! A Nação não mais suporta a permanência do Sr. João Goulart à frente do governo. Chegou ao limite final a capacidade de tolerá-lo por mais tempo. Não resta outra saída ao Sr. João Goulart que não a de entregar o governo ao seu legítimo sucessor. Só há uma coisa a dizer ao Sr. João Goulart: Saia! Durante dois anos o Brasil agüentou um governo que paralisou o seu desenvolvimento econômico, primando pela completa omissão, o que determinou a completa desordem e a completa anarquia no campo administrativo e financeiro. Quando o Sr. João Goulart saiu de seu neutro período de omissão foi para comandar a guerra psicológica e criar o clima de intranqüilidade e insegurança, que teve o seu auge na total indisciplina que se verificou nas Forças Armadas. Isto significou e significa um crime de alta traição contra o regime, contra a República, que ele jurou defender. Sr. João Goulart iniciou a sedição no país, não é possível continuar no poder. Jogou os civis contra os militares, os militares contra os próprios militares. É o maior responsável pela guerra fratricida que se esboça no território nacional. Por ambição pessoal, pois sabemos que o Sr. João Goulart é incapaz de assimilar qualquer ideologia e quer permanecer no governo a qualquer preço. Todos nós sabemos o que representa de funesto uma ditadura no Brasil, seja ela de direita ou de esquerda. Porque o povo depois de uma larga experiência reagirá com todas as suas forças no

[69] CORREIO DA MANHÃ, edição de 31 de março de 1964. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=31%20de%20mar%C3%A7o%20de%201964&pagfis=50167.

> sentido de preservar a Constituição e as liberdades democráticas. O Sr. João Goulart não pode permanecer na Presidência da República, não só porque se mostrou incapaz de exercê-la, como também conspirou contra ela; como se verificou pelos seus últimos pronunciamentos e seus últimos atos. Foi o Sr. João Goulart que iniciou, de caso pensado, uma crise política, social e militar, depois de ter provocado a crise financeira com a infiltração desordenada e o aumento do custo de vida em proporções gigantescas. Qualquer ditadura no Brasil representa o esmagamento de todas as liberdades, como aconteceu no passado e como tem acontecido em todos os países que tiveram a desgraça de vê-la vitoriosa. O Brasil não é mais uma Nação de escravos. Contra a desordem, contra a mazorca, contra a perspectiva de ditadura criada pelo próprio governo atual, opomos a bandeira da legalidade. Queremos que o Sr. João Goulart devolva ao Congresso, devolva ao povo, o mandato que ele não soube honrar. Nós do Correio da Manhã defendemos intransigentemente, em agosto e setembro de 61, a posse do Sr. João Goulart, a fim de manter a legalidade constitucional. Hoje, como ontem, queremos preservar a Constituição. O Sr. João Goulart deve entregar o governo ao seu sucessor, porque não pode mais governar o país; a Nação, a democracia e a liberdade estão em perigo. O povo saberá defendê-las. Nós continuaremos a defendê-las [70].

Entretanto, apenas dois dias após o entusiástico editorial, ao perceber com o Ato Institucional nº 1 que ali iniciara-se uma ditadura, o jornal passa a atuar como voz discordante. Isso fica evidente com a publicação do editorial intitulado "Terrorismo Não", em 3 de abril de 1964, contrapondo-se às manifestações arbitrárias [71]. Com a restrição dos espaços democráticos de manifestação, o golpe militar fechou o jornal *Última Hora*, o principal veículo das massas populares e que tinha jornalistas de espírito crítico voltado para os interesses nacionais. Esse fato configura o jornal, diante das famílias tradicionais proprietárias da imprensa, como um intruso. O seu fechamento pode ser interpretado como uma ofensiva criminosa das oligarquias tradicionais da imprensa.

A instauração da ditadura militar representou o predomínio do grande capital multinacional sobre o restante da sociedade brasileira. Como visto, existe a continuidade do modelo econômico seguido a partir do governo Kubitschek de abertura ao capital

[70] CORREIO DA MANHÃ, Edição de 1º de abril de 1964. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=31%20de%20mar%C3%A7o%20de%201964&pagfis=50193.

[71] CORREIO DA MANHÃ, Edição de 3 de abril de 1964. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=59101&url=http://memoria.bn.br/docreader#.

estrangeiro, que vinha dominando vários setores da economia brasileira de maneira monopolística. A ditadura militar também favoreceu os veículos de comunicação das Organizações Globo ao fechar ou criar dificuldades para suas concorrentes.

A denúncia das mazelas governamentais e sociais ficou reduzida ao *Correio da Manhã*, que bravamente resistiu no direito de informar, em conjunto com poucos veículos de informação regionais. O Serviço Nacional de Informações (SNI), ligado à Presidência da República, ficou marcado como uma nova arma na estrutura militar brasileira no processo de repressão e de controle, principalmente no campo da cultura, liberdade de expressão e opinião. A edição do AI-5 sinalizou para os últimos opositores a consolidação do golpe civil-militar. Com isso, a grande imprensa buscou adaptar-se às novas condições. Enquanto isso, o *Correio da Manhã*, o único que, apesar do apoio de primeira hora, optou por não se submeter ao regime, sofreu um atentado a bomba em dezembro de 1968. Em janeiro seguinte, seu diretor e a proprietária são presos; em 1969 quando o jornal pediu concordata e, em setembro do mesmo ano, é arrendado. Durante a ditadura, deu-se um processo de consolidação financeira das empresas midiáticas, onde havia uma política "não competitiva" e relações relativamente "estáveis" entre mídia e política.

O Globo, desde o início, prestou grande apoio à ditadura militar, inclusive no contexto de maior autoritarismo do regime, com a vigência do AI-5. Também eram os anos do "milagre brasileiro", de grande crescimento econômico do país, que ocorria paralelamente ao aumento da exploração sobre a força de trabalho, arrocho salarial e maior concentração de renda. O crescimento econômico figurava nas capas do jornal entre 1969 e 1974. Nas capas de *O Globo* os brasileiros, com a exceção dos "extremistas" e "difamadores", estariam unidos rumo ao desenvolvimento e à democracia. A ditadura militar era mostrada pelo jornal como democrática, com lideranças adeptas da

democracia. O jornal deixou claro que democracia não significava sufrágio e que a participação direta da população em questões políticas deveria ser evitada [72].

No bojo da escancarada abertura ao capital externo na ditadura pós-64 e das relações umbilicais de muitos empresários com o regime, nasce a Rede Globo de Televisão, com a entrada direta de capital estrangeiro e gestão pelo grupo estadunidense Time-Life. A ilegalidade desse fato gerou a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que acabou inocentando a Rede Globo, depois de vários vícios no processo. A TV Globo tornou-se um instrumento fundamental na política de internacionalização da economia através da criação de um mercado nacional de produtos industriais sofisticados.

O silêncio imposto à imprensa mostrou-se fundamental para o sucesso do combate à guerrilha urbana, em 1969, culminando com o sequestro do embaixador americano Charles Burke Ellbrick. Segundo Kucinsk [73], a grande imprensa preferiu omitir-se. Nessa época, a televisão começou a se transformar veículo de massas, com a ascensão do Jornal Nacional da TV Globo e com a monopolização do espaço informativo a serviço do sistema. Surgiram vários projetos jornalísticos complacentes de disseminação cultural por intermédio de periódicos de lazer, voltados para a classe média, que vivia a euforia do milagre econômico, o que levou o jornalismo crítico a ficar em segundo plano. A partir dos anos 1970, os leitores do Rio de Janeiro se concentravam em apenas três jornais: *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*. Em São Paulo, o *Estadão*, aos poucos, perdia a dianteira nas vendas para a *Folha de São Paulo*.

Os pequenos jornais, conhecidos como "imprensa alternativa" mostram-se contrários ao regime. Dessa forma, todos os veículos alternativos têm seus editores perseguidos e, em alguns momentos, são impedidos de circular. Essa nova geração de

72 ARÊAS, João Braga. *Batalhas de O Globo (1989 – 2002)*: O neoliberalismo em questão. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2012. p.117.
73 KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários:* nos tempos da imprensa alternativa, 2ª ed., São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003, p. 210.

veículos alternativos, feitos por profissionais de forma regional, surge da crise da grande imprensa "integrada ao sistema", em virtude do assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975, ano em que a censura à imprensa foi suspensa.

Com a presidência de João Figueiredo, o jornal *O Estado de São Paulo* expôs suas opiniões sobre a Lei da Anistia declarando que as ações do governo poderiam acirrar os ânimos, uma clara posição de "ameaça" do jornal como mediador com a sociedade. O jornal responsabilizou a liderança governista na Câmara dos Deputados por transformar a anistia em instrumento de clientelismo e instigador de diferenças sociais, mediante a inclusão de crimes que não se configuram como expressamente políticos. Já durante o processo em prol das eleições diretas, a *Folha de São Paulo* lançou o lema "Amarelo sim", incentivando a população a usar o amarelo como símbolo da campanha. Contudo, essa posição reitera o papel da imprensa como aparelho privado de hegemonia e como ator político/ideológico, à medida que tenta claramente dirigir a população [74].

Em uma perspectiva mais recente, Barbosa relata que houve um ressurgimento do sensacionalismo e houve mudanças constantes no modelo jornalístico em função das tecnologias de informática.

2.2. A constituição da imprensa brasileira como empresa

O papel da imprensa no Brasil não pode deixar lado o desenvolvimento do capitalismo no país e, por consequência, as transformações econômicas e sociais oriundas desse processo que faz a imprensa atingir a etapa de indústria. A comunicação de massas cresce juntamente com a sociedade de massas da segunda metade do século XX.

> Em todas as áreas regidas pelas relações capitalistas, a imprensa atingiu a etapa de empresa, a etapa industrial. A indústria do jornal ou da revista –

74 FONSECA, Francisco. O conservadorismo patronal da grande imprensa brasileira. *Opinião Pública*, Campinas, v. 9, 2003, p.73.

> como, de esta, a da radiodifusão e a da televisão – por todas aquelas áreas atingiu dimensões muito grandes, gigantescas em alguns casos [75].

A década de 1950 é o ponto de inflexão do modelo de capitalismo no país. Em um momento em que os esforços e a retórica governamentais estão ligados ao desenvolvimentismo e à modernização, a imprensa também passou por transformações decisivas. O jornalismo, ao longo das primeiras décadas, vive um processo de autoconstrução e profissionalização, em que, segundo Nelson Werneck Sodré, ocorre também a passagem da imprensa artesanal à imprensa industrial, da pequena à grande imprensa [76].

A modernização do jornalismo no Brasil se deu, de acordo com análises recorrentes, como de Marialva Barbosa [77] e André Bonsanto Dias [78], a partir da década de 1950. Esses estudos afirmam que o processo de modernização desse jornalismo se iniciou, estilisticamente, com a reforma de alguns jornais cariocas que importaram ideais da objetividade e do apartidarismo inspirados em um modelo do jornalismo estadunidense.

A imprensa é parte integrante do sistema, e através dele é controlada como instrumento fundamental que é para a (in)formação na sociedade contemporânea. De maneira geral, os órgãos de imprensa se apresentam como meios que prestam um serviço de informação à população, sendo dotados de responsabilidade social.

Embora se apresente como independente, sem vínculos com qualquer grupo social, verifica-se que esta premissa é uma inverdade. As campanhas em prol da liberdade de imprensa que surgem, periodicamente, buscam sempre e tão somente, a exclusão da

75 SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.392.
76 SODRÉ, Nelson Werneck. *Op., Cit.*, p. 391.
77 BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*: Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
78 DIAS, André Bonsanto. *A VERDADE DITA É DURA*: "Histórias da verdade" do/no jornalismo e a ditadura militar no Brasil. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2018.

interferência do poder público, visto que o Estado ainda exerce uma censura mais de forma mais branda. O modelo aparentemente imparcial importado dos Estados Unidos, como já dito, se tornou preponderante na imprensa brasileira. Nesse sentido, Silva afirma que

> A liberdade de imprensa, na sociedade capitalista, é condicionada pelo capital, depende do vulto dos recursos de que a empresa dispõe do grau de sua dependência em relação às agências de publicidade. Isso se tornou claro, no Brasil, desde a segunda metade do século XX [79].

O jornalismo visa disseminar uma noção de que seria um "quarto poder". A mídia fiscalizaria o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, tornando públicas as irregularidades. A concepção de "neutralidade" e "objetividade" tem o intuito de dissimular os interesses de classes presentes na mídia.

O acolhimento do modelo jornalístico estadunidense mostra-se como um meio de promover a alienação da consciência brasileira. De acordo com Sodré [80] o caráter empresarial e ideológico do modelo estadunidense representa uma crise da imprensa naquele período, pois a expansão dos monopólios norte-americanos no Brasil tem a necessidade de estabelecer o controle da opinião. O imperialismo deseja obter o domínio não só das coisas materiais, mas também do mercado da opinião e, após a sua instalação, instala a sua imprensa. As agências publicitárias também exercem papel fundamental para manter esse padrão jornalístico. Para tanto, utilizam da discriminação publicitária que compromete a grande imprensa brasileira, toda ela constituída de jornais que baseiam mais de 80% de sua receita na publicidade. Ademais, as agências internacionais de notícia visam uma unificação ideológica das publicações, gerando uma estrutura transnacional.

---

[79] SILVA, Carla Luciana. Imprensa e Ditadura Militar: padrões de qualidade e construção de memória. *História & Luta de Classes*, v. 1, 2005, p.48.
80 SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil p. 410

Verifica-se que a imprensa se desvirtuou, na medida em que se desenvolveu, na sociedade capitalista. “O jornal é menos livre quanto maior como empresa”. Com a infiltração de capitais estrangeiros na imprensa brasileira deu-se um processo de desnacionalização [81].

Destaca-se neste contexto, a década de 1950 que apresenta a entrada de empresas multinacionais e do capital estrangeiro e as consequentes influências dos padrões estadunidenses de jornalismo, se consolidando nos anos 1970, portanto, durante a ditadura militar. Com as reformas que se deram durante nesse período, houve a transformação do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo, dentro dos parâmetros norte-americanos. O padrão de suposta neutralidade passa a ser visto como contemporâneo, tornando-se modelo para imprensa em geral com o intuito de criar uma grande imprensa, mas tal fato acaba abrindo espaço para sua atuação partidária.

O processo de transformação em grandes empresas prevalece sobre os posicionamentos progressistas dos jornalistas, o que não se dá sem conflitos nem os finda definitivamente, mas determina limites claros. Em contrapartida, não se pode dizer que os jornais não possuíam vínculos anteriores com o capital, visto que tinham relações explicitas com partidos ou grupos políticos, tornando seu discurso uma ação partidária.

A Guerra Fria durante a década de 1960 ocorreu concomitantemente com a abertura das empresas jornalísticas e de mídia para o capital estadunidense, que promoveu a articulação de valores para vender produtos. Ao mesmo tempo em que anunciavam o produto, agiam em prol de um consenso sobre certas ideias articuladas a criação das necessidades de consumo. Com o início do regime militar, a partir dos anos 1960, teve início um projeto efetivo de institucionalização de uma “modernização

81 DIAS, André Bonsanto. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964 -2014. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 25, nº 3, set – dez, p. 472 – 494, 2019.

conservadora" no Brasil, alavancada pelo processo de consolidação da indústria cultural proporcionado pela ditadura. Nessa fase, se consolidaram efetivamente os grandes conglomerados midiáticos, padronizando uma mentalidade empresarial que acabou por "despolitizar" a concepção do fazer jornalístico.

As décadas de 1960 e 1970 foram fundamentais para reconfigurar uma relação política clientelista que garantiu uma modernização efetiva aos grandes conglomerados de mídia, reforçando um mútuo apoio institucional entre os sistemas midiáticos e políticos.

2.2.1. A constituição da *Folha de São Paulo*

A história da *Folha* é marcada por diferentes proprietários e ideologias políticas diferenciadas. Os principais jornais do Grupo Folha apresentam imagens variadas no decorrer de suas trajetórias. As alterações nas linhas editoriais e no comando da empresa são alguns dos fatores que contribuíram para essa variabilidade de imagens. O Grupo Folha tem suas origens em 1921, com o lançamento da *Folha da Noite* por Olival Costa, Pedro Cunha, Léo Vaz, Mariano Costa, Ricardo Figueiredo, Antônio dos Santos Figueiredo e Artêmio Figueiredo. Os jornalistas que anteriormente trabalhavam no *Estado de S. Paulo* fundaram uma publicação vespertina com ênfase as reportagens ao invés de artigos, e que continha seções e linguagens diferenciadas [82].

Em 1925, houve o lançamento dos jornais *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã*, com uma apresentação e linguagem mais próximas da imprensa tradicional, em concorrência direta ao *O Estado de S. Paulo*. De acordo com os fundadores, as "Folhas"

82 Cf.: Folha de São Paulo, O. In: FGV CPDOC. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo. Acesso em: 26 jul. 2022.

valorizavam a linguagem simples e a independência em relação a partidos porém ideologicamente ligadas a fração de classe agroexportadora, adotando opiniões flexíveis conforme as necessidades. Em 1929 a *Folha da Manhã* apoiou a candidatura de Júlio Prestes à Presidência da República, o que lhe rendeu o fechamento no ano seguinte [83].

As "*Folhas*" só voltaram a circular em janeiro de 1931, quando Octaviano Alves de Lima comprou a empresa. Devido a sua origem como fazendeiro e comerciante de café, os temas relacionados à agricultura e à exportação do produto tornaram-se rotineiros, resultando na abertura de sucursais no interior. Com a defesa da vocação agrária do país e críticas às medidas governamentais voltadas à industrialização, o público-alvo passou a abranger a elite. Com o fim do Estado Novo e a volta à democracia, o Brasil conheceu um acelerado processo de industrialização. Em 1945, Alves de Lima vendeu a Empresa Folha da Manhã para José Nabantino Ramos, Clóvis Queiroga e Alcides Meirelles, que assumiram as redações com o pretenso discurso de defesa da democracia e manutenção da imparcialidade em relação aos partidos políticos, todavia imprimiam suas convicções de classe como "bem comum" a todos, em particular com fortes características de oposição ao populismo e ao Vargas. Deu-se um processo de reformulação e modernização do jornal que passou a ter sede própria em 1953, além de iniciar o processo de unificação das "Folhas" em janeiro de 1960, criando a *Folha de S. Paulo* com a retórica de neutralidade e objetividade jornalística.

Em 1961, quando João Goulart assumiu a presidência da República sob um governo parlamentarista que restringia seus poderes e o impediam de implantar as reformas previstas, instaurou-se um clima de incerteza que era visto pela direita conservadora, ou seja, o grande empresariado onde o grupo folha se enquadrava, como uma tentativa de aproximação do presidente dos preceitos da esquerda comunista.

83 *Idem*.

Em 1962, iniciou-se o a constituição do conglomerado. A Empresa Folha passou para o controle dos empresários Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Frias era proprietário de empresas em diversos segmentos, além de ser um dos maiores granjeiros do país, enquanto Caldeira tinha origens na construção civil. Salienta-se aqui que o período de aquisição da *Folha* é onde se registra forte atuação do IPES / IBAD, inclusive tendo Octávio Frias, um figura de destaque dentro do IPES, instituição a qual tinha um relacionamento especial e colaborava ativamente [84].

A instabilidade aumentou em 1964. A *Folha*, em reestruturação, precisava do governo, mas não do Governo Goulart. O editorial intitulado "*Radicalização*", de 6 de março de 1964, abordou as possibilidades do desdobramento do comício de João Goulart na Central do Brasil que viria a se realizar em 13 de março seguinte, inflamando a opinião pública contra as medidas propostas pelo presidente e questiona a radicalização política.

84 DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado.* Petrópolis. Ed. Vozes, 1981, p. 233 e 527.

Figura 3 - Folha de São Paulo, página 4. Editorial "Radicalização" e charge crítica (06/03/1964)

Café

Cambio

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

Radicalização

A radicalização das posições políticas no Brasil está-se aproximando de limites sumamente perigosos, como os recentes acontecimentos em Pernambuco acabaram de demonstrar. E' cada vez mais difícil combater os excessos de um dos lados, sem parecer tolerante com os excessos do outro. As correntes convencionalmente designadas por esquerda e direita parecem empenhadas em apertar o cerco aos que se recusam a optar por uma delas, procurando conservar-se numa posição de equilíbrio, de equidistancia e de bom senso que lhes permita continuar examinho sem os olhos toldados pelo fanatismo. Apesar disso, é não apenas possível, mas absolutamente indispensavel, resguardar essa posição de independencia, que os extremistas de um e outro matiz tentam desmoralizar.

Não se podem alimentar ilusões sobre a nociva atividade do comunismo neste país, ou daqueles setores que, a ele aliados, lhe servem aos desígnios. Aí estão o desvirtuamento dos sindicatos, as falsas organizações sindicais que montaram uma fabrica nacional de greves, a infiltração comunista na administração federal. Aí está o abuso que essas correntes fazem de certos conceitos, dos quais pretendem dispor segundo suas conveniencias: só eles são povo, só eles são nacionalistas — ou só é povo e nacionalista quem os aplaude e apóia. Aí está a luta pelas chamadas reformas de base totalmente descaracterizada e transformada em pretexto para agitação e subversão da ordem.

Toda a ênfase, todavia, que precisa ser empregada na condenação ao extremismo de esquerda, não deve nem de longe ser transformada em condescendencia com o extremismo de direita. Não se confunda a luta contra o desvirtuamento das reformas de base, com a luta contra as reformas de base. Este jornal, por exemplo, orgulha-se de ter patrocinado a realização em São Paulo, ha um ano, do Congresso Brasileiro Para a Definição das Reformas de Base, justamente com o objetivo de dar conteudo pratico à pregação reformista. Não se pactua com os que, a pretexto da necessidade de levantar barreiras à onda subversiva, querem manter a ferro e fogo privilegios inadmitaveis. Condoe-se a desordem, venha de onde vier, a intolerancia, seja qual fur a mascara que use, a exploração do homem pelo homem, a perpetuação da miseria, o exacerbamento dos odios.

Mais vezes merecem criticas os radicalismos de esquerda que os de direita. E' que eles são mais agressivos, mais provocadores, mais danosos ao pais. Recebem hoje, é inegavel, o beneplacito do governo federal e por isso são mais perigosos. A cada dia se tornam mais ousados nos ataques à iniciativa privada, por exemplo, cuja destruição significaria tambem a ruina do regime democratico. Os proprios excessos que nos ultimos dias podem ser apontados em setores de opinião tidos como moderados (vide os acontecimentos de Minas Gerais) são em grande parte devidos ao recrudescimento da provocação das esquerdas. E se o país olha com intranquilidade para Pernambuco, neste momento, por ter ali a radicalização atingido niveis porventura ainda não vistos entre nós, deve-se ter em conta que é aquele Estado o preferencialmente usado pelos extremistas de esquerda para incentivar a luta de classes, explorar ressentimentos e jogar brasileiros contra brasileiros.

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo.

Segundo Dias, a radicalização de esquerda era a mais temida, pois poderia atingir diretamente não só os rumos políticos da nação, mas a própria iniciativa privada. Para uma empresa em processo de reformulação financeira, o clima de incerteza no governo só tenderia a agravar tal situação [85].

Assim, durante as décadas de 70 e 60, os empresários investiram na reformulação do jornal e o saneamento das dívidas através da modernização tecnológica e da definição de uma estratégia de crescimento voltada à aquisição de gráficas e publicações. Com a instituição da ditadura civil-militar no Brasil em 1964, os donos da *Folha de S. Paulo* puderam buscar vultosos financiamentos e favores para sua modernização, e de uma

85 DIAS, André Bonsanto. *O Presente da Memória: Usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S.Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2012, p. 101.

empresa com características provincianas passará a ter um dos maiores parques gráficos do país [86], tornando-se o jornal de maior circulação ao final do regime, no início dos anos 80.

O caso da *Folha de São Paulo* ilustra a relação oportunista desta mídia com a ditadura e a opinião pública. O jornal colaborou com o regime para além do apoio ideológico, utilizando sua logística física de automóveis e caminhões para o aparato repressivo da ditadura e sua Operação Bandeirantes[87]. Posteriormente, o jornal foi censurado apenas nos estertores do regime, apoiando o movimento das *Diretas Já*, o que lhe permitiu construir uma aura de jornal progressista em torno de si. A *Folha* se adaptou aos rumos da abertura do mercado, no momento em que a democracia passou a favorecer o seu projeto de modernização. Embora tenha atuado no processo das Diretas Já, ocultou seu apoio a ditadura e a exigência quanto à deposição do governo Jango, indicando uma postura foi anticomunista, anti-populista, elitista e pró-capitalista.

2.2.2. A trajetória de *O Globo*

Os jornais têm grande importância na "batalha de ideias", aspecto essencial na luta de classes contemporânea. Para Gramsci, considerando uma visão ampliada do Estado, as lutas travadas no interior da sociedade civil visam à disputa por hegemonia e nesta batalha, os partidos são a expressão de um grupo social, incluindo-se os jornais e periódicos [88]. O Globo é considerado um "partido" de diferentes frações das classes dominantes, em especial daquelas vinculadas ao capital financeiro e às multinacionais.

86 QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras. O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964. Rio de Janeiro: Agir, 1987.p.88.

87 Cf.: KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda*: Jornalistas e censores, do AI-5 a Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

88 GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere.* Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 32.

A primeira edição do jornal O Globo, com distribuição vespertina na época deu-se em 1925. Foram lançadas duas edições do jornal, totalizando 33.435 exemplares. A escolha do nome ocorreu através de um concurso. Irineu Marinho, fundador do jornal, reuniu uma equipe de repórteres e um experiente corpo de redatores para dar a forma editorial que idealizara. Um dos princípios editoriais era buscar a notícia em todos os setores da cidade, marca que permaneceu ao longo de toda a sua história [89]. A definição de uma mídia objetiva, independente e imparcial é citada como um dos pilares da empresa, mas não havia qualquer ligação com as classes subalternas. As opiniões do jornal eram identificadas, nos seus próprios termos como perspectiva da "maioria da sociedade" [90].

O jornal foi fundado após Irineu Marinho perder o controle acionário do jornal *A Noite* para um de seus sócios, Geraldo Rocha. Na década de 1920, o jornal vespertino destacava-se na imprensa carioca. Sob a direção de Irineu Marinho, *A Noite* opunha-se às oligarquias dominantes no contexto da Primeira República, posicionamento que se alterou quando Rocha assumiu o controle do jornal. De acordo com Barbosa o sucesso deve-se as reportagens policiais do jornal e a forma como ele se aproximava do público, fatores que se mantiveram com fundação do jornal *O Globo* [91]. Inicialmente, o novo jornal não teve um número expressivo de exemplares vendidos, apesar da credibilidade de Marinho na imprensa. *O Globo* foi se consolidando como veículo de informação contemporâneo no decorrer das décadas seguintes, buscando alcançar diversas classes sociais e mediante a publicação de reportagens aparentemente "isentas" de posicionamento político.

89 GLOBO. 29 de julho de 1925. O Globo é lançado. Memória, 2021. Disponível em: http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292. Acesso em: 26 jul. 2022.
90 ARÊAS, João Braga. Batalhas de O Globo (1989 – 2002): O neoliberalismo em questão. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2012, p.37.
91 BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.*, p. 88-92.

Durante a Segunda Guerra Mundial, *O Globo* defendeu o rompimento das relações do Brasil com os países do "Eixo" e maior aproximação com os "Aliados", e, no esforço de guerra, a empresa publica *O Globo Expedicionário*, destinado aos soldados brasileiros em combate, aproximando Roberto Marinho de alguns setores do Exército, em especial de Castelo Branco, seu amigo que viria a se tornar o primeiro general-presidente da ditadura militar [92].

Ao longo da Era Vargas, para permanecer em circulação durante o período, especialmente após o golpe do Estado Novo, *O Globo* fez um acordo com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) comprometendo-se a seguir os padrões da censura. Durante a década de 1950, O Globo acompanhou o processo de modernização da imprensa. As mudanças técnicas e administrativas fizeram com que sua tiragem aumentasse em mais de 100% entre 1951 e 1960. Nos anos que precederam ao golpe de 1964, o periódico carioca ainda não era líder de público na mídia impressa no estado. No entanto, dois fatores influenciaram na mudança desse quadro: a manutenção da tiragem do jornal durante a crise que assolou a imprensa carioca num processo de concentração empresarial da mídia e a inauguração da TV Globo, em 1965. O sucesso do canal de televisão deu legitimidade e mais credibilidade ao jornal impresso. Além disso, deve-se destacar o apoio do periódico ao golpe e a ditadura militar, dando ao jornal reconhecimento político [93]. Cabe ressaltar que o jornal fora aliado fundamental do IPES/IBAD no período que antecedeu ao golpe, em uma relação simbiótica, onde disponibilizava suas páginas para o material ideológico dos institutos, recebendo altas quantias pelo espaço no veículo [94], ou seja, o sucesso empresarial não dependia apenas do sucesso nas bancas de jornais tampouco de publicidades ingênuas.

92 ARÊAS, João Braga. *Op. Cit.*, p. 36.
93 *Ibidem*, p. 69-73
94 DREIFUSS, René. *Op. Cit.*

De acordo com Arêas a consolidação do poder das organizações Globo pode ser atribuída ao acordo de Roberto Marinho com a Time-Life, em 1962 [95]. Todavia, em meados dos anos 1960, as negociações foram consideradas inconstitucionais e lesivas ao Brasil, sendo exigido de Roberto Marinho a regularização da situação. O dono da Rede Globo recorreu a Castelo Branco, que entrou com recurso de efeito suspensivo, garantindo a impunidade de Marinho. Endossando o acordo entre TV Globo e Time-Life, o regime autoritário investiu politicamente na formação de um monopólio que lhe foi fiel até o fim.

Quando os monopólios estadunidenses buscaram se instalar no Brasil, visavam também o controle de opinião. Neste contexto, *O Globo* entrava em parceria com o consórcio estadunidense Time-Life procedendo a compra de jornais, emissoras de rádio, oficinas de impressão, estações de televisão, por grupos estrangeiros. No final de 1966 foi aberta uma investigação para avaliar a veracidade a infiltração de grupos estrangeiros no mercado nacional. O *Correio da Manhã* noticiou que o proprietário de *O Globo* e da TV Globo concedeu entrevista sobre o assunto, acusando o deputado João Calmon de causar problemas relacionados a inversão de capitais estrangeiros na imprensa brasileira, alegando que as acusações apresentavam motivos puramente políticos [96]. Contudo, Sodré salienta que o proprietário das empresas Globo escolheu fazer bons acordo com grupos estrangeiros, o que lhe permitiu criar uma empresa de renome. Apesar da ilegalidade do ato, a Rede Globo foi inocentada através do decreto do presidente Costa e Silva.

O Globo prestou grande apoio à ditadura militar, inclusivo no contexto de maior autoritarismo do regime, com a vigência do AI-5. Também eram os anos do 'milagre brasileiro', de grande crescimento econômico do país, que ocorria paralelamente ao aumento da exploração sobre a força de trabalho, arrocho salarial e maior concentração

95 *Ibidem*, p. 66-67.
96 SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit*., p. 441.

de renda. O crescimento econômico figurava nas capas do jornal entre 1969 e 1970. Os brasileiros, com a exceção dos 'extremistas' e difamadores, estariam unidos rumo ao desenvolvimento e à democracia. A ditadura militar era mostrada pelo jornal como democrática, com lideranças adeptas da democracia. O jornal deixou claro que democracia significava sufrágio e que a participação direta da população em questões políticas deveria ser evitada [97].

No contexto de maior abertura ao capital externo na ditadura pós-64 e as relações umbilicais de muitos empresários com o regime que se dá a implantação da Rede Globo de Televisão, com a entrada direta de capital estrangeiro e gestão pelo grupo norte-americano Time-Life. A TV Globo torna-se um instrumento fundamental na política de internacionalização da economia através da criação de um mercado nacional de produtos industriais sofisticados.

Verifica-se a estreita ligação das organizações Globo e o poder, visto que o governo implantado em 1964 buscou garantir a implantação da TV Globo para atuar como um instrumento essencial na política de internacionalização da economia através da criação de um mercado nacional de produtos industriais sofisticados [98], bem como a liberação quanto ao processo referente ao capital estrangeiro nas mídias brasileiras. Tais fatores impulsionaram o jornal ao patamar de grande empresa. Arêas esclarece que a atuação se dá conforme interesses de classes presentes na mídia, pois "O Globo é considerado um "partido" de diferentes frações das classes dominantes, em especial daquelas vinculadas ao capital financeiro e às multinacionais" [99] .

97 ARÊAS, João Braga. *Op. Cit*., p. 17.
98 SILVA, Carla Luciana. *Op. Cit.*, 2005, p. 46.
99 ARÊAS, João Braga. *Op. Cit*., p. 41.

2.3 Considerações finais

Neste capítulo buscou-se desconstruir o papel liberal da imprensa e do jornalismo como neutro e imparcial. Para tanto se buscou relatar o desenvolvimento do jornalismo e a influência das mídias ao longo da história destacando o seu papel no direcionamento do pensamento popular.

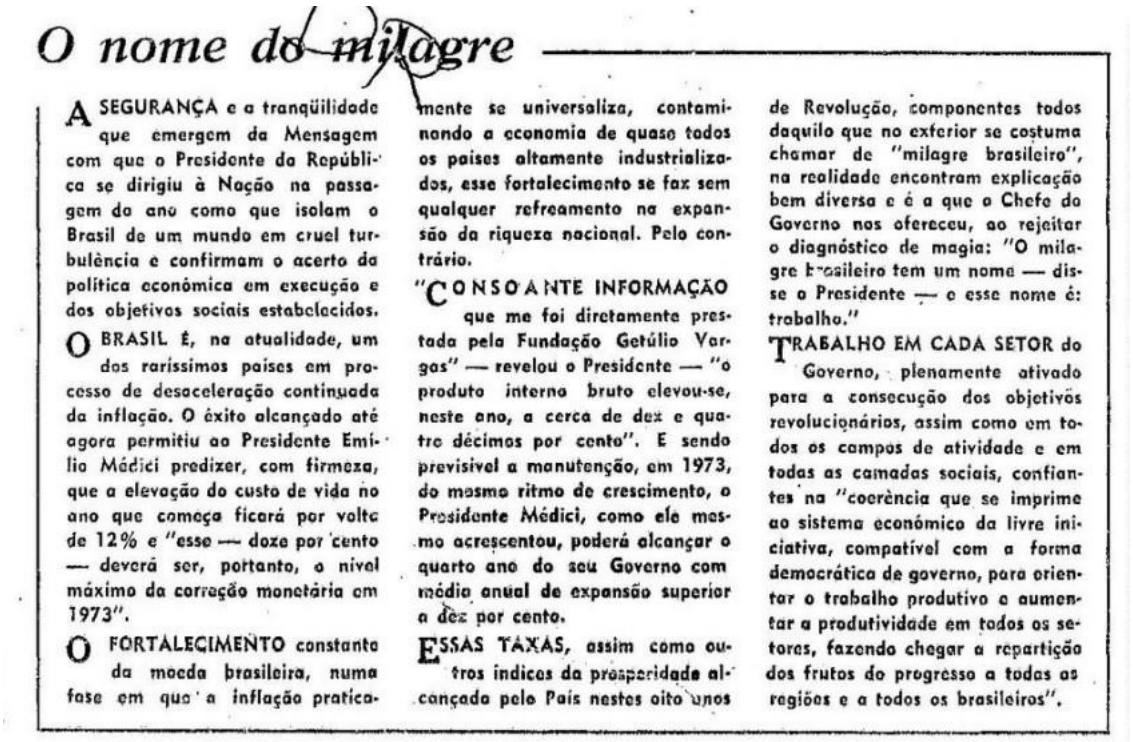
Para Gramsci, faz-se necessário promover um mapeamento das relações dentro sociedade civil e da sociedade política, buscando enfatizar como as classes se organizam no seio da sociedade civil e como contemplam seus anseios e projetos por intermédio de agentes da sociedade política, como por exemplo, a imprensa.

Ademais, verifica-se que não se faz notícia sem investimentos e capital. Com a adoção do modelo estadunidense de jornalismo, a mídia brasileira, mesmo que de forma oculta acaba por alinhar-se com os interesses da classe dominante, deixando assim de ser apartidária.

A mídia opera como uma empresa capitalista, com interesses em maximizar seus lucros, ampliar sua base de clientes e de influência e obter acordos que a favoreçam como pessoa jurídica que é. No Brasil, rádio e televisão, que são concessões públicas, também atuam como empresas privadas, com interesses privados acima do público. Reafirmando que a lógica capitalista tende a rumar para formação de monopólios e o surgimento de grandes conglomerados de mídia. Assim, no período considerado de maior expansão do capitalismo brasileiro, o chamado "milagre econômico" ocorrido em quase sua totalidade no governo do general Médici (1969-1974), o papel da imprensa dentro da lógica capitalista mostrará sua face e seu discurso maximizador do êxito econômico da ditadura, contribuindo para a formação de senso comum positivo em relação ao período.

3 CAPÍTULO 3 – DITADURA E IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DO "MILAGRE"

Figura 4 - Editorial O Globo - "O Nome do Milagre" de 02/01/1972



O nome do milagre

A SEGURANÇA e a tranqüilidade que emergem da Mensagem com que o Presidente da República se dirigiu à Nação na passagem do ano como que isolam o Brasil de um mundo em cruel turbulência e confirmam o acerto da política econômica em execução e dos objetivos sociais estabelecidos.

O BRASIL É, na atualidade, um dos raríssimos países em processo de desaceleração continuada da inflação. O êxito alcançado até agora permitiu ao Presidente Emílio Médici predizer, com firmeza, que a elevação do custo de vida no ano que começa ficará por volta de 12% e "esse — doze por cento — deverá ser, portanto, o nível máximo da correção monetária em 1973".

O FORTALECIMENTO constante da moeda brasileira, numa fase em que a inflação praticamente se universaliza, contaminando a economia de quase todos os países altamente industrializados, esse fortalecimento se faz sem qualquer refreamento na expansão da riqueza nacional. Pelo contrário.

"CONSOANTE INFORMAÇÃO que me foi diretamente prestada pela Fundação Getúlio Vargas" — revelou o Presidente — "o produto interno bruto elevou-se, neste ano, a cerca de dez e quatro décimos por cento". E sendo previsível a manutenção, em 1973, do mesmo ritmo de crescimento, o Presidente Médici, como ele mesmo acrescentou, poderá alcançar o quarto ano do seu Governo com média anual de expansão superior a dez por cento.

ESSAS TAXAS, assim como outros índices da prosperidade alcançada pelo País nestes oito anos de Revolução, componentes todos daquilo que no exterior se costuma chamar de "milagre brasileiro", na realidade encontram explicação bem diversa e é a que o Chefe do Governo nos ofereceu, ao rejeitar o diagnóstico de magia: "O milagre brasileiro tem um nome — disse o Presidente — e esse nome é: trabalho."

TRABALHO EM CADA SETOR do Governo, plenamente ativado para a consecução dos objetivos revolucionários, assim como em todos os campos de atividade e em todas as camadas sociais, confiantes na "coerência que se imprime ao sistema econômico da livre iniciativa, compatível com a forma democrática de governo, para orientar o trabalho produtivo e aumentar a produtividade em todos os setores, fazendo chegar a repartição dos frutos do progresso a todas as regiões e a todos os brasileiros".

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

O presente capítulo aborda a atuação da imprensa durante a ditadura militar e a formação do discurso de sucesso econômico como política estatal com a colaboração dos jornais *O Globo (OG)* e *Folha de São Paulo (FS)* durante o governo Médici (1969-1974).

Há um amplo debate sobre o jornalismo na ditadura militar e os diversos contextos que a cercam, mas busca-se ressaltar o papel da imprensa no âmbito econômico. Desta forma, apresenta-se primeiramente o desenvolvimento do jornalismo de economia de modo a auxiliar a nossa investigação para, em seguida analisa-se a atuação dos referidos jornais no decorrer do "milagre econômico", considerando especificamente as primeiras páginas desses periódicos.

A escolha de utilizar as capas de *O Globo* e *Folha de São Paulo* se dá devido ao impacto causado por elas sobre um público das classes médias e classes populares, em uma época em que os jornais e revistas eram os maiores responsáveis pela chagada da informação ao grande público. Concentrando pessoas no vai-e-vem das metrópoles, funcionando como referenciais sempre em pontos de grande circulação (como esquinas próximas a padarias, igrejas, praças etc.), as bancas de jornais são ao mesmo tempo a ponta oposta do setor de produção e a primeira interface entre o que é produzido pelos grandes jornais e o leitor desses impressos.

Sobretudo a capa do jornal, que servia tanto para chamar a atenção do público que poderia adquiri-lo tanto para o trabalhador de baixa renda que se informava apenas com o que lia nas capas penduradas nas bancas, como uma versão analógica do Twitter, fazendo uma analogia contemporânea, contribuindo para a formação do senso comum sobre qualquer assunto conforme a linha editorial e ideologia dos periódicos que possuíssem maior capilaridade e capacidade de distribuição nas bancas. Como ambiente propício à conversação, as bancas de jornais eram, por excelência, o local do "começar" a se informar. Deste modo, para além da análise dos discursos jornalísticos presente em tantas pesquisas, cabendo aqui nesta pesquisa, no que é editado nas capas de jornal como mecanismo de formação de um imaginário de "sucesso econômico" no cidadão comum.

Figura 5 - Banca de jornais em Niterói atrai leitores em foto de 1972.

Fonte: Arquivo O GLOBO / José Vasco (15/08/1972)

Com base nessa contextualização, cabe ressaltar que o jornalismo econômico surgiu em meados do século XIX e se consolidou durante o século XX. A ampliação desta abordagem jornalística encontra-se diretamente relacionada com a reorganização do capitalismo no âmbito global e, em específico, na economia brasileira a partir da década de 1950. Na concepção de Lene [100] e de autores como Quintão [101] e Barbosa [102], o jornalismo econômico se fortaleceu partir da década de 1960, quando se identificou com o modelo da economia brasileira.

O jornalismo mostra-se como um produtor de cultura, poder e difusor de conhecimentos e especificidades, inclusive sobre a economia, que, de alguma forma, influencia a sociedade. A produção dos jornalistas econômicos engloba as notícias que serão ou não publicadas, além de determinar as diretrizes para tal. Assim, busca-se

100 LENE, Hérica. O jornalismo de economia e a ditadura militar no Brasil: impulso e desenvolvimento. *Revista Famecos*,Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 24, 2010.

101 QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras. *O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964*.Rio de Janeiro: Agir, 1987. p.169.

102 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.87.

salientar que o jornalismo se mostra como um campo de poder que influência e se vincula as questões políticas e econômicas.

A atuação dos jornais *Folha de S. Paulo (FSP*) e *O Globo* (*OG*) nas décadas de 1960 e 1970 foi objeto de várias pesquisas. Parte-se da abordagem teórica gramsciana para delinear um mapeamento do pensamento político dos jornais citados para a construção do senso comum acerca do "milagre econômico". Partindo do capítulo anterior, busca-se apresentar de maneira introdutória uma leitura sobre a formação desses jornais bem como o projeto político desses periódicos. Deste ponto do trabalho, analisa-se o discurso defendido por esses veículos ao longo de todo governo Médici (1969 – 1974) através de chamadas de primeira página e editoriais em destaque.

Toma-se o *OG* e *FSP* como Aparelhos Privados de Hegemonia (APH), na concepção teórica de Gramsci e aplicada por Dreifuss. São atores proeminentes da sociedade civil que influenciam e ao mesmo tempo são influenciados pela sociedade política, em uma relação dialética, quer seja por comunhão ideológica quer seja por interesses empresariais. Os jornais atuaram nesse campo, fundamentalmente, posicionando-se no conjunto das relações de força e conflito, narrando e interpretando o mundo social, hierarquizando os atores e grupos envolvidos e projetando suas próprias ideias como os fossem as ideias e anseios de todos.

Considera-se os jornais examinados como atores políticos, ideológicos e instrumentos da classe dominante, tomando pelo fator principal os seus proprietários pertencerem a classe dominante, o que os caracteriza como intelectuais orgânicos da classe à qual fazem parte. Esses dois grandes jornais, de propriedade dos grupos econômicos aliados ao Estado instituído após o golpe de 1964 desde a sua gestação ideológica, acabam por funcionar como aparelhos ideológicos de Estado, instrumentos

fundamentais para o exercício do poder para além da coerção militar, mas também por meio do consenso.

A abordagem jornalística voltada para a econômica traduz-se como um espaço que procura apresentar a "sua visão legítima" sobre os fenômenos econômicos [103], contribuindo, deste modo, para a construção social da realidade. Considerar as conjecturas do jornalismo econômico como verdadeiras tem implicações sobre a ordem social, pois sedimentam práticas políticas e econômicas que tendem a segregar a esfera econômica das outras esferas.

Analisando a grande imprensa como um negócio que integra um sistema econômico associado ao capital externo, Quintão esclarece que o discurso ideológico também é o garantidor do financiamento e da sobrevivência da empresa jornalística, ao dizer que

> A década de 70 registra uma forte liquidez internacional e as empresas multinacionais, concentradoras desse capital, avançam sobre todos os segmentos produtivos passíveis de serem apropriados em todo o mundo, inclusive no Brasil.
>
> Esse fenômeno vai se refletir sobre a empresa jornalística brasileira, há tempos solapada pelo avanço do capital estrangeiro. (…)
>
> Assim, os proprietários de jornais veem-se obrigados cada vez mais a trocar compromissos públicos e até partidários por um modelo de imprensa industrial. Passam-se a se preocupar com os jornais como fontes de receita e de lucro, que são auferidos, essencialmente, na publicidade.
>
> A propaganda comercial e o discurso oficial dá o tom para o desenvolvimento e consolidação do modelo econômico aberto que vai orientar a linha editorial da imprensa. (…)
>
> A dependência da publicidade, cujas contas principais estão concentradas nas mãos desse pequeno grupo de agências, aumenta a vulnerabilidade das empresas jornalísticas (…) [104].

Por fim, analisa-se como a cobertura do jornalismo econômico da *Folha de S. Paulo (FSP)* e do jornal *O Globo (OG)* durante o período ditatorial, em especial, do

103 ARÊAS, João Braga. Construindo o consenso. A atuação de O Globo como vulgarizador das ideias neoliberais (1989-2002). Entropia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 01, 2016, p. 28.
104 QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras. *Op.Cit.*, p. 86.

governo Médici, indicam a capacidade do jornalismo em impor princípios de prestígio e consagração não só no âmbito jornalístico, mas também na esfera política e econômica. Atribuía-se certa "neutralidade" a atuação do jornalista econômico, reforçando seu poder simbólico.

Assim, busca-se contribuir para o (re)conhecimento das relações entre o jornalismo voltado para a econômica e sua influência no período da ditadura civil-militar e a perspectiva do assim chamado milagre econômico durante o governo Médici.

3.1. O jornalismo de economia

Entre os séculos XIX e XX, o noticiário brasileiro era constituído por questões de cunho político, principal vertente do jornalismo nacional. Até a década de 1950, embora existisse um noticiário econômico, este se mostrava ainda tímido. Os conteúdos eram voltados a atender às demandas do perfil agrário-exportador que caracterizou a economia brasileira durante muito tempo. As notícias voltadas para a esfera econômica correspondiam a poucas páginas, geralmente lidas por especialistas com vínculo àquelas questões.

O marco inicial da pauta econômica foi consolidado pelo alemão Geraldo Banas. No início da década de 1950, ele entrou para o jornal *O Estado de São Paulo* e, junto com Frederico Heller, criou a seção de economia deste jornal. Em 1955, o jornal lançou um caderno especial semanal sobre o assunto [105].

Os temas econômicos passaram a aparecer mais no "Grupo Folha" a partir da contratação de Mário Mazzei Guimarães, que escrevia sobre temas relacionados à agropecuária. Em 1950, a *Folha* tinha jornalistas especializados em temas econômicos e que elaboraram matérias analíticas. Destaca-se também a criação da *Gazeta Mercantil*,

105 QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras, *Op.Cit.*, p.55.

em 1920, um boletim econômico e financeiro, publicado diariamente, o que veio a despertar nos grandes jornais da época, o interesse pelas informações de caráter econômico [106]. A *Gazeta Mercantil* é descrita por Lachini [107] como a escola do jornalismo econômico brasileiro. Em meados de 1950 teve início a pratica de um jornalismo mais voltado a temas econômicos no Brasil para além da agricultura, inserido em um processo intrinsecamente ligado à reorganização do capitalismo na esfera internacional, com a consolidação de multinacionais estrangeiras e bancos internacionais como detentores do poder econômico.

O governo Juscelino Kubitscheck (1956 -1961) figura como um divisor de águas nesse processo. A entrada de capital estrangeiro promovida pela política de JK também estimulou a ampliação do mercado publicitário no país. Os recursos provenientes das vendas em banca não eram suficientes para bancar os custos de produção e os profissionais, de modo que os careciam cada vez mais de anunciantes. Nesse contexto, a indústria de bens de consumo que se instalou no Brasil correspondeu às necessidades de receita dos jornais, pois junto a elas instalaram-se no país as agências de publicidade internacionais. Tal fato destaca-se como uma das principais mudanças da imprensa no período.

O grande salto no jornalismo econômico, contudo, foi a ditadura civil-militar, que teve início em 1964 através de um golpe de estado. No final dos anos 1960, o jornalismo econômico começa a se consolidar como uma área especifica desta atividade profissional. Concomitantemente, surgiu um mercado de capitais especulativo, após as

106 DIAS, André Bonsanto. *O Presente da Memória: Usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S.Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2012, p. 19.
107 LACHINI, Cláudio. Anábase: história da Gazeta Mercantil. São Paulo: Lazuli Editora, 2000, p. 71.

reformas Campos – Bulhões, a regulamentação do mercado de capitais por Delfim Netto e com o fim do sistema de Bretton Woods [108] na década de 1970.

Além da política, a grande imprensa, constituída na época basicamente entre veículos de comunicação do Rio de Janeiro e São Paulo, prestigiou o a modernização no âmbito do planejamento e da economia instituída por Roberto Campos e Octávio Gouveia de Bulhões (1964-1967), respectivamente. Nesse processo, os economistas introduziram na imprensa notícias inspiradas nas teorias neoliberais estadunidenses, como a necessidade de reestruturação das relações trabalhistas, fator que causou demissões em massa e à recessão entre 1964 e 1966, sob a justificativa de controlar a escalada da inflação.

De acordo com Quinhão [109] o jornalismo econômico atuou como informante e analista dos negócios econômicos e financeiros, mas também como aliciador da consciência nacional, além de viabilizar uma rápida e segura reprodução do capital, como queriam as elites.

Roberto Campos tornou-se porta-voz do governo para a área econômica, ressaltando a eficácia de teorias modernizantes internacionais. Como principal representante do Brasil na Comissão Mista Brasil - Estados Unidos tornou-se famoso por entregar dos interesses brasileiros aos norte-americanos. No entanto, Campos revidou com artigos jornalísticos e informações dadas a seus colegas jornalistas que atuavam em grandes jornais. Assumiu o Ministério do Planejamento, criando uma assessoria de

108 O conceito de "sistema de Bretton Woods" refere-se a duas problemáticas distintas, mas relacionadas entre si. Por um lado, em um sentido estrito, a noção remete ao papel e ao funcionamento de duas organizações internacionais criadas em meados do século XX para administrar as relações financeiras e monetárias internacionais, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento. Por outro, em um sentido mais amplo, ela se refere também às políticas implementadas por essas instituições no plano multilateral e nas suas relações com os países membros, e que constitui, de longe, o aspecto mais evidenciado na literatura especializada ou no jornalismo corrente, em vista da sensibilidade política normalmente despertada por essas políticas aparentemente "impostas" (ALMEIDA, Paulo Roberto de. O Brasil é o FMI: meio século de idas e vindas. *Meridiano 47*, Brasília, v.32-22, p.31).
109 QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras, *Op. Cit.* p.172.

imprensa, com o intuito de legitimar as novas diretrizes econômicas governamentais e garantir respeito essas concepções. Também procedeu a criação do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA) e realizou a contratação de 100 jornalistas para compor o Grupo de Redação e divulgar material alinhado à política governamental. Em um dos maiores canais de televisão da época, a *TV Rio*, Campos criou o programa "O assunto é política", através do qual buscava difundir discussões econômicas com racionalidade técnica. O programa era patrocinado pela montadora Chrysler e pela Standard, agência de publicidade estadunidense [110].

Delfim Netto tornou-se ministro da Fazenda em 1967 e também criou sua assessoria dando início a proliferação desta prática da esfera governamental e instituições da administração pública vinculadas à área econômica [111]. Durante seu mandato, que durou até 1974, a imprensa exaltou o Produto Interno Bruto (PIB), que apresentou um crescimento das taxas anuais médias superiores a 10%, estatisticamente comprovando o sucesso econômico do país, denominado como "milagre econômico", resultado de um alto endividamento externo e do aumento da concentração de renda e da pobreza.

As assessorias levavam aos jornais notícias positivas sobre o crescimento econômico, sobre os investimentos e a Bolsa de Valores. Nesse ínterim, professores de economia passaram a participar da elaboração de artigos da revista *Exame*, periódico quinzenal que abordava assuntos sobre economia e negócios. Em 1973, a Editora Abril, que publicava a revista Exame, fez em 1973 um convênio com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), de modo a fornecer algumas bolsas de pós-graduação em economia em troca de professores e pesquisadores para discutir com os jornalistas a conjuntura econômica do país. Muitos desses professores tinham influências das

110 *Ibidem*, p. 68-69.
111 *Ibidem.*

universidades estadunidenses. Naquele momento, os economistas não sabiam atuar junto à mídia e as reuniões proporcionaram uma nova perspectiva.

A imprensa econômica da época era pró-governo e raramente sofria repressão, enquanto outras áreas das comunicações, em grande parte aquelas cujos proprietários faziam qualquer tipo de oposição ao governo, sofriam censura. Diante de um filão promissor, deu-se a ampliação das equipes de jornalismo da economia em todo o país, enquanto houve uma redução dos editoriais de política. Durante o "milagre" havia basicamente três fontes regulares, com destaque das autoridades. Delfim Netto recebia, semanalmente, os principais editores dos jornais e revistas, sendo que tais encontros contribuíam para fundamentar a cobertura jornalística de economia, apontara as medidas que seriam tomadas e identificar a temperatura da política pela perspectiva dos jornalistas. Participavam dessas reuniões Rolf Kuntz (USP), Robert Appy (editorialista de Economia do jornal *Estado de São Paulo*) , Roberto Muller (*Gazeta Mercantil*) e José Roberto Guzzo (Grupo Abril / Revista *Veja*), entre outros [112].

Outra fonte do noticiário econômico eram os empresários. Aliados ao espírito oficial teciam elogios à política econômica governamental. A terceira fonte eram os economistas. Pouco era o espaço dado àqueles que contestavam a política econômica e a má distribuição de renda, destacando-se Celso Furtado como principal crítico da política econômica do regime militar, bem como Luiz Carlos Bresser-Pereira, entre outros. Naquela época não havia economistas de grades bancos entre as fontes regulares dos jornais, pois o governo não admitiria críticas por parte dos banqueiros, o que poderia lhe render retaliações.

Em 1974, o "milagre" começou a desmoronar concomitantemente ao primeiro choque do petróleo, quando houve uma aceleração inflacionária e a balança comercial

112 PULITI, Paula. *A financeirização do noticiário econômico no Brasil* (1989-2002). Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009, p.89.

brasileira registrou déficits expressivos. Os níveis de crescimento médio cairiam entre 1974 e 1979. A dívida externa chegou a US$90 bilhões, consumindo 90% das receitas exportadoras. No final da década de 1970, com mudanças na política monetária dos Estados Unidos, que aumentou os juros para controlar a inflação, indicou que o endividamento externo promovido pelo "milagre" cobraria um preço alto [113].

Ressalta-se que os jornais que circulavam no Rio de Janeiro apresentavam um peso político relevante, pois embora o estado não fosse mais o centro político do país, mostrava-se como principal polo cultural, apontando tendências e as repercussões das mudanças ocorridas na sociedade brasileira [114]. Observa-se que os jornais de São Paulo – em especial a *Folha* – possuem uma característica editorial mais focada no mercado local, e, aos poucos, vão ampliando sua margem de atuação, repercutindo com mais destaque as notícias de âmbito nacional.

3.2. Ditadura e imprensa

Diversas análises já foram realizadas sobre a imprensa durante o período ditatorial como Gentili [115], Goulart e Bertol [116] e Fico [117], entre outros autores. Dias[118] realizou uma investigação sobre a memória social do regime militar no Brasil, que foi construída e propagada nos discursos do jornal *Folha de São Paulo*. Por meio da perspectiva jornalística buscou analisar o golpe de 1964 e sua atuação.

Os meios de comunicação são entendidos como pilares da sociedade democrática, pois se colocam em um papel de mediador entre o Estado e a sociedade, oferecendo aos

113 GENTILLI, Victor. O Jornalismo Brasileiro do AI-5 à Distensão: o "milagre econômico", a repressão e a censura. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 89, 2004.
114 FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo*: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 62.
115 GENTILLI, Victor, *Op. Cit.*
116 GOULART, Ana Paula Ribeiro; BERTOL, Rachel. Mídia e memória da ditadura brasileira: a história e os usos políticos do passado. *Rumores*, São Paulo, v. 29, n. 15, p. 16-37, 2021.
117 FICO, Carlos, *Op. Cit.*
118 DIAS, André Bonsanto, 2012, p. 20.

cidadãos acesso à informação, bem de se constitui em um espaço para debate e participação da coletividade. O poder econômico e financeiro ocupa um espaço importante no discurso e nas orientações dos meios de comunicação. Concomitantemente, o campo jornalístico tornou-se uma das principais indústrias culturais para a produção e circulação de valores/crenças sociais.

Nos jornais impressos mostram-se como instrumento capaz de criar, receber e divulgar as concepções da presente hegemonia. A periodicidade diária dos jornais lhes confere a possibilidade de veicular ideias que influenciam/informam a opinião pública. Neste contexto, o poder financeiro ocupa um grande espaço no discurso midiático, bem como nas orientações políticas e econômicas do Estado. Verifica-se, portanto, que o campo jornalístico é de suma importância na propagação de ideologias onde as novas relações de poder que se estabelecem, privilegiam os atores sociais daquele determinado momento.

Na concepção de Goulart e Bertol [119] as empresas de mídias figuram como atores econômicos que integram grandes conglomerados empresariais articulados em nível global. Embora tenham perfis afins, faz-se necessário compreender a atuação da grande imprensa, pois a imprensa periódica permite o acompanhamento detalhado das conjunturas políticas, econômicas e sociais com posicionamentos, mudanças e justificativas.

Durante os anos da ditadura civil-militar, muitos dos órgãos de imprensa que enfrentavam o regime eram censurados ou mesmo fechados. Também como forma de se resguardar de represálias houve a autocensura. A *Folha*, nesse momento, já havia reestruturado financeiramente sua empresa e entrava em um processo de "revolução tecnológica", identificando-se como os anos de "milagre", pois para se reestruturar

119 GOULART, Ana Paula Ribeiro; BERTOL, Rachel. *Op. Cit*., p. 22.

precisava de incentivos do Estado, como ilustra a sua manchete do dia 31 de dezembro de 1971, visto que faz um balanço positivo do ano e comemora a modernização do seu parque gráfico: *"Um ano muito importante para a nossa imprensa".* O jornal ainda se identificava com os preceitos do regime, embora seus dirigentes apontarem somente "indiferença" quanto ao regime, como esclarece Dias:

> [...] a empresa reformulou-se financeiramente e já podia caminhar de forma mais autônoma. Mas para que chegasse aonde chegou, vale lembrar, ela precisou atravessar um dos períodos mais conturbados da história da liberdade de imprensa no país. Era preciso, então, que esta se mantivesse "omissa" frente à situação política ou que assumisse claramente uma posição de apoio ao regime. Durante o golpe, em 1964, a empresa adotou uma postura de caráter político, assumiu um lado e construiu o acontecimento sob um olhar particular, apesar de este ser hoje identificado por seus dirigentes a antigos colaboradores como o momento mais "indiferente" da história do jornal. [...] Se em 1964 o acontecimento foi mostrado a partir das próprias opiniões do jornal, na década seguinte não havia um espaço específico onde se articulavam suas opiniões, que se construíram de forma um pouco mais sutil, em editoriais esparsos e/ou na construção das próprias matérias sobre o acontecimento. Pela forma como as matérias eram apresentadas, fica evidente que o jornal apoiara o processo político-econômico implantado pelo presidente Médici ao longo de seu mandato. Em março de 1974 a Folha dá amplo destaque àquela que seria a última mensagem do governo ao Congresso Nacional [120].

Nas capas da *Folha de São Paulo,* o Brasil, além de vivenciar um grande desenvolvimento, também era democrático e com um líder – Médici – que entendia as necessidades do povo e se mostrava carismático, como na manchete: *"Médici: Quero ser verdade, confiança e união"* (31/10/1969). Na mesma edição, *"Levar o progresso ao campo; acelerar o desenvolvimento – diz o Presidente"*. No primeiro Natal do seu mandato, a manchete: *"Médici invoca o milagre da união"* (25/12/1969). Os valores democráticos do regime também eram evocados nas capas da *FSP*: *"Médici – Revolução joga limpo e claro"* (01/04/1970); *"Justiça social mais rápida"* (01/05/1970). E as eleições municipais de 1972 aparecem em inúmeras reportagens como um endosso aos valores democráticos do regime estabelecido no país, tendo destaque na sua primeira página a manchete *"Eleições em quatro mil municípios"* (15/11/1972).

120 DIAS, André Bonsanto, 2012, p.130.

Corroborando com este posicionamento está o jornal *O Globo*. O referido periódico, em momento algum, tratou a ditadura como fruto de um golpe de Estado, mas como uma "revolução" realizada com o intuito de afastar o Brasil da crise política trazida pela "ameaça comunista", caracterizada pelo governo de João Goulart, assim como descrito pelos editoriais e manchetes da *Folha*[121]. Nos editorais do jornal *O Globo* há poucas críticas ao regime militar, salvo aquelas de caráter econômico, em relação ao intervencionismo estatal considerado abusivo pela visão liberal do jornal, bem como algumas sugestões para o aumento do investimento em educação e pesquisa. Em contrapartida, foram inúmeros os julgamentos contrários à oposição, denominada como "terrorismo". A oposição democrática era duramente criticada por não apoiar a "revolução", impedindo os "avanços" propostos pelo governo militar. A oposição armada ou não institucional era visto como representante do "perigo vermelho" em território brasileiro e, por isso, deveria ser combatida a todo custo [122], como ilustra o editorial de *OG* de 31 de março de 1971, intitulado *Sétimo Aniversário*:

> HÁ SETE ANOS, um Presidente irresponsável dava o seu reino por um avião a jato e deixava ás pressas o Palácio do Planalto. O Brasil ingressava numa era nova.
>
> (…)
>
> SE O BRASIL AINDA estivesse naquela situação de 1963-64, a América Latina toda dificilmente escaparia ao destino trágico de Cuba. Mas a arrancada de 31 de março alterou o quadro. Mesmo nos países latino-americanos que hoje enfrentam a maré esquerdista, a sombra do Brasil condiciona e freia parte do impeto dessas correntes extracontinentais.
>
> (…)
>
> A REVOLUÇÃO QUE HOJE festeja o seu sétimo aniversário realizou memoráveis façanhas no planto interno. Mudou a face do País. Mas, a nosso ver, a sua maior realização tem sido esta: a de impedir a vietnamização da América Latina . Por este serviço, dela são credores todos os povos das três Américas e de todo o Ocidente cristão [123].

121 As informações que citam manchetes e editoriais estavam presentes nas capas da *Folha de São Paulo (FSP)* e *O Globo (OG)* entre 1969 e 1974. Nos parágrafos a seguir, diferenciaremos quando se tratam de manchetes ou de editoriais. Estes últimos habitualmente estavam presentes na capa dos jornais e sem autoria assinada.

122 ARÊAS, João Braga. *Batalhas de O Globo (1989 – 2002):* O neoliberalismo em questão. Tese (Doutorado em História Social), Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2012, p. 66-70.

123 *O Globo, 31/03/1971.*

Destaca-se também o alinhamento do conteúdo dos editoriais com outras reportagens publicadas no jornal, com a prevalência da tradição anticomunista e a crença no regime militar como a melhor forma de preservar a democracia brasileira. Verifica-se que *O Globo* promoveu a propagação de um discurso que remete à cultura política conservadora e liberal, bem como ao anticomunismo, retomando o imaginário construído após a chamada Intentona Comunista de 1935, onde a possibilidade de um governo de esquerda ou com características da esquerda, poderia ser classificado como contraproducente aos "ideais democráticos" brasileiros.

Além disso, deve-se salientar a conjuntura do período altamente influenciada pela disputa ideológica da Guerra Fria. Para aqueles alinhados ao bloco capitalista, reconhecidos como liberais-conservadores, qualquer evento favorável aos objetivos considerados "socialistas", como diminuição da desigualdade social, intervenção estatal na economia, ameaça à propriedade privada, dentre outros, era visto como prejudicial. Ao anunciar a eleição de Médici pelo Congresso em 25 de outubro de 1969, *O Globo* publica o editorial *"Contestar, não"* onde pode-se ler o suprassumo da sua ideologia:

> COM A ELEIÇÃO DE HOJE revigora-se o processo de normalização da vida institucional do País. Não temos ilusões quanto ás dificuldades futuras. Mas, sem dúvida o fato capital é este: o Brasil reingressa no Estado de Direito. Trata-se de um acontecimento auspicioso.
>
> A OPOSIÇÃO VEM A OFERECER uma prova de maturidade ao decidir dar número para o pleito que hoje se realiza em Brasília. É um gesto à altura das responsabilidades do momento. Rejubilamo-nos especialmente com essa decisão. Está nas mãos do MDB uma parte importante na obra de estruturação de um regime plenamente democrático – o atual não o é, como sinceramente reconheceu o General Médici.
>
> CABERÁ AO GOVERNO que dentro de alguns dias será empossado a função de realizar uma obra política efetivamente revolucionária. Temos todos de reconhecer que, infelizmente, houve falhas consideráveis nesse setor. A crise deve-se sobretudo à inconsciência dos "contestadores" desaçaimados. Mas, não se pode negar que erros e omissões do Governo contribuíram para acentuá-la.
>
> POR CERTO O GENERAL MÉDICI, ao corrigir os rumos, saberá escolher novos homens e novos métodos a fim de que a área política fundamental para o êxito de seu quatriênio, receba oxigenação adequada.

> DA PARTE DO CONGRESSO existe, após a longa meditação compulsória de dez meses, um desejo de contribuir para que a vida democrática sob a égide da Revolução, floresça no país.
>
> NESSE PARTICULAR é bastante expressivo o discurso do presidente da Câmara que, enfermo, não pode lê-lo. "Não quero voltar ao passado", declarou o Deputado José Bonifácio.
>
> MAS, AO MESMO TEMPO, aproveitou o ensejo para denunciar o que chamou de "messianismo de novo tipo", segundo o qual "vale apenas o Estado", caracterizando-se pelo "absoluto desprezo à dignidade humana". Apenas observaríamos que não se trata de algo novo.
>
> O ENDEUSAMENTO DO ESTADO, em detrimento do ser humano é mal do século. Os grandes totalitários de nosso tempo utilizaram-se dessa matéria-prima.
>
> UMA DEMOCRACIA NÃO se faz sem Congresso. E este é o habitat natural dos políticos. O homem político, diz o Sr. José Bonifácio, é "a mais vulnerável das figuras do mundo moderno".
>
> ORA, COM OS PROBLEMAS não se resolvem apenas com a técnica, a política é , quando menos , um mal necessário. A Revolução terá de, para consolidar-se, restabelecer o diálogo político, muito embora em outros termos.
>
> NÃO É EXATO QUE o Brasil haja chegado à beira do caos APENAS por culpa dos políticos. Estes refletem o País com suas misérias e grandezas.
>
> FÁCIL SERIA RESOLVER os problemas brasileiros se para tanto bastasse marginalizara classe política. Se fosse tomada essa providência, os resultados certamente não corresponderiam às expectativas.
>
> A HORA AINDA é de dificuldades. Mas estas são bem menores que há alguns meses. A Revolução precisa da controvérsia para consolidar-se. Mas não pode admitir a contestação. Foi essa a distinção que o longo recesso parlamentar estabeleceu de forma bastante clara [124].

3.3. "Milagre econômico" e a imprensa

A ditadura civil-militar apontou como fundamento básico a busca pelo desenvolvimento. Para tanto, na concepção daqueles que estavam no governo o país precisava de condições políticas favoráveis – diga-se um regime autoritário – para obter um crescimento acelerado [125]. Além disso, dizia-se que não se poderia ter uma democracia sem uma sólida base econômica.

> Durante o regime militar, a editoria de economia dos jornais se expandiu. O discurso oficial do governo concentrava-se em tecer elogios aos seus feitos na área econômica. Essa era a postura que deveria engajar as assessorias e os programas oficiais. Os jornalistas que trabalhavam no serviço público e as assessorias de imprensa passaram a ser chefiadas por militares, ou por civis identificados com os princípios básicos do Golpe de 1964 e que contribuíram para ele. Esse discurso oficial era dirigido principalmente à classe média, cuja

[124] *O Globo*, 25/10/1969.
125 LENE, Hérica., *Op. Cit.*, p. 29-30.

> renda crescia na época, e também aos segmentos sociais com poder de barganha política. Fundamentava-se na informação de economia e apoiava-se nos diversos indicadores de crescimento, na palavra e cálculos econométricos dos tecnocratas e em uma censura violenta aos meios de comunicação [126].

Desde modo, tendo em vista a necessidade de uma investigação sobre as relações entre imprensa e ditadura, e os impactos dessa relação no gradual estabelecimento de um imaginário social sobre a economia no governo Médici, analisa-se particularmente as capas – também chamadas como primeiras páginas – dos *O Globo* e *Folha de São Paulo*, e suas representações do "milagre econômico". Para tal objetivo, foi traçado anteriormente um panorama sobre o período do "milagre" no primeiro capítulo, seguido de um breve histórico sobre atuação da imprensa no século XX e constituição de *OG* e da *FSP* até a década de 1970.

Partindo das questões apresentadas, far-se-á a análise de um conjunto de capas selecionadas sobretudo em efemérides do regime – aniversário do Golpe (31 de março), aniversário da eleição de Médici, Carnaval, Dia do Trabalhador (1º de Maio), Natal, Ano Novo, Independência (7 de Setembro), Proclamação da República (15 de novembro), além de datas sazonais, como a vitória na Copa de 1970, início das obras da Transamazônica e inauguração da Ponte Rio-Niterói – entre outubro de 1969 e março de 1974, com o intuito de identificar a reprodução (ou não) de elementos retóricos que respaldaram a política econômica durante o governo de Médici (1969-1974).

3.3.1. A economia sob os olhos de *O Globo,* o partido do Governo

O Globo prestou grande apoio à ditadura por meio de suas páginas. O país impresso em suas capas, reportagens e editoriais rumava para o desenvolvimento e para o pleno funcionamento de suas instituições "democráticas". Mesmo diante do contexto

126 *Ibidem*, p. 25-26.

mais violento do regime, com o AI-5 em franca vigência e os órgãos de repressão se valendo cada vez mais da tortura e vigilância aos sindicatos e atividades da classe trabalhadora, o que se via nas primeiras páginas era um Brasil onde o presidente Médici aparecia como um trabalhador incansável pelo progresso e estabilidade, norteando o país e seus cidadãos ao "primeiro mundo".

O Globo ressaltava o desempenho da economia e as ações do governo, como destacavam as manchetes: em 31 de dezembro de 1969 "70 uma década sob o signo da expansão" ou de 30 de outubro de 70, 1 ano do governo Médici "Brasil é exemplo para todo mundo". Um caderno especial em 7 de setembro de 72, comemorativa dos 150 anos da independência, em que se defende que 150 anos após diversos percalços se fala do "milagre brasileiro" em meio a fotos de linhas de transmissão, *campus* universitários modernos e de estradas cortando a floresta levando o "progresso". A matéria de outubro de 1973, em que o "superministro" Delfim Netto diz "Brasil é o único país onde a inflação cai". Ano esse onde os índices de inflação foram flagrantemente manipulados para baixo.

Figura 6 - Jornal O Globo 31/12/1969

1970

UMA DÉCADA SOB O SIGNO DA EXPANSÃO

Os principais problemas econômicos do futuro serão em grande parte os mesmos que os do passado imediato: como alcançar a taxa máxima de expansão com pleno-emprêgo (ou pelo menos um alto nível de emprêgo), mantendo ao mesmo tempo uma relativa estabilidade de preços e o equilíbrio dos balanços de pagamentos.

O GLOBO

Caderno Econômico

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 7 - Jornal O Globo 30/10/1970

Entêrro de luxo pagará impôsto

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

China Vermelha vai à posse de Allende

BRASIL É EXEMPLO PARA TODO O MUNDO

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 8 - Jornal O Globo 07/09/1972

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 9 - Jornal O Globo 01/10/1973

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

A "Revolução" era apresentada com louvação nos editoriais de capa: "*REALIZA ADMIRÁVEL obra sócio-econômica"*, lia-se em 24 de novembro de 1970. As comemorações pelo aniversário da "revolução" também possuíam grande destaque: *"REVOLUÇÃO, Ano VII"* (31/03/1970) e o editorial *"Seis anos fecundos".* No aniversário seguinte, em 1971: *"Médici ao Congresso: Surto de progresso deve-se aos novos métodos políticos".*

Os Editoriais impressos em suas primeiras páginas seus registravam uma população simpatizava com o regime e compreendia seus atos mais repressivos, como se

lê: "*A MAIORIA OPTOU pela Revolução*" (20/11/1970) e "*É VISÍVEL QUE FOI quebrado o gelo entre povo e revolução*" (30/10/1970). Para o jornal, havia uma comunhão entre os brasileiros e a ditadura: "*UM PAÍS UNIDO e confiante celebra hoje o Dia da Pátria*" (7/09/1970) e "C*AMINHA O BRASIL firmemente no sentido da pacificação interna*" (30/10/1970).

Ao examinar *O Globo* e suas primeiras páginas durante o governo Médici – e em todo o período do regime – percebe-se que o seu alinhamento com a ditadura. Todo o mito de um jornalismo "independente" e de que as Organizações também sofreram com a censura (diga-se de passagem, casos pontuais em obras audiovisuais da TV Globo, comparados ao material alinhado veiculado diuturnamente) cai por terra quando vê-se que as imagens do "Brasil Potência" e "Brasil Grande" difundidas pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) [127] eram reforçadas e amplificadas nas capas e páginas de *O Globo* [128].

3.3.2. Folha de São Paulo: o "milagre" e suas obras

Como verificado, os empresários Frias e Caldeira, que adquiram a *FSP* no início dos anos 1960, fizeram com que o Grupo Folha tivesse forte atuação na efetivação daquelas ocorrências levaram ao golpe em 1964, principalmente, quando constrói, através do discurso, significados que ressaltavam a positividade e necessidade daquelas ações. Mais uma vez leva-se em consideração que ambos eram membros ativos do IPES/IBAD. Para eles, a tomada de poder pelos militares não deveria ser vista como "rompimento institucional", mas, sim como a "defesa da legalidade" em um "movimento que empolgou" o país.

127 FICO, Carlos. *Reiventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
128 O levantamento completo das capas de O Globo no período de 1969 a 1974, embasamento desta pesquisa, é apresentado na íntegra na Apêndice do trabalho.

Conforme analisa Dias,

> A ‘moderna’ Folha de S. Paulo tem seu marco com a gestão dos Frias, que se inicia na década de 1960. O jornal, comprado pela família juntamente com Carlos Caldeira Filho, passavam por uma séria ‘esclerose administrativa’, segundo seus próprios dirigentes, e necessitava, naquele momento, realizar consideráveis ajustes econômicos que, obviamente, não seriam possíveis sem uma aproximação com os militares [129].

Assim, toda a retórica da *FSP* foi baseada na manutenção dos seus interesses empresariais e alinhamento ideológico ao regime. As capas da *Folha* seguiam o mesmo padrão de *O Globo*, com exceção dos Editoriais a favor da “Revolução” editados sempre na primeira página de *OG*. Para ilustrar, em 13 de dezembro de 69, 1 ano após a implementação do AI-5, “Médici inaugura estrada para Oeste” além da comemoração do Dia dos Marinheiros. E a manchete de 1 de janeiro de 1972, “1972: ruma à emancipação econômica”.

129 DIAS, André Bonsanto. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964 -2014. Opinião Pública, Campinas, vol. 25, nº 3, set – dez, p. 472 – 494, 2019. p. 478.

Figura 10 - Capa da Folha de São Paulo em 13/12/1969

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX — Um jornal a serviço do Brasil — São Paulo, sabado, 13 de dezembro de 1969 — Nº 14.790

Preço do exemplar diariamente: NCr$ 0,40 — Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira — Adm. e red. Al. Barão de Limeira, 425

Medici inaugura a "estrada da produção" para o Oeste

Marinha: País exige esforço leal de todos

ARENA paulista: TSE anula eleição da Comissão Executiva

Terrorismo na Italia: explosões matam 13 e ferem 104 pessoas

A ordem é construir mais silos para o trigo

O Instituto Butantã tem 500 mil vacinas contra gripe "Apolo"

Grecia retira-se do Conselho da Europa antes de ser expulsa

Ministerio examinará quarta-feira o plano de ação do governo

Seleção foi para Salvador, com Pelé, mas sem entusiasmo

Eletroeletronica dá a Yassuda dados para incremento no setor

MAIS CALOR E MAIS CHUVA

AMANHÃ, NA FOLHA

ASSUNTOS DIVERSOS

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 11 - Capa do Jornal Folha de São Paulo em 01/01/1972

FOLHA DE S. PAULO

Diretor-Presidente: Octavio Frias de Oliveira • Ano LI No 15.539 • Um jornal a serviço do Brasil • São Paulo, sábado, 1o de janeiro de 1972 • Al. Barão de Limeira, 425 • Cr$ 0,60

1972: rumo à emancipação economica

Temos um novo plano para o futuro

O prefeito Figueiredo Ferraz sancionou a lei que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI), define as necessidades da Capital para os proximos dez anos e fixa etapas para as obras que a Prefeitura precisa desenvolver.

O plano — PDDI — será completado com outros estudos e projetos, que definirão a ocupação do solo nas varias regiões paulistanas. O sistema viário divulgado há semanas pela Prefeitura — uma malha de vias expressas e arteriais a ser concluida em 20 anos, em duas etapas — será o esqueleto da nova cidade prevista pelo PDDI.

As vias expressas dividirão as regiões da cidade, criando celulas autonomas — bolsões, que poderão englobar varios bairros ou dividir alguns. Em cada bolsão — um centro comunitario com vida quase independente do restante da Capital — a Prefeitura deverá implantar parques, creches, centros de saude e praças de lazer e recreação, para tornar menos hostil a vida da cidade.

O PDDI foi elaborado com base nos estudos realizados nos ultimos anos para prever a evolução da Capital, entre os quais, principalmente, o Plano Urbanistico Basico (PUB) e o Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (PMDI).

A partir dele, a Prefeitura pretende disciplinar o crescimento da cidade, dando a destinação correta a suas areas e, com isso, perspectiva de uma São Paulo com cerca de 12 milhões de habitantes, com circulação facil, de carro ou Metrô, e uma vida menos angustiante que a Capital dos anos 50 e 60. A implantação dessa nova cidade, segundo a Prefeitura, será iniciada este ano.

PAG. 7

SÃO PAULO 1980. O novo plano urbanistico prevê uma malha de avenidas que marcam "bolsões" de vida urbana independente.

O presidente Medici dedicou sua mensagem de Ano Novo ao pais, ao tema principal do crescimento economico.

"A Nação tem hoje a tranquila consciencia de sua grandeza, em termos realistas, possiveis e viaveis. Temos agora a certeza de que o eterno pais do futuro se transformou, afinal, no pais do presente" disse.

Medici leu sua mensagem no Palacio do Planalto, numa transmissão em "video tape" para as cidades brasileiras por cadeia nacional de radio e TV.

O Presidente lembrou que 1972 é o ano do Sesquicentenario, o ano em que o Brasil comemora os seus 150 anos de vida independente.

"Não benito em dizer que a contribuição maior ao longo desse tempo terá sido a colheita da generosidade e da hospitalidade, do espirito de tolerancia, da harmonia entre as raças, e do nosso desprendimento, em favor da compreensão entre todos os homens, entre todas as nações."

Contudo, observou o Presidente, "forçoso é confessar o quanto, na maior parte desse tempo, fomos descuidados, irrealistas e sonhadores: o quanto fomos indefinidos na vontade, nos propositos e nos rumos."

"Ao contrario do ocorrido na maioria dos paises de potencialidades iguais à nossa, o Brasil madrugou o desenvolvimento dos valores morais e espirituais, enquanto tardava o indispensavel crescimento de natureza economica."

"Tudo mudou, porém, nestes ultimos oito anos. Amadurecemos o bastante para descobrir as vantagens do equilibrio e da ordem, do planejamento, do metodo, da continuidade e da convergencia."

Medici afirmou que estamos entrando em 1972, "com todas as condições internas para manter esse ritmo ascendente de crescimento, que a todos nos empolga."

"Estamos em 1972 com todos os mecanismos economicos ajustados e com os pedrões de segurança necessarios ao progresso, para ter, com a ajuda de Deus e com o esforço do povo, um ano igual ou melhor."

"Voltando-me para o futuro," concluiu Medici, na saudação feita ontem aos brasileiros, "vejo chegar, afinal, depois dessses 150 anos de vida independente, a emancipação economica do sonho dos Inconfidentes."

PAG. 3

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Pelo que se pode perceber, os discursos sobre o regime mantinham-se consolidados no imaginário político de seus líderes e a Folha os reproduzia sem maior problematização. Ou seja, acreditavam que o que tinha ocorrido há dez anos não foi um "golpe" ditatorial, mas uma "revolução" democrática que colocou o país nos trilhos da prosperidade.

A ideia de progresso e prosperidade foi, portanto, o mote essencial que condicionou a produção dos discursos neste momento. A narrativa do acontecimento fez com que se direcionassem as lembranças do regime como algo positivo, o que acabou por apagar o caráter ambíguo e conflituoso do processo de rememoração, silenciando vozes discordantes. A Folha nesse momento não era alvo de censura, como seus próprios dirigentes haviam afirmado, o que comprova que seus discursos eram construídos a partir de uma opinião de apoio ao regime, articulado pelo caráter seletivo da memória que refletia na construção do acontecimento. Um dos feitos mais marcantes do governo Médici se deu com a inauguração da ponte Presidente Costa e Silva - mais conhecida

como a ponte Rio-Niterói - que ganhou visível repercussão nas páginas da Folha, enfatizando o papel do jornal em seu caráter de apoio e respaldo ao "milagre econômico" proporcionado pelos militares.

Figura 12 - Capa do Jornal Folha de São Paulo

FOLHA DE S. PAULO

Catastrofe em Orly: 345 mortos

A grande ponte é inaugurada hoje por Medici

Golda desiste de formar o novo governo

Heath falha mas ainda tem esperança

100 mil universitários vêm hoje às ruas

Começa hoje a conferencia do MCE com AL

Os convocados apresentam-se hoje no Rio

Jogo lento e um empate no Morumbi

Senado vota intervenção em Cordoba

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

A narrativa das matérias seleciona e enquadra o acontecimento sob um clima de comemoração enfatizando a grandiosidade da obra e a sua importância para a continuidade do regime. O tom é de otimismo incontestável.

São Paulo, com o maior parque industrial do país precisava estampar em sua *Folha* o desenvolvimento no setor industrial automobilístico, bem como na construção civil. Com um discurso ideológico menos explícito do que os estampados nas capas de *O Globo*, a *FSP* exaltava que o progresso e crescimento econômico do período tratava-se de um efeito direto do regime, da centralização do poder e do "fim dos arroubos comunistas" no Brasil. Para isso, utilizava de um certo pragmatismo, onde divulgava índices como o aumento da importação de máquinas e equipamentos ou do como o consumo de energia elétrica em razão da intensa atividade econômica e do "progresso" chegando aos lares por meio da aquisição de eletrodomésticos.

A população também percebia o efeito desse “progresso econômico” dentro de seus lares, com o aumento do número de aparelhos de televisão, de automóveis e de eletrodomésticos. Era a expansão dos bens de consumo, sobretudo na classe média; a partir daí, estabelece-se um novo padrão de comportamento, através do qual se podia comprar e consumir.

O mercado financeiro, beneficiado por sucessivos estímulos fiscais e tributários, tornara-se cada vez mais atraente. Houve casos em que o valor das ações dobrava em um único dia. Em 1971, o índice Bovespa triplicou em apenas 10 meses.

Figura 13 - Folha de São Paulo – recorte da primeira página – Inauguração do primeiro trecho da Rodovia Transamazônica)

A CHEGADA. O presidente Medici encaminha-se ao local da inauguração do primeiro trecho da Transamazonica.

“Atitude de uma nação corajosa”

Do enviado especial

O presidente Medici, acompanhado de D. Scila, chegou ontem a Altamira, para inaugurar o trecho da rodovia Transamazonica — 1.240 km — de Estreito a Itaituba. O presidente chegou à cidade em um Avro da FAB e se dirigiu, em seguida, para o local da solenidade de inauguração, a cerca de 5 km do aeroporto.

O unico a usar a palavra, durante a cerimonia, foi o ministro Mario Andreazza, que disse ser “a Transamazonica, mais do que qualquer outro projeto de obra publica já realizado pelos brasileiros, a atitude de uma nação jovem e corajosa, decidida a enfrentar com firmeza e determinação, todos os problemas que lhe dificultam o acesso ao pleno desenvolvimento economico e social”.

O trecho da Transamazonica ontem aberto ao trafego já vem sendo usado há tempos por carros e caminhões. Apesar de definida como uma “estrada de colonização”, nela foram empregados modernos recursos da engenharia rodoviaria. Sua construção reduziu para três dias a viagem entre Itaituba e Belem, que antes, por via fluvial, demorava pelo menos quinze dias.

PAG.3

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Verifica-se que, de acordo com suas primeiras páginas, o regime, especialmente por meio do presidente Médici, é exaltado como o grande responsável pela ampliação da infraestrutura nacional, através de rodovias, hidrelétricas, linhas de transmissão de energia, das telecomunicações, das refinarias e da indústria petroquímica. Reforça-se a ideia do "Brasil Grande", da integração nacional, das grandes realizações, tais como: a Usina Hidrelétrica de Itaipu, a Transamazônica, a Usina Nuclear, da Ponte Rio-Niterói, da Embraer, entre outras.

3.4. Considerações Finais

Há inúmeras pesquisas que se voltam para o papel da imprensa durante a ditadura e a maneira como ela se relacionou com o regime nos anos da repressão, sendo grande parte dos trabalhos sobre a censura. Todavia, é sabido que o golpe foi realizado com o apoio amplo da imprensa, que era em grande parte ideológica e politicamente ligada aqueles que tomaram o Estado em 1964.

Segundo Quintão,

> Aqueles que se ajustam ao sistema são beneficiados direta ou indiretamente. A proposta de modernização da empresa abrirá caminho para o beneficiado às facilidades fiscais e creditícias.
>
> Por outro lado, serão criadas dificuldades para aqueles que não se adaptam. Estes são conduzidos a um processo de esgotamento, seja pelo fortalecimento dos concorrentes, supressão de privilégios, ou outros mecanismos políticos e econômicos artificiais. Exige-se uma nova postura do empresário antes o modelo de desenvolvimento capitalista contemporâneo no qual o Brasil começa a ingressar [130] .

Dessa forma, as narrativas construídas pelos jornais que aderiram ao "modelo" brasileiro apresentam um Brasil onde não houve rompimento institucional por aquelas

130 QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras, *Op. Cit.* p. 89.

que estavam no poder, mas os acontecimentos de 1964 aparecem como uma espécie de "aurora" de um novo tempo, um novo marco civilizatório, onde aquela fração de classe civil-militar capitaneados pelos generais-presidentes cumpria arduamente com missão de levar o país ao seu "destino-manifesto" de estar entre as grandes potências. O que se lê somente ao passar os olhos pelas capas de *O Globo* e da *Folha de São Paulo* é que somente com o regime implantado em 64 o Brasil havia encontrado seu lugar entre as nações, sendo tudo que havia antes ou as alternativas democratizantes seriam apenas "comunismo" e "degeneração".

Deve-se compreender pelas nuances da suposta imparcialidade jornalística o caráter empresarial dos periódicos, o lugar desses jornais no seio do processo de desenvolvimento capitalista. Conforme analisa Silva,

> Um dos elementos de partida está em percebermos que o jornalismo procede a uma divisão sinóptica da realidade que não corresponde à sua real complexidade. A mídia atua como difusora da divisão entre as estruturas 'social', 'econômica' e 'política', como algo natural. Mas isso é parte de um encaminhamento ideológico e condutor de uma dada hegemonia. Além disso, constrói um discurso que se por um lado especializa o conhecimento econômico, por outro naturaliza as crises, suas causas e efeitos [131].

A narrativa em torno de uma "construção" do Brasil, de um poder "transformador" do regime, é muito presente nas manchetes e editoriais de *OG* e *FSP*, e ao verificar as peças publicitárias produzidas pelo governo por meio da AERP, organizadas no trabalho de Fico [132], o que se nota é uma simbiose nos discursos, como se esses jornais também fossem organismos governamentais.

Nesse sentido, fica clara ação desses jornais como "partido" enaltecendo e naturalizando o regime e seu modelo de desenvolvimento capitalista, além de desqualificar qualquer luta por liberdades democráticas, contribuindo inclusive para a

131 SILVA, Carla Luciana. Jornalismo econômico: história dos vencedores In: CORRÊA, Maria L., CHAVES, Mônica P.A., BRANDÃO, Rafael V.M. *História Econômica e Imprensa.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. p. 272.
132 FICO, Carlos. *Op. Cit.*

criminalização de qualquer movimento reivindicatório, ao passo que procurava "domesticar" o trabalhador, criando um consenso entorno das políticas governamentais que por fim das contas favoreciam apenas a acumulação e a superexploração. As manchetes e editoriais do *OG* e da *FSP* contribuíram de sobremaneira para a formação de um senso comum em torno de uma prosperidade, de uma paz social e de um desenvolvimento jamais visto, como também a necessidade de uma classe trabalhadora pacífica e apática, onde a figura de um presidente (que a população não elegeu) é reforçada, enaltecida e cujos atos monocráticos representariam a vontade de toda a "nação".

Para o aprofundamento sobre o discurso formador de consenso dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* a fim de análise do capítulo sugere-se a qualquer tempo a leitura dos apêndices ao final do trabalho, quando apresenta-se a íntegra do levantamento das primeiras páginas dos referidos periódicos.

CONCLUSÃO

Como se pode perceber, a atuação política da *Folha* e do *Globo* esteve marcada durante as décadas de 1960 e 1970 (e mesmo antes, no Governo Vargas) por posições claramente afinadas com o regime e com o capital estrangeiro associado, entendido neste trabalho como um corpo relativamente coerente de ideias voltadas para a ação política e a gestão econômica. Tais ideias orientam-se pela ênfase nas liberdades econômicas empresariais protegida por uma estrutura institucional que garanta o direito à propriedade e a autonomia das atividades econômicas, em detrimento das condições impostas à classe trabalhadora. Dentro desse projeto político, o Estado possui papel garantidor das forças do mercado, atuando como guardião da ordem e da segurança pública, condições indispensáveis para a efetivação do investimento externo e da acumulação sem sobressaltos.

O tal "milagre econômico" ocorrido entre o período de 1968 a 1974 refere-se a um crescimento econômico proveniente de diversos fatores descritos, como o Plano de Metas de Juscelino, o PAEG de Castelo Branco, o parque industrial de Getúlio. Juntos mostram-se imperiosos para fundamentar e desenvolver este fenômeno no campo da economia, bem como as ações e o controle rigoroso da inflação, taxas de juros. Soma-se a isso o estímulo dado ao consumo e as exportações, as correções no déficit das contas públicas, e principalmente, um modelo de relações de trabalho baseado na repressão de qualquer movimento reivindicatório, no arrocho salarial, na superexploração e na catalisação do aumento da produtividade para uma superacumulação, fatores esses que contribuíram de sobremaneira para o aumento deste crescimento.

Entende-se que a ocorrência desse fenômeno se deve à continuidade, em alguns aspectos, das políticas instauradas visando industrialização e o crescimento econômico

do país pautado na indústria, de modo a fortalecer a imagem brasileira como participante do mercado internacional. Ao término deste período de crescimento, principalmente nas regiões onde o processo de industrialização foi mais acentuado, o país estava industrializado e com os mercados de bens, serviços e capitais funcionando plenamente, o que movimentava a economia.

Ressalta-se que o crescimento e o desenvolvimento, como esclarecido anteriormente, não se deu nem de longe de forma equitativa. Internamente, as diferenças sociais se acentuaram devido o desenvolvimento regional no âmbito nacional ter sido discrepante uma região para outra. Tal fato deve-se a concentração das atividades industriais, principalmente na região Sudeste e suas capitais.

A industrialização brasileira se iniciou no começo da década de 1930 através de um processo que ocorreu após a quebra das diretrizes da época e que foi concluída, considerando a questão da regionalização desta industrialização, no fim da década de 1950. Os avanços tecnológicos introduzidos só começaram a funcionar entre 1960 e 1970 depois de consideráveis (e contestáveis) mudanças político-econômicas. Em relação a desaceleração ocorrida em meados de 1974, devido a reversão do ciclo econômico, entre outras políticas, posteriores ao referido período, que buscaram o mesmo êxito, mas foram infrutíferas.

O chamado “milagre econômico”, portanto, foi consequência de várias ações implementadas visando o crescimento e o desenvolvimento do país e, especialmente, da economia. Verifica-se que as ações foram desordenadas e descontínuas devido às contradições internas do regime, mas todas foram aplicadas com o mesmo objetivo. O período em questão mostra-se midiaticamente como o clímax de um modelo de desenvolvimento.

A ocorrência desse fenômeno deve-se às políticas econômicas introduzidas por Castelo Branco e as condições externas favoráveis, atuando como precursoras do "milagre". Ao assumir a administração econômica brasileira, Campos e Bulhões, em 1964, reorganizaram a burocracia e a legislação seguindo um modelo liberal.

A economia nacional apresentava um déficit orçamentário crescente e provido pela emissão monetária, impedindo investimentos governamentais e causando uma inflação reincidente, além da balança de pagamentos desequilibrada. As ações para a substituição das importações prejudicavam a referida balança, haja vista que para concluir o processo de industrialização seriam necessários maquinário e insumos importados.

A implementação do mecanismo de correção monetária proporcionou o financiamento do déficit público através da emissão de títulos públicos. A restrição ao capital externo foi rechaçada com políticas que atrair o capital estrangeiro. Além disso, outras reformas foram realizadas, diga-se a reforma do sistema financeiro e a modificação da política salarial, que diminuiu o salário real e possibilitou o aumento da taxa de lucro e de investimentos.

Outro elemento importante para o entendimento do surto de crescimento chamado de "milagre" é o fim da estabilidade do emprego no setor privado, que elevou a rotatividade nos postos de trabalho e por consequência rebaixou ainda mais os salários já defasados pelo novo modelo de reajuste salarial. A substituição da estabilidade pelo FGTS, criando uma espécie de poupança compulsória, proporcionou parte do financiamento para as grandes obras, especialmente na construção civil. Nota-se que o PAEG constituiu os fundamentos institucionais para o "milagre" econômico.

Tal esforço para reestruturar a economia não foi suficiente para sustentar de maneira estável o crescimento do país de forma acelerada. Delfim Netto alterou o

diagnóstico da causa inflacionária, para os custos da inflação, o que o fez liberar a política monetária que expandiu. Para combater os efeitos da liberação, o governo estabelece o controle de preços e uma pequena desvalorização cambial para evitar que a inflação causasse prejuízos à atividade econômica. No âmbito fiscal, o aumento da participação das estatais nos investimentos públicos de infraestrutura foi permitido, sem ajuste fiscal, mas tentando promover o controle inflacionário.

O panorama internacional apresentava ampla liquidez e expansão da economia, o que propiciou a captação de poupança externa, o aumento da produção sem investimentos iniciais. O regime autoritário favoreceu a acumulação por meio de uma política anti-inflacionária de controle e contenção de salários.

Assim, entendeu-se por meio de grande parte das pesquisas e do que foi divulgado pelas mídias que o "milagre" pode ser atribuído ao sistema financeiro e tributário organizado recebido pelo governo de Castelo Branco, bem como pelas condições da liquidez internacional e a expansão da economia. Igualmente tem-se como fator a expansão proporcionada pela política econômica monetária, de créditos, de incentivos fiscais e de captação de capital externo, além do contexto político que possibilitou que todas as reformas e políticas adotadas, proporcionaram o "milagre" econômico brasileiro. Entretanto, analisando trabalhos como os de Oliveira, Singer e Mendonça, além das próprias estatísticas, verifica-se que a força motriz do "milagre" estava na assimetria entre produção e remuneração, que proporcionava um ritmo assombroso de acumulação e desigualdade.

Delfim Netto promoveu uma estratégia de buscar o crescimento econômico pelo aumento de investimentos em diversos setores; reduzindo o papel do setor público e estimulando o setor privado e o comércio exterior. Objetivos estes que não foram

alcançados no governo de Castelo Branco e que levou a novos diagnósticos especialmente das causas da inflação.

No campo político, a retomada do crescimento também se fazia necessária para legitimar o regime de governo, o que só seria possível através da redução da inflação sem uma contenção da demanda. Segundo Quintão,

> O crescimento econômico acelerado alimenta a propaganda oficial laudatária dos feitos do Governo, e com ela surge a expressão "Milagre Brasileiro", usada pela primeira vez por um jornalista do *The Economist*, numa reportagem em que compara as taxas de crescimento do Brasil, no período de 1970 a 1974, com as da Alemanha Ocidental, do Japão e da Coréia.[133]
>
> O "Milagre" é cultivado pelo Governo, reproduzido pelos jornais e discutido por intelectuais brasileiros, que o descrevem e questionam em artigos, revistas e debates num reconhecimento tácito da sua existência. Inventado por um jornalista e mistificado pelo Governo, o "Milagre" transforma-se no "Modelo Brasileiro de Desenvolvimento" e é legitimado em teses de mestrado e doutorado de brasileiros em universidades estrangeiras e, em seguida, transformadas em livro [134].

Traçando um panorama, verifica-se que o desenvolvimento brasileiro se divide se em três fases, sendo que a primeira fase compreende de 1964 a 1967 considerada uma fase de ajuste buscando o desenvolvimento com preços estáveis em longo prazo.

A reforma do sistema financeiro abrangeu a criação do Conselho Monetário Nacional e do Banco Central e o mercado cambial foi unificado. Também foi instaurada a correção monetária. O Sistema Financeiro de Habitação, o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, a poupança e as letras imobiliárias foram criadas; os mecanismos de controle nos reajustes salariais e a perseguição as atividades sindicais iniciam-se desde esse momento, haja vista que, segundo o discurso liberal, era uma das "causas" da inflação persistente.

As despesas públicas ficaram sob controle e o déficit público era financiado através da emissão de títulos públicos. A dívida externa foi renegociada e as exportações

133 Gustavo Silveira: depoimento *apud* QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras, *Op. Cit.*, p. 74.
134 QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras, *Op. Cit.*, p. 74.

incentivadas. O PIB voltou a crescer através do crescimento da produção agrícola em detrimento da estagnação da indústria devido à política monetária restritiva.

O segundo período abrange de 1968 a 1979 denominado como "milagre brasileiro" com um surto de crescimento acelerado do PIB, amplo processo de industrialização, aumento das exportações, aumento da participação do Estado nos gastos públicos, do capital e estrangeiro em investimentos importantes. A dívida pública, a partir de 1970 financiou obras públicas de grande impacto como a ponte Rio-Niterói, a Transamazônica, Itaipu e o projeto nuclear.

O choque do petróleo ocorrido em 1973 não impediu o progresso do crescimento, tendo o governo brasileiro realizado um programa visando à utilização de recursos naturais para a produção de energia e criou uma política. Sem reservas internas, o governo aumentou a dívida externa entre 1974 e 1982 para cobrir os preços do petróleo e financiar investimentos, mas as pressões inflacionárias voltaram a aumentar.

A terceira fase compreende o período de 1980 a 1992 denominada como fase de estagnação com uma inflação em níveis catastróficos. O segundo choque do petróleo em 1979, com aumento dos preços e a crise do mercado financeiro internacional, em setembro de 1982, iniciou uma crise sem precedentes na história brasileira. O corte de recursos estrangeiros naquele ano compeliu o Brasil a recorrer ao FMI para negociar a dívida externa, o que só se concretizou em 1993. O PIB, entre 1990 e 1992, apresentou taxas variáveis atingindo -1,3%.

Diversos planos foram elaborados para buscar a estabilização da economia, apresentando algum êxito inicial em face da ociosidade da indústria nacional recuando diante da hiperinflação de 948% entre 1990 e 1992 O mercado financeiro tinha poucas movimentações. O plano cruzado demonstrou maior sucesso e influenciou no crescimento da produção, enquanto o plano Collor buscou reestruturar as finanças

públicas, através de um novo padrão monetário, aumento das importações, livre circulação e desestatização. Por outro lado, o referido plano não teve o apoio popular devido ao congelamento de parte dos ativos financeiros, permitindo o governo a refinanciar a dívida externa, mas falhou.

O que se verifica é uma mítica e um senso comum em torno dos êxitos econômicos no período da ditadura, tendo o período de Médici na presidência capitalizado esse discurso muito em parte por fatos noticiados com muito ufanismo e exaltação ao regime ocorridos ao longo do seu mandato (1969 a 1974), como a Copa de 1970, o Sesquicentenário da Independência em 1972, a abertura da Rodovia Transamazônica, a inauguração da Ponte Rio-Niterói e as tratativas para a construção da Usina de Itaipu.

O discurso hegemônico sobre esse sucesso e a criação de um senso comum deve-se, basicamente, a dois fatores: o primeiro seria a censura e a impossibilidade de qualquer notícia desabonadora ao governo; o segundo, é a ligação dos empresários de mídia com o regime, em uma relação dialética e simbiótica, de interesses empresariais e alinhamento ideológico, onde a mídia contribuiu de forma decisiva para a construção dessa imagem agindo como um "partido" e a ditadura, por meio da sua política de conglomerados, favorecendo os empresários desse setor – seja sufocando economicamente seus concorrentes, seja com a benevolência nos empréstimos via BNDE e/ou desembaraço para liberações de financiamentos externos.

Para Gramsci, as "massas" não têm uma concepção crítica e coerente do mundo, mas um conceito de senso comum, passado de ângulos diferentes. De geração em geração, tende a se transformar em crenças religiosas, em ensinamentos que não são esquecidos. Quando o Estado *stricto* (sociedade política) e a sociedade civil (os aparelhos privados de hegemonia, aqui, materializados na imprensa e mídias) em um contexto

autoritário, de coerção (AI-5 e censura) age conjuntamente na formação de um discurso hegemônico, acerca da infalibilidade e competência do regime nas conquistas econômicas, o consenso é criado com sucesso e transmitido por décadas, quando a mídia que agira no passado cresce, torna-se grandes conglomerados do setor e, é a mesma mídia que age atualmente.

Segundo Gramsci, o conhecimento tradicionalmente adquirido, aliado aos resultados da experiência na vida coletiva, conhecido como senso comum, pode ser classificado como um conjunto de ideias que permitem ao sujeito interpretar o mundo. Realista de uma forma diferente, sem fruto de reflexão porque se confunde com crenças e valores. É um conhecimento fragmentado, acrítico e conservador, que tenta preservar o conhecimento ao longo do tempo e assim resistir à mudança [135]. O senso comum limita-se a descrever a aparência dos fenômenos, em vez de estudar suas causas e, principalmente, seus efeitos.

De modo bem objetivo, por meio de uma simples análise, podemos começar a desconstrução do mito "milagre" utilizando os mesmos números que o transformaram em um caso de sucesso da ditadura. Os defensores do regime falam de um crescimento econômico inédito durante a ditadura, referindo-se ao período democrático anterior ou posterior como incompetentes no trato macroeconômico e incapazes de proporcionar tal desenvolvimento. Todavia, recorta-se os 5 anos do tal "milagre" e generalizando aos 21 anos que o regime durou. Conforme descrito por Napolitano, o crescimento médio registrado ao longo da ditadura – 1964 a 1985 – foi de 6,7%, todavia o crescimento médio de 1948 a 1963 – o período democrático anterior ao golpe – foi de 6,3% [136]. Ou seja, uma

135 GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
136 IBGE *apud* NAPOLITANO, Marcos. *1964*: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

diferença pífia para tamanha comoção em torno da ditadura e seu “milagre”, de modo a concluirmos pelos estudos nesse trabalho que a imprensa escrita contribuiu ativamente na formação da opinião pública de forma positiva sobre o “milagre econômico”, sendo a visão predominante atual entre os brasileiros de que a ditadura civil-militar foi um período de êxito econômico, apesar de trabalhos e indicadores econômicos e sociais específicos comprovarem o contrário, tem origem em um modelo de imprensa monopolista associado ao capital.

Para compreender como se deu o fenômeno utilizou-se de material estatístico e relatórios técnicos do período, além da utilização de fontes disponíveis no CPDOC/FGV e IBGE, entre elas os relatórios e diagnósticos de Roberto Campos e Antônio Delfim Neto, bem como obras que referenciam e retratam um panorama mais abrangente desta época, sob o prisma das relações de produção, das relações internacionais e das economias brasileira e mundial, com os autores Francisco de Oliveira, Maria da Conceição Tavares, Marcelo Badaró e Paul Singer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O Brasil é o FMI: meio século de idas e vindas. *Meridiano 47*, Brasília, v.32-22, p, 17-17, 2003. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/1503. Acesso em 05 ago. 2022.

ARÊAS, João Braga. *Batalhas de O Globo (1989 – 2002): O neoliberalismo em questão*. Tese (Doutorado em História Social), Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2012.

_____. Os Marinho: O monopólio brasileiro do setor de comunicação. In: CAMPOS, Pedro Henrique; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta (orgs.). *Os Donos do Capital:* a trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. Construindo o consenso. A atuação de O Globo como vulgarizador das ideias neoliberais (1989-2002). *Entropia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 01, 2016.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa Brasil-1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad 2007.

_____. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p.215-234, 2006. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47471. Acesso em 28 jul. 2022.

BIANCHI, Álvaro. *O Laboratório de Gramsci.* Filosofia, História e Política. São Paulo: Alameda, 2008.

BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. *Relatório. Volume II*. Brasília: CNV, 2014. 416 p.

CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque: 1808-1964* — A História contada por jornais e jornalistas. Vol. 1. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DIAS, André Bonsanto. *A VERDADE DITA É DURA:* "Histórias da verdade" do/no jornalismo e a ditadura militar no Brasil. Tese (Doutorado em História Social), Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2018.

_____. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964 -2014. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 25, nº 3, set/dez, p. 472-494, 2019.

_____. *O Presente da Memória:* Usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S.Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2012.

DREIFUSS, René Armand. *1964:* A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo:* ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1997.

FONSECA, Francisco. *O conservadorismo patronal da grande imprensa brasileira*. Opinião Pública, Campinas, v. 9, p.73-92, 2003. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641134. Acesso em 28 jul. 2022.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: "milagre econômico", repressão e censura. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v.1, n.2, p. 87-99, 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2075. Acesso em 28 jul. 2022.

GIAMBIAGI, Fabio; VELOSO, Fernando; VILLELA, André. Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p.221- 246, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbe/a/5SyG8QnVhQHdyyfKdd893mk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 28 jul. 2022.

GOULART, Ana Paula Ribeiro; BERTOL, Rachel. Mídia e memória da ditadura brasileira: a história e os usos políticos do passado. *Rumores*, São Paulo, v. 29, n. 15, p. 16-37, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/181756. Acesso em: 28 jul. 2022.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Cadernos do Cárcere. Volume 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Cadernos do Cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Cadernos do cárcere*. Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HABERT, Nadine. *A década de 70:* Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996.

HERMANN, Jennifer. Reformas, Endividamento Externo e o " Milagre" econômico (1964 – 1973). In: GIAMBIAGI, Fabio; VELOSO, Fernando; VILLELA, André (orgs.). *Economia Brasileira Contemporânea (1945 – 2010)* Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HUMPHREY, John. *Fazendo o "milagre":* Controle capitalista e luta operária na indústria automobilística brasileira. Petrópolis: Vozes, 1982.

IANNI, Octavio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. 5ª edição. São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários:* nos tempos da imprensa alternativa, 2ª ed., São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 2003.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda*: Jornalistas e censores, do AI-5 a Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

LENE, Hérica. O jornalismo de economia e a ditadura militar no Brasil: impulso e desenvolvimento. Porto Alegre, Revista FAMECOS, vol. 17 n. 2. p. 24-32, mai./ago. 2010. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7539. Acesso em 28 jul. 2022.

MACARINI, José Pedro. A política econômica do governo Médici. *Revista Nova Economia*, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.53-92, set./dez. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/neco/a/CDqqSX6QKhCbgbJBkPQQ55B/?lang=pt&format=pdf. Acesso em 28 jul. 2022.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Reorganizando em meio ao refluxo:* ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil atual. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2009.

MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil:* Opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. O Estado Ampliado como Ferramenta Metodológica. *Revista Marx e o Marxismo*, Niterói, v.2, n.2, p.27-43, jan/jul 2014. Disponível em: https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/35. Acesso em 28 jul. 2022.

MENDONÇA, Sônia R., FONTES, Virgínia M. *História do Brasil Recente*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

NAPOLITANO, Marco. *1964:* História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PULITI, Paula. *A financeirização do noticiário econômico no Brasil (1989-2002)*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009.

QUINTÃO, Aylê-Salassié F. *O Jornalismo Econômico no Brasil depois de 1964.* Rio de Janeiro: Agir, 1987.

RAUTENBERG, Edina. *VEJA* como a Abril se consolidou durante a ditadura civil-militar brasileira. In: CORRÊA, Maria Letícia. CHAVES, Mônica Piccolo Almeida. BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta (orgs.) *História Econômica e Imprensa*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p.199-221.

SILVA, Ana Beatriz Ribeiro Barros. Brasil, o "campeão mundial de acidentes de trabalho": controle social, exploração e prevencionismo durante a ditadura empresarial-militar brasileira. Revista Mundos do Trabalho, Florianópolis, v. 7, n.13, p.151-153, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2015v7n13p151. Acesso em 28 jul. 2022.

SILVA, Carla Luciana. Imprensa e Ditadura Militar: padrões de qualidade e construção de memória. *História & Luta de Classes*, v. 1, p. 48, 2005.

_____. *VEJA*: O indispensável partido neoliberal (1989 a 2002). Tese (Doutorado em História), Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2005.

_____. Jornalismo econômico: história dos vencedores. In: CORRÊA, Maria Letícia; CHAVES, Mônica Piccolo Almeida; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta (orgs.) *História Econômica e Imprensa*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p. 271-290.

SINGER, Paul. *A crise do "milagre"* – Interpretação crítica da economia brasileira. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TAVARES, Maria da Conceição. *Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. *Economia Micro e Macro*. 4ª Edição. São Paulo. Editora Atlas, 2015.

Sites

Acervo Digital Jornal O Globo. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em 28 jul. 2022.

Acervo Folha de São Paulo. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do. Acesso em 28 jul. 2022.

Acervo CPDOC/FGV. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo. Acesso em 28 jul. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Capas de O Globo – Assunto: Governo e economia – Amostragem: outubro de 1969 a março de 1974 (Mandato do General Médici) por ordem cronológica

Figura 14- 29/10/1969 – Manchete: "Meta de Médici é o retorno à ordem constitucional"

• Impôsto de renda em parcelas tem prazo maior

O BOM BAILARINO VAI SER SOLDADO

RETÔRNO À ORDEM CONSTITUCIONAL É META DO GOVÊRNO

Em declarações prestadas ontem a O GLOBO, o Professor Alfredo Buzaid afirmou que, durante sua gestão à frente do Ministério da Justiça, pretende reinstituir a ordem constitucional do País, observando ser esta uma das metas do General Médici, segundo o pronunciamento que o Presidente eleito fêz há alguns dias. Disse, ainda, que os Atos Institucionais têm de ser mantidos, mas o Govêrno só os utilizará se houver novos abusos. O GLOBO ouviu também vários outros membros do futuro Ministério, que se pronunciaram sobre seus objetivos nas respectivas Pastas. (Pág. 5)

ANO XLV - Rio de Janeiro, 4.ª-feira, 29 de outubro de 1969 - N.º 13 226

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Bayer anuncia nova droga antileucemia

O VAQUEIRO ASTRONAUTA

UM TAPÊTE DE PÉROLAS

Pequim abate avião dos EUA sem piloto

BARNARD DÁ ATÉ QUADRO

Raio destrói fábrica de uísque na GB

Missão espinhosa

Figura 15 - 13/12/1969 – Caderno especial de Economia

1970

UMA DÉCADA SOB O SIGNO DA EXPANSÃO

Os principais problemas econômicos do futuro serão em grande parte os mesmos que os do passado imediato: como alcançar a taxa máxima de expansão com pleno-emprêgo (ou pelo menos um alto nível de emprêgo), mantendo ao mesmo tempo uma relativa estabilidade de preços e o equilíbrio dos balanços de pagamentos.

O GLOBO

RIO, SÁBADO, 13 DE DEZEMBRO DE 1969

Caderno Econômico

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 16 - 22/06/1970 – Tricampeonato mundial de futebol – Exaltação ao regime

MÉDICI: NINGUÉM SEGURA ÊSTE PAÍS

A TAÇA E OS CAMPEÕES: PELÉ, PAULO CÉSAR, GERSON (EMBRATEL)

"Alô, "rei" Pelé. Aqui é o Presidente. Mando o meu abraço a todos. Têrça-feira estou aguardando vocês." Poucos minutos após o término do jôgo, o Presidente Médici iniciava dessa forma, por telefone, seu diálogo com Pelé. O "rei" ofereceu a vitória ao Presidente. Em meio à euforia, em conversa com jornalistas e instado sôbre como encarava a ação terrorista, o Presidente declarou: "Os terroristas não conseguirão nada. Ninguém segura êste País." Na mensagem que enviou à Seleção, o Presidente assinalou que aquêle era o dia mais feliz de sua vida, frisando que a vitória se deveu à prevalência de princípios que nos hão de orientar para o próprio desenvolvimento do país.

(NA TERCEIRA PÁGINA)

ANO XLV - Rio de Janeiro, 2.ª-feira, 22 de junho de 1970 - N.º 13 535

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO — Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO — Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

CIDADE EM FESTA ESPERA CAMPEÕES

O Rio em festa se prepara para receber amanhã os tricampeões do mundo e a definitivamente conquistada Taça Jules Rimet. Embarcam às 2 horas de amanhã (hora do Rio) e chegarão às 15 horas em Brasília, onde serão recebidos pelo Presidente Médici, seguindo depois para o Galeão. O carnaval da vitória explodiu ao término do jôgo, tomando conta de tôda a cidade numa euforia de sons e côres, com o público cantando e pulando nas ruas. Hoje e amanhã o ponto é facultativo nas repartições federais e estaduais, não havendo aulas na rêde escolar. Dependendo do Banco Central, os bancos deverão funcionar amanhã até 14 horas, ocorrendo o mesmo com o comércio e indústria.

Raça e classe de Gérson

GERSON DEU UM DRIBLE COMPLETO NA DEFESA ITALIANA: BRASIL 2 x 1. (VIA EMBRATEL)

Jair, o tigre de aço

PIAZZA PASSOU PARA PELÉ E ÊSTE PARA JAIRZINHO, ERA O 3.º "GOAL". (VIA EMBRATEL)

Zagalo: Pelé foi o maior da Copa

Bastante emocionado, Zagalo foi cercado por um batalhão de jornalistas e fotógrafos no vestiário. Quando lhe perguntaram quem elegeria como o melhor da seleção, disse, quebrando uma norma: "Pelé foi o maior de todos os jogadores da IX Taça Jules Rimet, inclusive porque é o único tricampeão mundial." Zagalo fêz também um agradecimento caloroso aos mexicanos pela acolhida que deram aos brasileiros. Abatido, mas tranqüilo e conformado com a derrota, Valcareggi, técnico da seleção italiana, reconheceu que o futebol brasileiro é o melhor do mundo. Considera, contudo, o escore exagerado. Numa análise do jôgo, João Saldanha afirma que a vitória do Brasil foi a vitória do otimismo realista. E Ricardo Serran lembra que o Brasil não é apenas um simples campeão do mundo, mas o dono absoluto da supremacia que ratificou com um espetacular 4x1. Para a pequena Taça do Mundo, a se realizar no Brasil em 1972, o Presidente Médici já acertou: ela se chamará Taça Pelé.

Edição Final

Carnaval a noite tôda

PREPARADO "ESPIRITUALMENTE" DESDE O FIM DA SEMANA, O RIO COMEMOROU A VITÓRIA ATÉ AMANHECER O DIA

A lição do Tri

TÃO IMPORTANTE quanto a conquista de ontem no Estádio Asteca foi a beleza da confraternização entre mexicanos e brasileiros. A Seleção verde-amarelo, pelo seu comportamento exemplar dentro e fora do gramado, conquistou a simpatia do povo do México.

EM GUADALAJARA CRIOU-SE uma tal atmosfera de cordialidade em tôrno de nossos esplêndidos rapazes que — segundo o depoimento de todos os jornalistas que lá trabalharam — muitos dos nossos pensam em retribuir tanto calor humano e tanta espontaneidade. Aliás, em Petrópolis já se fala numa Rua Guadalajara.

O FUTEBOL PROVOU que é possível existir uma integração latino-americana. Há lastro popular para isso. Ontem na Cidade do México essa integração era uma fôrça viva, palpitante.

MAS FALEMOS NA FAÇANHA pròpriamente dita. De repente — a TV, via satélite, mostrou a 700 milhões de pessoas por êste mundo de Deus — foi aquela corrente pra frente. As águias romanas tombaram feridas pelas setas de Pelé, Gérson, Jair, Carlos Alberto.

OS HERÓIS: o assustado-elétrico Félix-felino; Carlos Alberto Magno, fôlego inacabado desdenhando as altitudes de Popocatepetl; Brito, elasticidade, o pulo do jaguar; Piazza, a "virtù" florentina aplicada contra o Lácio, o estilo algo parnasiano mas com sarças de fogo; Everaldo, regularidade e bravura dos Pampas, onde sopra, convém lembrar, o vento forte da paixão.

OS HERÓIS: OS 19 ANOS de Clodoaldo, sal ático, fantasia, graça, garça e garra; Gérson, razão em estado puro visitada pelos galopes de pranto e brio; Rivelino, Polàris canhoto, o tiro sem misericórdia; Jairzinho, Pégaso e tigre, dardo e laser, aço e chama (seu "goal" em Banks não terá ajudado a derrubar Harold Wilson?); Pelé Rex, a lâmpada de Edson, ludus et ratio, razão de uma raça lúdica, estratégia improvisada pelo pressentimento instintivo da hora do golpe fatal; Tostão, o estóico, moeda supervalorizada, a doçura transfigurada em karatê quando chega o momento.

E MAIS: ZAGALO, formiguinha, a saúva que pacientemente destruiu os adversários do Brasil — tchecos, inglêses, romenos, peruanos, uruguaios e italianos. João Saldanha — o estruturador do esquema, o animador inspirado, Quixote e Sancho e, depois, o colaborador honesto, o conselheiro útil — tem igualmente o seu grande quinhão no triunfo.

COMO DIZ O POPULAR narrador: o que é que é isso, minha gente? Que bola-bola! Lindo, lindo, lindo! Lindo pelo espírito esportivo da conquista, a limpeza na disputa, a graça, a bravura, a lealdade, a retidão.

EM 1958 E 1962 tivemos lances de gênio. Em 1970 conquistamos para sempre a Copa com isso e mais um dado nôvo: um conjunto admirável, que se entende, se associa em todos os momentos, que pulsa com uma alma coletiva. A vitória deve-se — observou o torcedor Emílio Garrastazu Médici — à "prevalência de princípios de que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional".

POR QUE NÃO EXPERIMENTAMOS aplicar a todos os setores a admirável lição que êsses onze brasileiros despretensiosamente ensinaram ao mundo?

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 17 - Comemorações de 1 ano do governo Médici – Manchete: Brasil exemplo mundial – Exaltação ao presidente – Crítica velada a eleição de Allende no Chile

Entêrro de luxo pagará impôsto

Entra em vigor nos próximos dias medida já aprovada pelo Govêrno do Estado que manda cobrar impôsto equivalente a 10% sôbre o custo dos enterros de luxo nos cemitérios particulares. Nos do Estado, o tributo será de 5%. Haverá, também, maior rigor na fiscalização do tabelamento a que estão obrigadas as casas funerárias: tôdas terão que ostentar, na porta, os preços que cobram para o sepultamento, sob pena de multas e até fechamento. (P. 12)

ANO XLVI - Rio de Janeiro, 6.ª-feira, 30 de outubro de 1970 - N.º 13 647

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe ROBERTO MARINHO Diretor-Tesoureiro HERBERT MOSES
Diretor-Secretário RICARDO MARINHO Diretor-Substituto ROGÉRIO MARINHO

Em sua saudação ao Presidente, o Sr. Raymond H. Mulford expressou a confiança do empresariado internacional no Brasil e disse que o exemplo brasileiro provará que "as instituições democráticas são superiores na promoção de um alto nível de vida para os cidadãos"

BRASIL É EXEMPLO PARA TODO O MUNDO

O Presidente Médici, que hoje fará um pronunciamento à Nação sôbre o primeiro aniversário do seu Govêrno, recebeu ontem os 78 empresários que vieram ao Brasil participar da mesa-redonda da "Business International Corporation". Falando em nome dos visitantes, o Sr. Raymond H. Mulford louvou o Brasil por ter conseguido "primeiro conter e depois inverter o processo inflacionário" em curto espaço de tempo e considerou que "o resto do mundo bem faria em estudar êsse exemplo", pois "as realizações do Govêrno exigiram visão, capacidade e coragem". Respondendo de improviso, o Presidente disse que nada deterá o Brasil em sua atual senda revolucionária. (Págs. 3/14)

China Vermelha vai à posse de Allende

Uma delegação da China Comunista, chefiada por Ni Chih-Fu, destacado membro da Conferência de Representantes Revolucionários de Pequim, estará presente têrça-feira à posse do marxista Salvador Allende, cujo Govêrno estabelecerá relações diplomáticas com o regime de Mao Tsetung em fins de novembro. Allende disse ontem que não pretende impor ao Chile um regime comunista, mas reiterou que nacionalizará os setores básicos da economia, enquanto o proprietário de uma casa de frutas de Santiago confessava ter sido o autor dos disparos que mataram o General René Schneider. (PAG. 6)

Morta nº 11 revela nôvo estrangulador

O corpo de mulher no malogal de Agua Funda foi descoberto ao amanhecer de ontem, e denunciou à polícia a existência de mais um estrangulador em São Paulo. E o 11º crime de crimes semelhantes, mas até agora somente dois assassinos estão identificados e enquadrados a sua ânsia em estrangulamentos. Válter Braga, o bauen louro, que viola com Dina, a noiva de Agua Funda, já está preso (foto), como suspeito, pois levava vida de desocupado e teve várias prisões. (P. 17)

Dina, a n.º 11

Carta a "Toledo" explica difamação

A participação de banidos e outros esquerdistas brasileiros na campanha contra o Brasil no exterior está evidenciada numa carta remetida de Roma, no último dia 19, ao líder terrorista Joaquim Câmara Ferreira ("Toledo" ou "Velho"), fazendo referências a contatos para a "costumeira pichação do regime" em outros países. A carta, encontrada em poder de "Toledo", é assinada por "Cláudio", provàvelmente Frei Osvaldo Resende Júnior, diz que D. Hélder continua sendo "a grande vedete" e pede: "Veja se não me cria caso com a Igreja aí." (P. 13)

DESDE O TEMPO DE NAPOLEÃO

Em 1816, dois anos depois da partida de Napoleão para Elba, nascia em Goiás uma criança a que dariam o nome de Delfina Costa Freire. Ela vive ainda, no mesmo rancho miserável onde viu a luz, lutando ferozmente contra a fome e disposta a durar "por muitos e bons anos". Com 154 anos, permanece lúcida, embora sofra, de vez em quando, traições de memória. Um cachorro é a única companhia que lhe resta: seus descendentes — cêrca de 50, inclusive a filha caçula, Ana, que nasceu quando ela tinha 66 anos — "estão espalhados por aí". (NA DECIMA PAGINA)

EMPRÉSTIMO SERÁ SALÁRIO INDIRETO

A partir de dezembro todos os sindicatos do País estarão em condições de revelar a seus associados, inclusive por meio de impressos, as condições em que poderão ser obtidos os empréstimos simples criados em recente decreto presidencial e para cuja concessão foi assinado convênio ontem entre o Ministério do Trabalho e a Caixa Econômica Federal. O Ministro Júlio Barata assinalou que os empréstimos — no mínimo de duas vêzes o salário-mínimo regional — representarão um salário indireto, atestando o empenho do Govêrno em dar assistência às classes operárias. (NA PÁGINA 3)

O PRÓXIMO OBSTÁCULO

Depois de ter demonstrado, com sua espetacular vitória sobre Jerry Quarry, que está em perfeitas condições para recuperar seu título de campeão mundial de tôdas as categorias, o pugilista Cassius Clay, tendo ao colo seu filho Maryun, de 2 anos e meio, e ao lado a esposa, Belinda, deu ontem entrevista coletiva à imprensa em Nova York, para anunciar que seu próximo adversário deverá ser o argentino Bonavena, em mais uma etapa para sua luta contra o campeão Frazier. (Reuter)

Vaticano defende "hippies"

CIDADE DO VATICANO (UPI — O GLOBO) — Comentando ontem a reação da imprensa diante da chacina da família do médico Victor Olsta, na Califórnia, o "Osservatore della Domenica", órgão do Vaticano, afirma que os "hippies" são vítimas de intensa perseguição, tendo sido acusados por jornais norte-americanos e italianos antes da apresentação de qualquer prova. Depois de lembrar que os "hippies" são "jovens que rejeitam um tipo de organização social por serem contrários à violência sob qualquer forma", o jornal compara-os às bruxas, "que na penumbra dos séculos foram identificadas como fôrças do mal e castigadas atrozmente por crimes que nunca cometeram". O autor da chacina é um tal John Frazier.

Primeiro aniversário

PRECISAMENTE HÁ UM ANO nesta data era empossado na Presidência da República o General Emílio Garrastazu Médici. Sua ascensão ao poder supremo ocorreu após uma grave crise político-militar originária da súbita enfermidade que prostrou o General Artur da Costa e Silva.

O BRASIL ANDOU, naqueles dias de setembro-outubro de 1969, bailando à beira do velho abismo. Os indícios da conjuntura econômica não guardam para o futuro as marcas deixadas pela atmosfera de incerteza que então envolveu o País.

ENTRETANTO, ANTES mesmo de chegar à Presidência, o General Médici em sua fala histórica à Nação em 7 de outubro de 1969 ofereceria, a um País que o desconhecia — seu largo prestígio então circunscrevia-se à área militar —, claros indícios de que o Brasil teria no nôvo Presidente um seguro e sensível timoneiro.

NESTES DOZE MESES o General Médici, sem dúvida, já conquistou um terreno consideràvelmente. Acumulou a conta da Revolução um sólido capital político. Estabeleceu, logo após a crise, solável coesão das Fôrças Armadas e está a caminho de reconduzir o País, definitivamente, da vergonhosa vereda do terror.

A ECONOMIA DEU SALTOS. Muito embora persista uma ténues "estabilidade" da inflação, o hábil manejo dos instrumentos de política possibilitou a conquista de expressivos resultados.

REPELINDO AS TENTAÇÕES da demagogia populista, o Govêrno mostra com segurança uma política social realista que aproximará empresários e assalariados sob a égide de interêsses comuns.

NA ÁREA POLÍTICA, o General Médici defrontou-se logo com o difícil problema das sucessões estaduais. Levando em conta as dificuldades da hora, assumiu a responsabilidade de jogar o peso de sua liderança na escolha de candidatos da ARENA, respeitando porém o direito de a Oposição levar ao Pôder o seu candidato no Estado onde é notória a superioridade eleitoral do MDB.

É CERTO QUE A REVOLUÇÃO tem ainda um caminho longo a percorrer até chegar à desejada "plenitude democrática".

O General Médici, em seu Discurso de posse, foi claro a êste respeito: "A oferta de meu compromisso ao povo, perante o Congresso de seus representantes, quero-a um ato de revigoramento democrático." "Homem do povo, entrego a sua vocação de liberdade, creio no poder fecundante da liberdade." "Homem da lei, sinto que a plenitude do regime democrático é uma aspiração nacional." "Creio em que, passados os dias difíceis dos anos 60, amanhecerá, na década de 70, a nossa hora."

É VISÍVEL QUE FOI quebrado o gêlo entre o povo e a Revolução. Não há dúvida de que a contribuição pessoal do atual Presidente a êsse natável êxito é considerável. E o General Médici não precisou para tanto de abrir o velho baú das fórmulas demagógicas.

CAMINHA O BRASIL firmemente ao sentido da pacificação interna, galvanizado pelo desejo servido de realismo de construir neste imenso território uma Nação digna do sonho de seus maiores. Esta data, que o Govêrno deixa escoar discretamente, assinala um degrau importante na escalada nacional no sentido do progresso com ordem e paz.

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 18 - 30/03/1971 – Manchete: Médici leva a “Revolução” ao campo

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f03%2f30%2...

Paulo VI pede a Tito por oito milhões de católicos

ANO XLVI - Rio de Janeiro, 3.ª-feira, 30 de março de 1971 - N.º 13 772

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

Ao receber ontem em audiência o Marechal Tito, primeiro Chefe de Estado comunista a franquear os umbrais da Santa Sé, o Papa Paulo VI pediu-lhe que permita à Igreja realizar com liberdade seu trabalho espiritual entre os oito milhões de católicos iugoslavos. (NA PÁGINA OITO)

Durou uma hora a audiência que Paulo VI concedeu ao Presidente Tito e sua espôsa Jovanka

MÉDICI LEVA AGORA A REVOLUÇÃO AO CAMPO

A reforma que faltava

QUEM VAI A UMA FAZENDA de babaçu no Maranhão sabe que o quadro social é êste: o lavrador "mora" numa choça erguida sôbre quatro estacas cercadas por uma esteira e coberta de palha de côco. Se quiser melhorar a habitação, não pode. O dono da terra o proíbe com mêdo de que qualquer benfeitoria crie obrigações incômodas.

ÊSSE MESMO LAVRADOR extrai o babaçu e tem direito a vender uma pequena parte. Mas a quem? Ao dono da terra, que paga em "vales" resgatáveis em mercadorias do armazém que pertence ao fazendeiro. E o preço do babaçu comprado ao lavrador não é o do mercado.

CITAMOS, É CLARO, o caso extremo. Entretanto, se em outras regiões do País já existem relações mais dignas entre o dono da terra e o trabalhador rural, o sistema, como um todo, deixa muito a desejar.

QUEM CUIDA DOS VELHOS, dos enfermos, das crianças? Ninguém. Não existe assistência ao trabalhador rural e sua família.

ONTEM, A REVOLUÇÃO, afinal, começou a agir com objetividade nesse domínio até então apartado do processo de modernização do Brasil. A remessa ao Congresso Nacional de mensagem propondo a criação de um sistema de previdência rural é um avanço considerável.

AOS QUE TEIMAM ainda em classificar de "reacionário" o movimento de 31 de março, aí está uma prova a mais do ânimo renovador da Revolução.

NÃO CREMOS QUE SERÁ fácil a implantação do nôvo sistema. Haverá, de um lado, a resistência de muitos proprietários. De outro, a extrema ignorância e desconfiança do homem do campo. É claro que recursos para um empreendimento dêsse vulto não existem em abundância.

NA ÁREA POLÍTICA, onde os interêsses de proprietários rurais estão sempre muito bem representados, a proposição do Govêrno encontrará alguns obstáculos. Sobretudo na fase de implantação.

TERÁ DE HAVER, portanto, tenacidade e prudência, pois estamos diante de uma revolução de fundas conseqüências político-sociais. No dia em que o homem do campo se incorporar à economia do País, o Brasil terá dado o passo que faltava para a completa integração social.

USAMOS A PALAVRA prudência porque realmente aí está a chave do êxito da reforma. O Govêrno possui autoridade e respeitabilidade suficientes para que essa mudança de hábitos e de relacionamento entre classes se processe sem conflitos.

MAS, AO MESMO TEMPO, a Revolução, ao decidir chegar até ao campo, obriga-se a não fracassar. Compatibilizar a necessidade do êxito com a ação prudente é a dosagem que se impõe em benefício do País.

A REFORMA NÃO É FÁCIL. Mas é imprescindível, quer sob o ponto de vista ético, quer sob o aspecto econômico. Envergonha êste País o quadro deprimente que se projeta daquela visão de uma fazenda de babaçu mencionada na abertura destas notas.

É PRECISO TRANSFORMAR o homem do campo num homem. Num cidadão. Em alguém digno de respeito e amparo. A previdência rural é um meio de se chegar até lá.

Câmara de gás para Manson e as 3 "hippies"

O júri do caso Sharon Tate, ignorando as súplicas da defesa para poupar as vidas de Charles Manson e das três jovens "hippies" integrantes de sua tribo — Leslie Vanu Houten, Susan Atkins e Patricia Krenwinkel —, condenou os quatro à morte na câmara de gás de San Quentin. O júri lembrou que a selvageria com que exterminaram a atriz Sharon Tate e mais seis amigos os classifica como monstros humanos, indignos de piedade. (PÁGINA 22)

Leslie

Patricia Susan

A Revolução vai chegar ao campo: ontem, o Presidente Médici encaminhou ao Congresso projeto de lei criando o Programa de Assistência ao Trabalhador Rural, ao mesmo tempo que aprovava programa especial de crédito rural orientado para o Norte-Nordeste, com recursos no valor de ..... Cr$ 800 milhões, destinado a promover, como salientou o Ministro Delfim Neto, da Fazenda, maior equilíbrio entre o desenvolvimento sócio-econômico das diferentes áreas do País. O Presidente assinou, ainda, em reunião ministerial no Palácio do Planalto, a regulamentação do decreto-lei que fixou em 200 milhas o limite do mar territorial do Brasil; decreto-lei declarando de interêsse social, para fins de desapropriação, imóveis rurais de propriedade particular, situados num polígono abrangendo terras em ambas as margens da Transamazônica, onde serão implantados núcleos de colonização e projetos de reforma agrária; e, ainda, decreto-lei declarando indispensáveis à segurança e ao desenvolvimento nacionais, terras devolutas em cada lado das rodovias da Amazônia Legal, na faixa de 100 km de largura. NAS PÁGINAS 10 E 21

DRAMA DE MUITOS

Em nota divulgada ontem à noite, a Casa Civil do Palácio Guanabara informa serem 50 as pessoas desabrigadas em conseqüência do dilúvio de domingo, e caminharem para a normalização os transportes urbanos e a limpeza da cidade. Os maiores prejuízos foram sofridos por torcedores que deixaram seus carros nas ruas, junto ao estádio, especialmente na Mata Machado: as águas do rio Maracanã arrastaram dezenas de veículos, alguns dos quais foram parar a mais de um quilômetro, como o da foto, submerso na canalização daquele rio, junto à linha férrea da Central e que o proprietário contempla melancòlicamente. Quem tiver seguro total será coberto pelas companhias seguradoras, que só não se responsabilizam por carros guardados em garagens subterrâneas. (PÁGINAS 3/5/12)

Indira quer ajudar Paquistão rebelde

A Primeiro-Ministro Indira Gandhi vai apresentar ao Parlamento um projeto de resolução apoiando a luta do Paquistão Oriental contra o regime militar do Presidente Yahya Khan que, segundo fontes não oficiais, matou pelo menos 300 mil rebeldes nas últimas 48 horas. A Índia ordenou a suas fôrças de fronteira que disparem contra os soldados governistas que entrarem em seu território em perseguição a fugitivos. Agências indianas informaram, contudo, que os separatistas reconquistaram Dacca. (PÁG. 7)

Muitos populares jazem mortos nas ruas da capital rebelde

Calley culpado pelo massacre

O Tenente William Calley foi declarado ontem culpado de assassínio premeditado de homens, mulheres e crianças, na aldeia sul-vietnamita de My Lai, em 1968. O mesmo júri que o acusou proferirá hoje a sentença — morte ou prisão perpétua. Em caso de condenação à morte, a última instância será a Casa Branca. (PÁGINA 7)

Calley, ao centro, sai de Fort Benning, após o julgamento

Basquete do Brasil é campeão sul-americano

Desde ontem, o Uruguai não é mais campeão sul-americano de basquete: o Brasil arrebatou-lhe o título em Montevidéu, vencendo sensacionalmente os orientais por 79x55. Marquinhos, que é do Fluminense, foi o cestinha do encontro. Em todo o certame, o Brasil perdeu só um jôgo, e por sinal inesperadamente, contra os peruanos. Domingo, a seleção verde-amarela derrotara a Argentina por apenas um ponto de diferença: 75x74. E ontem à noite chegou brilhantemente ao título. (SEÇÃO DE ESPORTES)

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f03%2f30%2f01-primeira_s... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 19 - 01/04/1971 – Aniversário do golpe – Manchete: “Surto de progresso deve-se aos novos métodos políticos”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f04%2f01%2...

Médici ao Congresso

SURTO DE PROGRESSO DEVE-SE AOS NOVOS MÉTODOS POLÍTICOS

DE “CLERGYMAN” E CHAPÉU

ANO XLVI - Rio de Janeiro, 5.ª-feira, 1 de abril de 1971 - N.º 13.774

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

ACABOU A GUERRA DO CAFÉ SOLÚVEL

Dominada rebelião no Equador

Calley: prisão perpétua

Da Universidade ao circo

Tito é cônego católico

Democratas recomendam a retirada

CNBB condena a pena de morte

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f04%2f01%2f01-primeira_s... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 20 – 16/09/1971 – Manchete: “Médici: Brasil será um dos grandes”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f09%2f16%2...

Grupo dos Dez exige desvalorização do dólar — PÁGINA 18

MÉDICI: BRASIL SERÁ UM DOS GRANDES NUMA GERAÇÃO

ANO XLVII - Rio de Janeiro, 5.ª-feira, 16 de setembro de 1971 - N.º 13 917

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

O Presidente Médici encaminhou ontem, ao Congresso, acompanhado de mensagem, o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento — uma definição, em sentido global, da estratégia do desenvolvimento brasileiro capaz de assegurar a continuidade do crescimento e a consolidação de uma economia moderna. Baseada na experiência de transformação do País, a partir de 1964, a estratégia — denominada Modêlo Brasileiro de Desenvolvimento — apresenta três objetivos: colocar o País, no espaço de uma geração, entre os grandes; duplicar, até 1980, a renda "per capita" e elevar a economia em 1974 a um crescimento anual de 8 e 10%. Entre as muitas realizações, a estratégia compreende a atuação eficiente do Govêrno em tôdas as faixas da administração e a mobilização mais intensa do sistema financeiro, de que serão instrumento os programas de integração social. O Plano vai garantir mais recursos para a Educação e também para desenvolvimento da indústria. (PÁG. 16)

MAIS UM MURO

Radiofoto UPI-O GLOBO

Um nôvo muro, de 60 metros de extensão, está sendo erguido pelos comunistas no setor nordeste de Berlim, para funcionar como pôsto de fiscalização de mercadorias e documentos das pessoas em trânsito do lado ocidental para o oriental. A medida significa que os comunistas já concordam em liberar o trânsito entre os dois setores, apesar das divergências com Bonn

O espetáculo continua

VÁ

Chacina em Vaz Lôbo

Nélson Macedo — Matilde, a espôsa — Mauricio, filho adotivo

O banqueiro de bicho Nélson Ferreira Macedo, sua espôsa e o filho adotivo foram massacrados a golpes de barra de ferro na cabeça, em seu casarão de Vaz Lôbo, por dois homens que participavam, com o contraventor, de uma reunião alegre com bebida e música. O corpo de Nélson foi encontrado ontem de manhã no quintal. Dona Matilde e o jovem Mauricio haviam sido abatidos em seus quartos, numa chacina bem planejada que a polícia atribui a vingança. O crime abalou o submundo do jôgo no Rio. Um romance clandestino do contraventor morto e o ponto de partida para as investigações. (NA PÁGINA 22)

DOSE DA RAZÃO

Chama-se Difenil Butil Piperidini o remédio para a esquizofrenia que pode ser ministrado em doses até mensais, devolvendo a razão mesmo nos casos da chamada loucura clássica, desde que o doente o use regularmente, como o diabético faz com a insulina. Vendidas há um ano nas farmácias européias, as pílulas já chegaram ao Brasil e estão em fase experimental de laboratórios e universidades. Seu descobridor, o farmacólogo belga Paul Janssen (foto), está desde ontem no Rio e vai falar, hoje, na abertura do Simpósio Latino-Americano de Psiquiatria. (NA PÁGINA 8)

A anunciada saída do supervisor Ernesto Santos do Fluminense acabou não acontecendo agora. Êle decidiu ficar, pelo menos enquanto durar a fase má que o time atravessa, provocada, principalmente, pela falta de "goals". Também Zagalo (foto) continua firme, sem mostrar preocupação com as notícias de que seu substituto já estaria escolhido. O técnico ganhou nôvo alento com a volta de Mickey aos treinos, embora o Fluminense ainda pense em contratar Lance, vice-artilheiro do Campeonato Paulista. (ESPORTES)

Govêrno não vai criar mais nenhum seguro compulsório

— O Govêrno não pretende criar mais nenhum nôvo seguro compulsório e os que estão instituídos e não regulamentados assim permanecerão. A afirmação é do Ministro da Indústria e do Comércio, Marcus Vinicius Pratini de Morais, ontem entrevistado no programa "Globo Especial", da TV GLOBO. Disse o ministro que a experiência inicial com o seguro obrigatório para automóveis não deu certo, o que obrigou o Govêrno a substituí-lo por outro mais moderno e satisfatório. Falou também do plano de desenvolvimento industrial, destacando que o setor siderúrgico já tem todo o crédito de que necessita para executar seus programas de expansão. Café, açúcar e turismo foram outros temas. (NA PÁGINA QUINZE)

O EX-NAZISTA

Êle foi oficial da SS (Polícia do Estado) de Himmler e estava no pôsto de Tenente-Coronel quando as tropas russas o prenderam, a alguns metros da residência de Hitler, que lhe cabia defender. A guerra então já estava perdida para os alemães. Hoje Erwin Kummer pede esmolas nas pequenas cidades do Sul do Brasil, procurando evitar o barulho dos grandes centros que agrava suas neuroses de guerra. A reportagem de O GLOBO o localizou numa cidadezinha de Santa Catarina e êle relembrou, com lucidez, seus instantes mais dramáticos na guerra. (NA PÁGINA NOVE)

A briga dos latinos

EM BUENOS AIRES, Panamá e Genebra os países da América Latina vêm protestando contra a política de Nixon que não poupou esta parte do Continente do ônus da sobretaxa de dez por cento que incide sôbre algumas importações feitas pelos Estados Unidos.

NA COMISSÃO das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em Genebra, trinta países do chamado Terceiro Mundo (sendo oito da América Latina, inclusive o Brasil) protestaram contra os dez por cento.

JÁ NA REUNIÃO do Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES), no Panamá, registrou-se um alívio na tensão latino-americana com o anúncio reiterado pelo representante norte-americano, o Subsecretário de Estado para Assuntos Econômicos, Nathaniel Samuels, segundo o qual Washington não fará cortes em seu programa de ajuda à América Latina.

AÍ ESTÁ UMA PRIMEIRA vitória. Mas, em têrmos quantitativos, esta não foi a melhor notícia vinda dessa reunião do Panamá. Isso porque, lá, Mr. Samuels garantiu que as contribuições dos Estados Unidos ao BID e ao Banco Mundial também não sofrerão cortes. Esta é, de fato, a notícia que mais interessa.

BASTA ANALISAR os números: No momento, os programas de ajuda externa de Washington para a América Latina totalizam em média 60 a 70 milhões de dólares por ano. Mas a contribuição do BID e do Banco Mundial sobe a 500 milhões de dólares por ano. Se houvesse corte nesse meio bilhão, aí, sim, países como o Brasil teriam reais prejuízos e possivelmente uma queda acentuada em seu ritmo de crescimento. Mas êsse risco está afastado.

É CLARO QUE EXISTE um ressentimento de natureza política nos meios oficiais do Continente pela marginalização dos latino-americanos nos debates sôbre o futuro sistema monetário internacional, matéria essa que não pode e não deve ficar circunscrita ao fechadíssimo Clube dos Dez, isto é, dos super-ricos.

AINDA NO PANAMÁ, o representante de Washington concordou em aceitar a participação da América Latina nesses debates, logo após as conversações entre os Estados Unidos e o Grupo dos Dez. Tais entendimentos, que cobririam também os problemas de comércio, teriam possivelmente como fórum a próxima reunião do Fundo Monetário Internacional.

VAI-SE, ASSIM, clareando o horizonte. Mas é imperioso que o Brasil — e tôda a América Latina — continue pressionando Washington em prol da derrubada da sobretaxa dos dez por cento.

NIXON DIFICILMENTE cederá, pois alega que se excluir a América Latina perderá poder de barganha para negociar com a Europa Ocidental e o ressentido Japão.

TAL ARGUMENTO, entretanto, não é dos melhores, pois todos os países industrializados admitem, através de inúmeras declarações e mesmo votos em Resoluções em assembléias internacionais, que os subdesenvolvidos devem ter um tratamento diferenciado daquele aplicável ao círculo dos países mais prósperos.

OS ESTADOS UNIDOS reconhecem a necessidade de criarem um sistema de isenções tarifárias para fomento da produção de manufaturados nas nações em desenvolvimento. Assim, a queda dessa sobretaxa de dez por cento é condição necessária para o cumprimento daquele compromisso. A luta da América Latina não é, pois, apenas contra a sobretaxa, mas, sobretudo, pelas preferências tarifárias.

RETIRANTES

Descalços e amargurados, centenas de retirantes nordestinos e mineiros chegaram a Teresópolis. Estão a caminho do Rio, onde, segundo ouviram dizer, o Govêrno "distribui casas". Vieram a pé ou de carona, em certos casos viajando mais de ano. Agora, buscando emprêgo de dia, abrigando-se à noite em prédios abandonados, sonham até em voltar para o lugar de onde vieram — desde que tenham alguma terra onde plantar. (P. 11)

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f09%2f16%2f01-primeira_s... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 21 – 13/11/1971 – Manchete: Economia no Brasil é animadora

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f11%2f13%2...

ECONOMIA DO BRASIL É ANIMADORA

ANO XLVII - Rio de Janeiro, sábado, 13 de novembro de 1971 - N.º 13 967
O GLOBO
FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO
Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Secretario: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

— destaca relatório do Departamento de Comércio dos EUA

A economia brasileira continuará crescendo a uma taxa de pelo menos 9% em 1971, pelo quarto ano consecutivo, e "as perspectivas para os próximos anos são igualmente animadoras" — destaca relatório divulgado ontem pelo Departamento de Comércio dos EUA. A revista "Business Week" informou em sua última edição que a Ford lançará em nosso país o carro Maverick "para cobrir um vazio entre o Gálaxie e o Corcel", substituindo a linha Willys. Na Casa Branca, Nixon prometeu ontem reduzir a taxa de inflação à metade, ano que vem; os preços só poderão subir 2,5% no ano. (P. 17)

MAIS 45 MIL SAEM DO VIETNAM

O Presidente Nixon anunciou ontem, em entrevista coletiva, que entre dezembro e janeiro serão retirados do Vietnam mais 45 mil soldados norte-americanos. Com essa medida, os efetivos dos Estados Unidos no Sudoeste asiático ficam reduzidos a 139 mil homens, contra 540 mil no início da administração Nixon. Na entrevista, o Presidente declarou que as tropas norte-americanas já não participam de ações ofensivas, limitando-se a operações estritamente defensivas. Nixon desmentiu que trataria do problema da Indochina em suas próximas visitas a Pequim e Moscou. (PÁG. 6)

Os peixes morrem em Ipanema

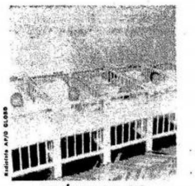
De repente os peixes começaram a aflorar à superfície mansa das águas da Lagoa: daí a pouco havia milhares de peixes mortos faiscando ao sol, tantos que quase nem se via a água. Um detalhe dramático agravou desta vez o fenômeno da mortandade cíclica: os pequenos cadáveres alastraram-se ao longo do canal do Jardim de Alá e espalharam-se pela praia de Ipanema até o trecho do emissário submarino, assustando as crianças e espantando os banhistas. O mau cheiro levado pelo vento afugentava todo mundo nas proximidades, mas os garis tiveram de resistir a êle para retirar, em várias viagens de caminhão, cêrca de 40 toneladas. O DLU espera recolher, durante o fim de semana, mais de 200 toneladas. (PÁG. 3)

Santo de casa

Se Dostoievski fôsse vivo hoje, talvez tivesse que fazer em sua terra uma impiedosa autocrítica, reconhecendo-se "confuso e ocioso". Os russos celebraram ontem os 150 anos de nascimento do seu gênio, mas não o pouparam nem no dia do "aniversário": os oradores que participaram da cerimônia oficial no Bolshoi, em Moscou, elogiaram sua capacidade criativa, mas o criticaram muito pela "complexidade" e acentuaram fulminantes: "Não compartilhamos de sua confusão." (AP — O GLOBO)

Êles eram marcianos

A polícia de Recife prendeu ontem dois "marcianos" e o comandante de um "disco voador" que surgia semanalmente no bairro do Coque, assustando a população com suas evoluções e um estranho jôgo de luzes. Os três foram autuados por vadiagem e perturbação do sossêgo público, encerrando uma história que ganhou as páginas dos jornais locais desde a primeira aparição do disco — uma "brincadeira" imaginada por José Faustino de Lima, o "Liminha": êle utilizou conhecimentos de eletricidade, para manejar o disco, enquanto dois comparsas, com "roupa de astronauta", surgiam de um matagal em seguida à sua aparição para assustar os moradores do Coque.



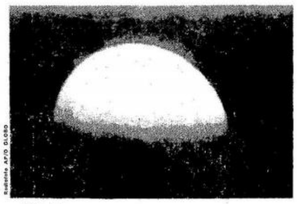
Radiofoto AP/O GLOBO

QUÍNTUPLOS NA POLÔNIA

Aos seis meses de idade, passam perfeitamente bem os quíntuplos da Sra. Leokadia Rychert, nascidos no pôrto báltico de Gdansk, na Polônia. Na enfermaria de uma casa de saúde, onde ainda se encontram, aparecem na foto quatro dêles: Adam, Piotr, Roman e Agnieszka, na hora mais alegre — a dos exercícios matinais.

Custo de vida baixa 2,9% comparado a 70

O índice do custo de vida na Guanabara durante o mês de outubro revelou alta de 1,4%, inferior à verificada em outubro de 1970, quando atingiu 2,0%. Os dados foram divulgados ontem pela Fundação Getúlio Vargas, que assinala ainda, na perspectiva dos dez meses acumulados de 1971, a alta de 16,1%. Comparado a igual período de 1970, quando o aumento se elevou a ... 19,0%, houve até agora queda de 2,9% no custo de vida. (PÁGINA 17)



Radiofoto AP/O GLOBO

Shell GLOBO Especial

Amanhã, logo após o "Rezina do Chacrinha", um nôvo esfôrço no sentido de elevar o nível cultural da televisão brasileira será mostrado aos telespectadores: o documentário "Uma aventura transamazônica", o primeiro de uma série de 14 que se chamará "Shell GLOBO Especial", e que mostrará a realidade brasileira em seus múltiplos aspectos e os esforços do Govêrno para transformá-la. Ontem, a TV GLOBO exibiu o documentário para as autoridades. (PÁGINA 12)

Arrastão recolhe corpo do matador do policial

O bandido autor de mais de cem assaltos em Petrópolis, e que há 3 dias furou o cêrco policial a seu esconderijo em Itaipava matando a bala um policial, terminou ontem sua carreira morrendo no mar: caçado por mais de cem agentes, fugira de carro levando a metralhadora de sua vítima. Localizado numa farmácia em Magé, foi encurralado na Praia do Anil. A desesperada correria pela areia foi interrompida por quatro balaços: Edvaldo dos Santos caiu na água e foi levado pelas ondas. O cadáver foi trazido de volta no arrastão dos pescadores. (PÁGINA 19)

Neste carro Edvaldo fugiu à caçada de cem agentes durante vários dias

Marte mais perto

Depois de uma viagem de 303 milhões de quilômetros em 167 dias a sonda norte-americana Mariner-9 entrará hoje à noite em órbita marciana para, com suas duas poderosas câmaras de televisão, transmitir, durante três meses, imagens jamais obtidas do planêta vermelho. Na foto (acima), tirada quando a nave se encontrava a 850 mil quilômetros de Marte, os cientistas observaram um minúsculo "ponto negro" na silhuêta do planêta que poderá ser a sua mais alta montanha. (P. 7)

Invenção, invenção

TEMOS INSISTIDO, e vamos continuar a insistir, no destaque já repetidamente dado pelo O GLOBO ao investimento no homem. Não há recurso natural maior, para o homem, do que o cérebro humano. Não existe matéria-prima mais fecunda e dúctil na criação do que a massa encefálica. Que valem o petróleo, os minérios, os produtos agrícolas, que vale todo o patrimônio físico de uma nação, em confronto com a energia espiritual gerada e concentrada no cérebro de cada ser que alcançou o desenvolvimento pleno de sua potencialidade mental?

QUANDO SE INFORMA que as universidades federais vão receber Cr$ 3,5 milhões através de convênios com o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a serem empregados em pesquisas e programas de pós-graduação, um vento de esperança reanima o desalento causado por certas manifestações de impotência científica e tecnológica. Exemplos: a nossa incapacidade de resolver problemas hidrológicos no Nordeste. Em escala menor, mas hoje dramatizada em fotos o espetáculo indigno e revoltante — a mortandade dos peixes da Lagoa, mais uma vez repetida.

SEREMOS, POR ACASO, uma Nação sem vocação inventora? Um país copiador e mal copiador, quando tantos povos marcham à frente no afã de responder aos desafios novos, com inventiva renovada? A destinação de verbas para a invenção, que se congrega no cérebro coletivo das universidades, desencadeia ações possibilitando a ciência pura e desinteressada, a única que distingue no plano internacional. E da qual pode brotar uma ciência brasileira a fundir-se, em síntese maior, na ciência universal.

"O GLOBO" NÃO preconiza aqui um nacionalismo científico, coisa ridícula. Sustenta uma ciência brasileira porque ciência de brasileiros para resolver problemas brasileiros peculiares e próprios. A transferência de ciência e de tecnologia externas será sempre indispensável. Jamais suficiente e bastante por falta de correspondência com a experiência nacional de criação de um país moderno e pioneiro.

A FÉ MOBILIZADA remove montanhas. A ciência coordenada do gênero humano faz de cada obra humana o seu prolongamento carregado de humanidade, alargando, ao infinito, seu corpo dominador da Natureza.

RECURSOS PARA a invenção e coordenação, sem as quais a inventiva se estilhaça — eis o alvo maior de grandeza e prioridade.

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1971%2f11%2f13%2f01-primeira_s... 1/1

Figura 22 – 02/01/1972 – Editorial: “O nome do milagre”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1973%2f01%2f02%2...

ANO XLVIII - Rio de Janeiro, 3.ª-feira, 2 de janeiro de 1973 - N.º 14344

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

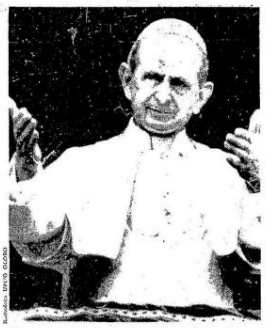
Bom dia, Ano Novo

Este ano, os centros de umbanda não conseguiram levar às praias, para cultuar Iemanjá, a multidão dos anos anteriores. As babalaôs tiveram de se contentar com reduzidos séquitos para lançar ao mar suas oferendas. Até os barquinhos de sempre foram poucos, apenas três. Os curiosos eram maioria e seu número cresceu já de manhã. (Página 3)

DESENVOLVIMENTO DO RIO DEU GRANDE SALTO EM 72

A paz ainda é possível, diz o Papa

Em comemoração ao "Dia Mundial da Paz", o Papa Paulo VI declarou ontem que "a paz ainda é possível, desde que a Humanidade a deseje". Assim como se pode combater as epidemias, o analfabetismo, a miséria e a fome, deve-se também lutar contra as ameaças que comprometem a existência pacífica do mundo, afirmou. O Chefe da Igreja revelou ter pedido aos governos de Washington e Hanói que reiniciem as negociações de paz. Em Paris, as equipes técnicas norte-americana e norte-vietnamita voltam hoje a conferenciar, após uma interrupção de duas semanas. (P. 10)



O Papa, na janela de seu gabinete no Vaticano, fala sobre a paz

9,5% de expansão industrial

O crescimento industrial da Guanabara passou de 1,5% em 1971 para 9,5% em 1972, segundo informou ontem o presidente da Federação das Indústrias do Estado, Mário Ludolf, com base em levantamento do Instituto de Desenvolvimento da Guanabara. Ludolf, ao analisar o pronunciamento de fim de ano do Presidente Médici, lembrou que a economia da Guanabara deu "um salto gigantesco" em 72 e destacou como "excepcional" o trabalho realizado pelo Governo Federal no plano econômico, reduzindo a taxa inflacionária sem prejudicar o desenvolvimento do País. As classes empresariais saudaram a mensagem do Presidente como "um relato fiel do desenvolvimento brasileiro". O Senador Filinto Müller destacou, na fala presidencial, "a clara indicação de que se está construindo no Brasil o alicerce de uma democracia social." (P A G I N A 5)

MENSAGEM DE ANO NOVO DO PRESIDENTE MÉDICI

Inflação e correção monetária não devem passar de 12% em 73

(NA PÁGINA 5)

Bandeira fora do Rio tenta evitar prisão

Ao contrário do que foi anunciado na última semana, o ex-Tenente Alberto Jorge Franco Bandeira não virá mais ao Rio hoje. Quem vem é o seu advogado, Sinan Neto, que pretende obter, junto ao Tribunal de Justiça da Guanabara, o relaxamento da prisão de seu cliente, por considerá-la "absurda", diante do fato de que o réu já cumpriu pena. Bandeira continuará em Brasília, aguardando os resultados das gestões de Sousa Neto. A coluna de Ibrahim Sued, entretanto, afirma que até ontem a intenção do ex-Tenente Bandeira era de não se deixar prender. (NA PAGINA DEZENOVE)

ESTA EDIÇÃO: TRÊS CADERNOS, 44 PÁGINAS

O nome do milagre

A SEGURANÇA e a tranqüilidade que emergem da Mensagem com que o Presidente da República se dirigiu à Nação na passagem do ano como que isolam o Brasil do um mundo em cruel turbulência e confirmam o acerto da política econômica em execução e dos objetivos sociais estabelecidos.

O BRASIL é, na atualidade, um dos raríssimos países em processo de desaceleração continuada da inflação. O êxito alcançado até agora permitiu ao Presidente Emílio Médici prodizer, com firmeza, que a elevação do custo de vida no ano que começa ficará por volta de 12% e "esse — disse por cento — deverá ser, portanto, o nível máximo da correção monetária em 1973".

O FORTALECIMENTO constante da moeda brasileira, numa fase em que a inflação praticamente se universaliza, contaminando a economia de quase todos os países altamente industrializados, esse fortalecimento se faz sem qualquer refreamento na expansão da riqueza nacional. Pelo contrário.

"CONSOANTE INFORMAÇÃO que me foi diretamente prestada pela Fundação Getúlio Vargas" — revelou o Presidente — "o produto interno bruto elevou-se, neste ano, a cerca de dez e quatro décimos por cento". E sendo previsível a manutenção, em 1973, do mesmo ritmo de crescimento, o Presidente Médici, como ele mesmo acrescentou, poderá alcançar o quarto ano do seu Governo com o índice anual de expansão superior a dez por cento.

ESSAS TAXAS, assim como outros índices da prosperidade alcançada pelo País nestes oito anos de Revolução, componentes todos daquilo que no exterior se costuma chamar de "milagre brasileiro", na realidade encontram explicação bem diversa e é a que o Chefe do Governo nos ofereceu, ao rejeitar o diagnóstico de magia: "O milagre brasileiro tem um nome — disse o Presidente — e esse nome é: trabalho."

TRABALHO EM CADA SETOR do Governo, plenamente ativado para a consecução dos objetivos revolucionários, assim como em todos os campos de atividade e em todas as camadas sociais, confiantes na "coerência que se imprime ao sistema econômico da livre iniciativa, compatível com a forma democrática de governo, para orientar o trabalho produtivo e aumentar a produtividade em todos os setores, fazendo chegar a repartição dos frutos do progresso a todos as regiões e a todos os brasileiros".

Bancos reabrem hoje às 14 horas

O expediente dos bancos para atendimento ao público só será iniciado hoje a partir das 14 horas, estando a parte da manhã reservada à compensação de cheques. Hoje também não funcionarão as Bolsas de Valores do Rio e São Paulo. (PAGINA DEZESSEIS)

Missão dos EUA vem negociar solúvel

Uma missão norte-americana de alto nível virá este mês ao Brasil para renegociar o acordo que regula as exportações de café solúvel para os Estados Unidos. (P.14)

Batido o recorde da São Silvestre

O colombiano Vilar Mora venceu anteontem à noite a 48.ª Corrida de São Silvestre, estabelecendo um novo recorde para o percurso de 8960 metros: 23 minutos, 24 segundos e 2 décimos. (Na página 34)

Avião com ajuda a Manágua cai no mar

(PÁGINA 6)

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1973%2f01%2f02%2f01-primeira_s... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 23 – 01/03/1972 – Manchete: “Brasil lidera pelo exemplo”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1972%2f03%2f01%2...

BRASIL LIDERA PELO EXEMPLO

“O Brasil não pretende exercer hegemonia na América Latina, mas seu portentoso esforço por desenvolver-se e por repartir os frutos de seu progresso econômico e social com outras nações da América Latina lhe outorgou uma legítima liderança em nossa região, que a Costa Rica se compraz em reconhecer” — disse o Chanceler Gibsom Fazio, ao discursar no banquete que lhe foi oferecido em Brasília pelo Chanceler Mário Gibson Barboza. O Chanceler da Costa Rica assinalou que “existe uma diferença entre hegemonia e liderança”. E acrescentou: “Hegemonia é a intenção presunçosa de um país de impor-se pela força ou pelo próprio poderio econômico a outras nações menores. Liderança é a admiração que despertam em outros povos as virtudes próprias de uma grande nação.” Em Caracas, o Presidente argentino Alejandro Lanusse negou que tenha atribuído ao Brasil intenções hegemônicas na América do Sul. (TEXTO NA QUINTA PÁGINA)

Chilenos sob a ameaça de racionamento

O Presidente Salvador Allende advertiu os chilenos de que poderá racionar os alimentos para salvar a economia do país e observou que sua mão não tremerá se tiver que assinar medidas nesse sentido. O Supremo Tribunal de Manhattan decretou ontem o embargo de todos os bens, em Nova York, da Corporación del Cobre e da Corporación de Fomento — ambas do Chile — a pedido da Anaconda Copper Co. (TEXTO NA PÁG. 7)

Pacheco Areco passa governo a Bordaberry

Juan Maria Bordaberry assume hoje a Presidência do Uruguai, após completar ontem seu Gabinete, de caráter técnico, com oito Ministros do seu partido, o Colorado, dois do Blanco e um acidalia. Os tupamaros deixaram ontem folhetos em vários pontos de Montevidéu, advertindo a população para que não saia às ruas. Forças do Exército realizaram inspeção nos locais por onde passará Bordaberry, quando se dirigir ao Palácio para a transmissão do poder pelo Presidente Pacheco Areco. (TEXTO NA PAGINA 7)

Construção civil será normalizada

Em nota oficial distribuída ontem, a Secretaria de Obras comunicou que para normalizar e processamento dos projetos da indústria de construção civil, a sua tramitação ficará inteiramente a cargo do Departamento de Edificações. Portaria nesse sentido foi assinada pelo Secretário de Obras. Declara a nota que o Conselho Superior de Planejamento Urbano só opinará em casos especiais e excepcionais. Dirigentes da construção civil, ouvidos pelo O GLOBO, manifestaram seu apoio à decisão do Governo estadual. (TEXTO NA TERCEIRA PÁGINA)

ANO XLVII - Rio de Janeiro, 4.ª-feira, 1 de março de 1972 - N.º 14 036

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Superintendente: RICARDO MARINHO Diretor-Industrial: ROGERIO MARINHO

O monumento

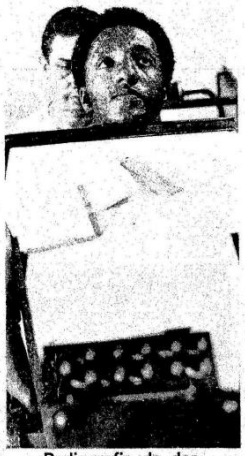
O monumento a Estácio de Sá, que se constrói (foto), no Aterro do Flamengo, teve o projeto de Lúcio Costa alterado porque a ponta em forma de seta, que avançava até perto do mar, poderia servir de trampolim para banhistas. Por essa razão o Rio hoje comemora o aniversário de sua fundação sem o monumento do fundador, que deve ficar pronto em maio. (NA PÁGINA DOIS)

Fracassam mais 3 assaltos e um pistoleiro morre a tiros

Na contra-ofensiva policial, fracassaram ontem mais três assaltos; num duelo a bala em Vigário Geral, o pistoleiro da bandeira 2 Edvaldo de Souza Barreto tombou morto quando ele e mais dois comparsas atiraram à emboscada o motorista de táxi, e soldado da PM, Corcionno de Almeida Rosa, que saiu ferido a tiro; na Ilha do Governador, puxadores travaram tiroteio com policiais e puseram-se em debandada, deixando o carro roubado; e na Avenida Brasil, 5 ladrões foram capturados. (NA PÁGINA 25)

Líderes do Congresso vão à China

O Presidente Nixon transmitiu convite a convite do Primeiro-Ministro Chu En-lai, para que os líderes dos partidos Democrata e Republicano no Senado visitem Pequim, em data a ser ainda fixada. A Casa Branca informou que os dois líderes, Mike Mansfield democrata e Hugh Scott republicano, viajarão juntos. Nixon recebeu 21 parlamentares dos dois partidos, para falar sobre sua viagem. (TEXTO NA PÁGINA 6)



Radiografia da dor

De sábado para domingo, Paulo César não dormiu: uma dor generalizada no tórax não deixou. Quis participar, à tarde, do treino que Zagalo dirigia para Rogério: ao entrar, sem qualquer aquecimento, tentou matar no peito uma bola alta: quando caiu, a dor começou. O médico diz que não é nada de grave. Apenas distensão muscular torácica, que melhora com exercícios e com tratamento de ondas curtas. Tanto que, após o jogo com o América, ele sentia menos dores que no início. Mesmo assim, para dissipar qualquer dúvida quanto à fratura, tirou radiografias ontem. O resultado vem hoje e ele não deve parar. No fim de semana, Paulo César jogará contra o São Cristóvão. (ESPORTES, PÁGINA 30)

O coração de Natal

Tudo o que Natal da Portela queria ontem à tarde, no Hospital Souza Aguiar, era ter alta e voltar para casa. Sentindo por causa dos acidativos, ele nem quis falar sobre samba. De seu peito saem fios que registram o funcionamento do coração no cardiocópio da unidade coronariana; mas o que ela teve de fato foi uma intoxicação, por excesso de remédios à base de digital, estimulante cardíaco.

Especulação em Caracas

HORAS ANTES da publicação do comunicado final das conversações entre os Presidentes da Argentina e da Venezuela, em Caracas, despachos daquela capital divulgavam especulações atribuindo ao Presidente Lanusse estudos para reestruturar uma nova “política de equilíbrio” na América Latina, com alegado apoio do Presidente Caldera.

A SIMPLES referência a uma política de equilíbrio traz à mente a sugestão, que não endossamos, de se estar pensando na Venezuela em termos de equilíbrio de poder na América Latina.

A EXPRESSÃO de há muito não tinha curso em nosso Continente. Ela está mais relacionada aos episódios da história no Hemisfério Norte, mais precisamente à história diplomática européia. Aqui, nas Américas, a política tem sido de amizade baseada numa consciência comum, só recentemente desvirtuada com o aparecimento dos fenômenos desrráulos em Havana e Santiago do Chile.

NEM SE PENSOU, em nosso Hemisfério Sul, no passado, em dividi-lo de acordo com categorias de poder e de desenvolvimento.

EM FACE DA especulação, cabe-nos perguntar se esta se refere a um equilíbrio de poder com Cuba distante ou com o Chile, pois, se alguma ameaça existe de divisão neste porte do Continente, ela seria de caráter ideológico, já que os países não-socialistas das Américas não alimentam animosidade ou espírito hegemônico. Não se justificaria, portanto, falar-se em equilíbrio de poder onde ninguém ameaça ninguém.

LEVAR A especulação até o ponto de admitir uma política de poder de equilíbrio com o Brasil seria aceitar a hipótese inadmissível de uma aliança de sentido contrário no Brasil.

REJEITADA a hipótese, só nos resta dizer que toda nação pode e deve considerar-se “imprescindível” à comunidade internacional. De fato, mesmo a mais “modesta” pode e deve ser considerada necessária.

O ESSENCIAL é que nenhum juízo de valor, para mais ou para menos, sobre qualquer nação, justifica a concepção inaceitável de uma política de poder nas Américas.

Tráfego muda no Largo do Machado

O DETRAN anuncia mudanças, 2.ª-feira, no trânsito do Largo do Machado. No mesmo dia, o sistema de tráfego direto começará em duas pistas da Praia do Flamengo que receberão ainda antes desta semana. (NA PÁGINA 5)

Palmeiras campeão do “Laudo Natel”

O Palmeiras derrotou o Portuguesa de Desportos ontem à noite por 2x1. Com essa vitória os paulistanenses tornaram-se campeões do Torneio Laudo Natel, competição criada neste ano. (Esportes, página 28)

Ubaldi morre aos 86 anos em Santos

O escritor e filósofo Pietro Ubaldi morreu ontem, em São Vicente, Santos, aos 86 anos de idade. Em sua obra, de inspiração parapsicológica, ele prevê perturbações atmosféricas no mundo até o ano 2000. (TEXTO NA PÁGINA 3)

Bônus agora no Japão e nos EUA

Diante do sucesso do lançamento dos títulos brasileiros em Francoforte, o Presidente Médici autorizou o Ministro Delfim Neto a promover a colocação desses papéis nos Estados Unidos e no Japão. Delfim relatou ontem a Médici detalhes da viagem que fez a diversos países, destacando a abertura da agência do Banco do Brasil em Tóquio e do escritório do BB em São Francisco. (PÁG. 12)

Três lutam pelos postos do Aterro

(PÁGINA 3)

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1972%2f03%2f01%2f01-primeira_s... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 24 – 01/05/1972 – Efeméride: Dia do trabalhador – Editorial:

“Congraçamento do Trabalho”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1972%2f05%2f01%2...

Imposto de Renda só hoje e amanhã

	CLUBE	EMPATE X	CLUBE 2	RESULTADO
1	Port.Desportos (SP)	São Paulo (SP)		0 1
2	Juventus (SP)	Corintians (SP)		1 0
3	Ponte Preta (SP)	São Bento (SP)		1 1
4	Internacional (RS)	Caxias (RS)		4 0
5	Brasil (RS)	Gaúcho (RS)		0 1
6	Confiança (SE)	Sergipe (SE)		1 1
7	Ceará (CE)	Ferroviário (CE)		2 1
8	Flamengo (PB)	Cruzeiro (PB)		0 3
9	Rio Branco (PB)	Ipiranga (PB)		2 1
10	América (PE)	Central (PE)		0 2
11	Salgueiro (MG)	Metrópole (MG)		1 1
12	Vila Nova (MG)	Uberlândia (MG)		1 2
13	Campinense (PB)	Treze F. C. (PB)		0 3

Difícil o Teste 85 com várias zebras

Dois resultados do Campeonato Paulista — derrota do Corintians para o Juventus e empate da Ponte Preta em Campinas com o São Bento —, as derrotas do América e do Vila Nova, que jogaram em casa, e a vitória do Confiança sobre o Sergipe tornaram mínimas as possibilidades dos candidatos aos Cr$ 11 661 637,99 de prêmio do teste 85 da Loteria Esportiva. A apuração será feita amanhã, quando também se inicia a venda regular de apostas para o teste 86, que já tem o jogo 2 para ser decidido no sorteio. São Paulo e Guarani não jogarão no domingo. (PAG. 28)

Em regime de plantão, toda a rede bancária estará mobilizada hoje para atender aos contribuintes que até agora não apresentaram declaração do imposto de renda. O prazo para os que têm imposto a pagar termina amanhã. Vencido esse prazo, os declarantes passarão a sofrer sanções. Como nos anos anteriores, acredita-se que o movimento nas agências bancárias e nas repartições incumbidas do recolhimento será mais intenso no último dia de entrega. Ontem, apesar dos plantões de muitas agências bancárias, o movimento foi reduzido. (PAGINA 18)

ANO XLVII - Rio de Janeiro, 2.ª-feira, 1 de maio de 1972 - N.º 14 108

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGÉRIO MARINHO

Projeto Aquarius

Cerca de 100 mil pessoas cantaram ontem, no Parque do Flamengo, com o Maestro Isaac Karabtchevsky, a Orquestra Sinfônica Brasileira e o grande coro da Associação de Canto Coral o Hino da Independência, de Dom Pedro I. Assim foi o encerramento do primeiro concerto do Projeto Aquarius, promovido pelo O GLOBO e pela OSB, nas festejos do Sesquicentenário. O próximo concerto será dia 14. (PAGINA 8)

Aposentadoria para 700 mil trabalhadores rurais em 72

Com recursos superiores a Cr$ 1 bilhão, o Ministério do Trabalho aposenta este ano 700 mil trabalhadores rurais e concede 80 mil pensões e 100 mil auxílios-funeral. O Fundo Rural dará a trabalhador e família completa assistência médica, hospitalar, odontológica e de ambulatório. O Ministro do Trabalho, Júlio Barata, disse ontem em Belo Horizonte que a aposentadoria rural vai modificar a infra-estrutura social do País. Hoje, o Ministro entrega certificados aos dez primeiros aposentados, que somam 799 anos de idade, na mais importante cerimônia do programa de comemorações do Dia do Trabalho. (TEXTO NA PAG. 3)

Lançada a candidatura de Perón

Juan Perón será candidato à Presidência, anunciou ontem seu representante, Hector Campora, em almoço oferecido a duas mil pessoas. Mas os peronistas continuam divididos: Daniel Paladino, esporta-voz de Perón, vai apresentar candidatos próprios às eleições para renovar a direção do movimento justicialista. (NA PAGINA 11)

José Luis, de São Paulo, e Antônio Joaquim da Cunha, do Paraná, somam 223 anos de idade. Hoje se aposentarão.

Le Duc Tho (à direita) é recebido em Paris por Xuan Thuy e Sra. Thi Binh

Hanói ocupa em um mês 12 cidades e 30 bases

Ao término do primeiro mês de sua ofensiva no Vietnam do Sul, as forças de Hanoi já ocuparam 12 capitais distritais e 30 bases, enquanto mantém o cerco às importantes cidades de An Loc, Kontum, Pleiku e Quang Tri. O representante do Vietnam do Norte às conversações secretas com os EUA, Le Duc Tho, chegou ontem a Paris. (PÁGINA 9)

Serginho deixou saudades

No lugar em que esteve cativo durante 72 horas — uma modesta vila em Nova Iguaçu — o menino Serginho, filho do advogado Sérgio de Castro, deixou uma saudade. Nesses dias, de desespero para seus pais e angústia para a opinião pública, ele brincava com uma menina de cinco anos: Jucineide (à esq.) procura até hoje pelo amiguinho. Jacira (à dir.) também conheceu Serginho. (PAG. 23)

Congraçamento do Trabalho

O PRIMEIRO de Maio transcorre entre festejos e confraternização dos trabalhadores de todos os níveis de renda, qualificados e não-qualificados, em conjunto que participa, bem orquestrado, na sinfonia do desenvolvimento nacional.

É MOTIVO de regozijo para todos os brasileiros que a nossa festa do Trabalho não esteja poluída pelo ódio de luta de classes e pela hostilidade dos grupos. O nosso Primeiro de Maio não é oportunidade de exibição de força do proletariado dirigida contra o resto da sociedade. Esse padrão de comportamento social, ainda dominante em alguns países, não corresponde à evolução do nosso tempo e, muito menos, a essa evolução quando realizada em um país que redobra sacrifícios para alçar-se acima da miséria.

SÃO MUITOS os indícios de que o relacionamento das classes sociais, na sociedade moderna de massa, onde predominam as grandes concentrações urbanas, não se coaduna com as paralisações selvagens do trabalho e com a perda de riqueza daí decorrente. A sociedade moderna está exigindo relações sociais segundo normas estabelecidas que regulam adequada distribuição de renda entre os diferentes grupos econômicos, sem apelo a práticas que prejudicam o conjunto da sociedade.

ESSA normatividade configura negociações e ajustes por arbitragem institucionalizada, reservando-se sempre o Estado o direito de coibir tudo aquilo que importe em grave dano ao bem-estar da coletividade.

A POLITICA de distribuição de renda do Brasil contemporâneo tem em vista não apenas o nível de salário mas também o problema crítico do nível da oferta de empregos. Esse alvo tem de crescer para absorver as novas contingentes que entram no mercado. Por isso, o trabalhador compreenderá muito bem a importância de novos investimentos e de mais acumulação de capital. As duas necessidades, melhor salário e mais emprego, só podem ser conciliadas corretamente em um país em desenvolvimento, mediante uma política salarial orientada pelo imperativo de ampliação do mercado de trabalho: novas empresas, novos empregos.

A DISTRIBUIÇÃO de renda é comandada, assim, ao impulso consciente por maior oferta de emprego e, dentro dela, de mais empregos qualificados. A distribuição da renda não se mede apenas através do salário pago. Afere-se, também, pelas oportunidades de educação, de saúde, de cultura, de habitação e de direitos sociais que garantem o bem-estar.

Água a perigo

Se os técnicos e operários da Cedag não conseguirem terminar o conserto de um cano adutor de metro e meio de diâmetro, rompido sábado na Rua Leopoldo Bulhões, todo o centro do Rio poderá ficar uns três dias sem água, a partir de hoje. A substituição do trecho interrompido, entre o viaduto de Benfica e a estação de Mangueirinhos, começou na noite de sábado e prosseguiu no domingo. (NA TERCEIRA PAGINA)

Espanha: Emerson larga na 1ª fila

Emerson Fittipaldi marcou o terceiro tempo na classificação e larga hoje na primeira fila do Grande Prêmio da Espanha, no Circuito de Jarama, ao lado de Jacky Ickx. (NA PAGINA 30)

Tupamara com fuzil é presa pelo povo

Populares prenderam ontem e entregaram à Polícia a tupamara Julia Nelly Armand, de 27 anos. Ela foi capturada quando atravessava uma rua da localidade de Flores, armada de revólver e fuzil. (LEIA NA PAGINA 11)

Bombeiro salva 4 afogados no rio

Na ponte estreita em Caxias, um ônibus atropelou e jogou sete pessoas nas águas do rio Sarapuí, entre elas um bebê e dois meninos. O bombeiro Wilma de Souza mergulhou e salvou um menino, um casal e o bebê; não conseguiu salvar os dois restantes — uma senhora e outro garoto. (LEIA NA PAGINA 24)

Acidente na prova de mini-Fórmula-1

Duas crianças ficaram feridas no acidente, ontem, em São Paulo, durante a corrida dente-de-leite para Fórmula-1. Dez provas de mini-carros participam modelos que correm até 100 km/h. (P. 23)

Aos leitores

Em virtude do feriado do Dia do Trabalho, O GLOBO circula hoje, excepcionalmente, em Edição Única. Por esse motivo, o noticiário esportivo figura nas últimas páginas do Primeiro Caderno.

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1972%2f05%2f01%2f01-primeira_s... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 25 – 07/09/1972 – Caderno Especial do Sesquicentenário da Independência

“O milagre brasileiro”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas%2Fo_globo%2F1972%2F09%2F07%2F...

JORNAL DA INDEPENDÊNCIA

(Editado sob os auspícios da Comissão Executiva Central do Sesquicentenário)

Assessoria Histórica: Pedro Calmon, Vicente Tapajós, Cláudio Soares

Direção: Amaral Netto

Redação, Arte, Paginação: Severino Carneiro, Cleomar Pinheiro, Clenton Sampaio, Gabriel C. Melo

Produção: Plantel Editora e Publicidade S.A.

TIRAGEM 1.500.000 EXEMPLARES

BRASIL 150 ANOS DEPOIS

...E todo mundo fala no "milagre brasileiro"

AQUI ESTAMOS CONSTRUINDO UMA UNIVERSIDAD

Nossos centros de ensino já nos permitem dominar o átomo e implantar novo setores, como a vitoriosa indústria aeronáutica brasileira

Os brasileiros falam entre si e com o mundo, através das torres de microondas que hoje ligam nosso território

A Transamazônica equivale em quilômetros à distância entre Lisboa e Moscou. É a obra do século, integrando definitivamente a Amazônia ao contexto de nossa realidade

https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas%2Fo_globo%2F1972%2F09%2F07%2F04-jornal_da_in... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 26 – 01/05/1973 – Efeméride: Dia do trabalhador – Editorial: “Dia de Festa e gratidão”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1973%2f05%2f01%2…

Campora: Nada tenho contra Itaipu

O Presidente eleito da Argentina, Hector Campora, disse ontem, em Madri, que nada tem contra o projeto brasileiro-paraguaio da construção da hidrelétrica de Itaipu, admitindo, inclusive, que a usina pode beneficiar não só Brasil e Paraguai, mas também a Argentina. Em Assunção, anunciava-se a chegada, no próximo dia 21, de uma missão oficial brasileira. (PÁG. SETE)

ANO XLVIII - Rio de Janeiro, 3.ª-feira, 1 de maio de 1973 - N.º 14 461

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGÉRIO MARINHO

Terror mata almirante em Buenos Aires

Dois terroristas, que viajavam numa motocicleta, assassinaram a tiros ontem, no centro de Buenos Aires, o Almirante reformado Hermes Quijada, ex-comandante da Aviação Naval e ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Argentina. Em conseqüência da escalada subversiva, a Junta de Comandantes-em-Chefe, reunida por Alejandro Lanusse, convocou o Presidente eleito Hector Campora, que se encontra em Madri, para debater problemas de segurança interna. Além disso, declarou zonas de emergência a capital federal e as províncias de Santa Fé, Córdoba, Mendoza e Tucumán. (P. 12)

Caso Watergate: Nixon assume a responsabilidade

O Presidente Nixon assumiu ontem, publicamente, a responsabilidade pela espionagem na sede nacional do Partido Democrata, ressaltando porém que não teve conhecimento da conspiração. "Mas em qualquer organização, o homem que está no comando deve assumir a culpa. E é isso o que faço agora", afirmou Nixon, em pronunciamento pela televisão. "Repetidas vezes perguntei a meus assessores se algum membro do Governo estava envolvido, e repetidas vezes asseguraram-me que nenhum deles estava implicado", disse o Presidente ao prometer que os culpados, "sejam quais forem", serão punidos. (TEXTO NA DÉCIMA PÁGINA)

Preços do óleo, gás e gasolina mais caros 3,6%

Estão em vigor desde a zero hora de hoje os novos preços da gasolina, gás, óleo combustível e outros derivados do petróleo, na base de 3,6%, conforme decisão tomada sexta-feira pelo Conselho Nacional de Petróleo. No Rio, a gasolina passará a custar Cr$ 0,775 o litro e, em São Paulo, Cr$ 0,786. (TEXTO NA PÁGINA TRÊS)

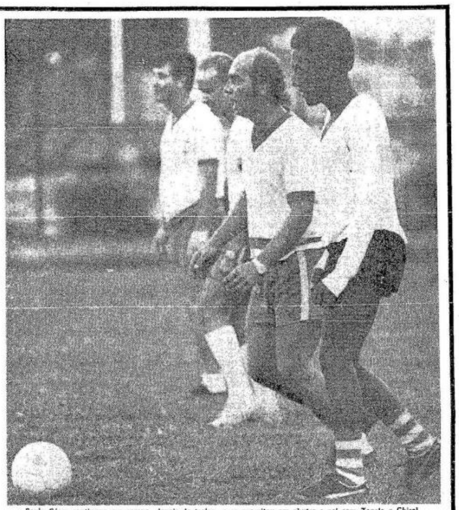
AOS NOSSOS LEITORES

A partir de hoje, em conseqüência da elevação do preço do papel e do frete no mercado internacional, bem como de outros fatores de encarecimento das operações industriais dos jornais, o exemplar de O GLOBO passa a custar Cr$ 0,80 nos dias úteis e Cr$ 1,20 aos domingos, preços, por sinal, já em vigor há tempos nos jornais de São Paulo e de Belo Horizonte.

Flu ameaça liderança do Flamengo

Gérson e Marco Antônio, atentos, ouvem Zezé Moreira

A necessidade que tem o Flamengo de não perder ponto para chegar à decisão da Taça Guanabara em igualdade de condições com o Vasco dá ao Fla-Flu desta tarde, no Maracanã, a importância dos grandes clássicos. O Fluminense, afastado da luta pelo título, vibra com a volta de Marco Antônio — motivação bastante para a vitória de que o time tanto precisa para alcançar a paz interna. No Flamengo, Dario promete homenagear os trabalhadores com o "gol operário". (TEXTO NAS PÁGS. 33 e 34)



Paulo César continuou em campo, depois do treino, e se exercitou em chutes a gol com Zagalo e Chirol

Dia de festa e gratidão

NO CONTURBADO quadro trabalhista de muitos países do mundo livre, o 1.º de Maio não chega a ser verdadeiramente uma festa, pois não há como isolar a data que consagra os merecimentos sociais dos trabalhadores da paisagem constante de tensão e de tumulto onde se desenvolve o moto-contínuo de suas reivindicações, cada dia mais envolvidas em interesses estranhos aos problemas específicos da classe.

NAS SOCIEDADES totalitárias, dentre as quais a comunista é hoje o modelo típico, a categoria trabalhadora constitui apenas peça do fechado de uma estrutura política e ideológica que lhe explora tanto os frutos do labor como a imagem generosa, a serviço de propósitos de dominação que nada falam as autênticas aspirações do operariado. Também nessa ambiência não há lugar para sinceras manifestações de regozijo no Dia do Trabalho, mas só para os surrados clichês da propaganda dirigida.

PODEMOS chegar, então, ao panorama brasileiro. Onde estão as manifestações de força e as explosões de ódio que, em tantos palcos da inquietação social contemporânea, convertem o 1.º de Maio praticamente num acontecimento máximo de protesto? De onde vieram os trabalhadores que nas praças públicas, nas casas de espetáculo, nos auditórios ou simplesmente na intimidade dos seus lares procuram fruir da melhor forma esse dia de reconhecimento e de homenagem? Não vieram dos recessos do inconformismo, nem do desespero, nem da subversão, mas dos lugares de onde, a descoberto e com honra, exercem os seus ofícios e se consideram por estes dignificados.

AS DEMONSTRAÇÕES de força aqui se projetam na capacidade de participar do esforço comum que faz o País crescer, prosperar, disseminar riquezas, aprimorar estruturas e mecanismos de produção social. Não temos, aqui, um sindicalismo exclusivista que se preocupe obcecadamente em magnificar os salários dos beneficiados pelas oportunidades de emprego, enquanto numerosos contingentes de brasileiros não conseguem chegar sequer ao mercado de trabalho, porque inexistente.

NOSSOS líderes sindicais conscientizaram-se de que a melhoria real de salários pressupõe uma ordem econômica sem corrosão inflacionária; elevação quantitativa e qualitativa do nível de empregos; aumento geral de produtividade; e uma política distributivista sem paternalismo e sem demagogia, que irrigue os fundamentos da justiça social com vigorosos fluxos de educação, saúde pública, habitação, assistência comunitária e novos direitos igualitários.

A REVOLUÇÃO de Março pode jactar-se de estar seguindo fielmente essa receita, procurando humanizar as relações entre patrões e empregados, criando uma mentalidade sindical realista, valorizando o trabalho e ao mesmo tempo fortalecendo a empresa, sem cuja vitalidade tudo mais seria uma quimera ou uma farsa. Nunca será excessivo louvar a política do Governo dirigida para o empregado rural, pela primeira vez incorporado ao regime geral do trabalho, nos critérios humanistas e no seu elenco de benefícios.

DA MESMA forma, nunca será demais exaltar a decisiva contribuição do trabalhador brasileiro, em esforços, sacrifícios, compreensividade e eficiência, para os êxitos da obra revolucionária. A sua festa é também uma data da gratidão nacional.

Personalidades Globais

O juri nacional do Prêmio Personalidade Global reuniu-se ontem, na residência do nosso companheiro Roberto Marinho (foto), e apontou os nomes daqueles que, pelo seu trabalho, deram notável contribuição ao País nas dez seguintes atividades: Educação, Ciências, Economia, Artes Plásticas, Música, Esportes, Empresariado, Literatura, Propaganda e Assistência Social.

São estas as Personalidades Globais: na Música, Marlos Nobre, por sua obra, considerada das mais sérias no panorama da música erudita contemporânea mundial; nas Ciências, o Almirante Paulo Moreira da Silva, pelo seu notável trabalho de pesquisa e estudo do mar; na Economia, o Ministro Delfim Neto, pelo extraordinário impulso à economia nacional; na Educação, o Professor Mário Henrique Simonsen, pelos excelentes resultados de sua atuação à frente do MOBRAL; no Esporte, Emerson Fittipaldi, pela elevação do nome do Brasil no automobilismo mundial; nas Artes Plásticas, Francisco Stockinger, pelo arrojo de sua obra, que faz dele um dos nomes mais respeitáveis da escultura brasileira da atualidade; no Empresariado, Augusto Trajano de Azevedo Antunes, pela grande contribuição ao desenvolvimento [illegible] de vários empreendimentos; na Literatura, o editor José Olympio, pela sua contribuição à cultura nacional, através da divulgação das obras dos escritores brasileiros; na Propaganda, Mauro Sales, pela sua atuação na renovação da propaganda no Brasil; e, na Assistência Social, os Irmãos Villas-Boas, pelo seu trabalho em defesa dos índios brasileiros.

O juri esteve constituído dos Professores Eugênio Gudin e Antônio Gallotti; pela incentivadora das Artes no Brasil, Sra. Yolanda Penteado; pelos embaixadores Walter Moreira Salles e Paschoal Carlos Magno; pelo líder dos exportadores brasileiros, Giulite Coutinho; pelo líder publicitário Emil Farhat; pelo diretor-geral da Rede Globo de Televisão, Walter Clark; e pelo diretor-presidente das Organizações GLOBO, Roberto Marinho. Estiveram presentes também à reunião o nosso companheiro Rogério Marinho, Diretor de O GLOBO, e o Sr. J. C. Magaldi, da Rede Globo de Televisão. A entrega dos prêmios será feita em data a ser anunciada nos próximos dias.

Preso baleado no carro da Polícia

Gesimar Santos Cerqueira, 18 anos, apontado como um possível ladrão, foi perseguido na Penha por uma multidão e preso por três policiais. Pouco depois, ele chegava ao HGV com uma bala na cabeça. Os policiais disseram que, dentro do carro onde estava preso, Gesimar "tentou o suicídio com uma arma que mantinha escondida". (PÁGINA 21)

42.525 dividem a loteria esportiva

Página 33

ESTA EDIÇÃO: TRÊS CADERNOS E O ENCARTE CLASSIFICADOS, 52 PÁGS.

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1973%2f05%2f01%2f01-primeira_s… 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 27 – 18/01/1974 – Manchete: “Brasil tem recursos para pagar aumento do petróleo”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1974%2f01%2f18%2...

ANO XLIX - Rio de Janeiro, 6.ª-feira, 18 de janeiro de 1974 - N.º 14 721

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

Brasil tem recursos para pagar aumento do petróleo

Já em sua casa da Rua Alice, João Melo da Costa passou a noite cercado pelos filhos, a esposa e outros parentes. A partir de hoje ele estará de volta ao trabalho.

Delfim não teme a alta das matérias-primas

O Ministro da Fazenda do Brasil, Delfim Neto, garantiu, ontem, em Roma, que o Brasil tem dinheiro para pagar o petróleo de que precisa, pois dispõe de reservas monetárias e "vai muito bem no campo das exportações". Delfim foi a Roma para participar da reunião do Grupo dos 20, encarregado da reforma monetária — que voltou à estaca zero, por causa do aumento dos preços do petróleo. Disse, porém, Delfim, que o Brasil não poderá ir contra o aumento das matérias-primas porque durante vinte e cinco anos lutou por isto. E acrescentou o Ministro da Fazenda: "Se os árabes aumentaram o petróleo, nós podemos aumentar o café." (Página 15)

Acordo sobre Suez será firmado hoje

Egito e Israel assinam hoje o acordo para a separação de tropas no Canal de Suez, segundo comunicado divulgado simultaneamente em Tel Aviv, Cairo e Washington. O documento — anunciado nos EUA pelo próprio Presidente Richard Nixon — foi elaborado pelo Secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, após sucessivas reuniões com as duas partes. A solenidade de assinatura será realizada ao quilômetro 101 da estrada Cairo—Suez, na presença de chefes militares dos dois países e do comandante da Força de Emergência da ONU, General Siilasvuo. O anúncio do acordo provocou violentas reações de setores direitistas de Israel. (Pág. 12)

Polícia já liberou o pai de Carlinhos

O industrial João Melo da Costa foi liberado pela Polícia de Caxias às 16 horas de ontem, depois que seu advogado assinou um termo de custódia. A saída, o advogado disse que o documento era apenas formal, e a libertação de João Melo definitiva. Mas o Delegado Moacir Beltel, antes de sair rumo a Niterói — fora convocado, junto com o delegado de Magé, pelo Secretário de Segurança Público —, reafirmou suas declarações de anteontem a O GLOBO, vai pedir a prisão preventiva do pai de Carlos Ramirez, de Adilson Cândido e de Vera Lúcia. (P. 6)

A última peça

Com a chegada ao alto — prevista para as 11 horas de hoje — da segunda e última seção de 44 metros (foto), ficará definitivamente terminada a construção da superestrutura da ponte Rio—Niterói. (Página 7)

Fornecimento de carne cai em até 95%

Os supermercados informaram ontem que o fornecimento de carne caiu entre 70% e 95%, colocando o abastecimento da Guanabara em situação insustentável. Os açougues quase não têm carne. Os frigoríficos acusam os pecuaristas de não entregarem o gado. Enquanto isso, a Sunab fechou ontem mais cinco açougues. (Página 17)

O Presidente Médici entrega o troféu ao Operário-Padrão de 1973, o paulista Victor Manoel Penha Perez

Carro oficial do Estado só em dias úteis

A exceção dos carros utilizados pela segurança pública, pelos serviços de saúde, e os indispensáveis ao funcionamento da máquina administrativa, todos os demais veículos oficiais do Estado da Guanabara não poderão mais circular aos sábados, domingos e feriados, segundo decreto assinado ontem pelo Governador Chagas Freitas. (Página 6)

Médici entrega troféu a Operário-Padrão-73

O Presidente Médici, que entregou ontem, em São Paulo, o troféu Operário-Padrão do Brasil — 1973 a Victor Manoel Penha Perez, elogiou a promoção de O GLOBO e do Sesi, definindo-a como "um importante incentivo para o aperfeiçoamento do operário brasileiro". O Governador Laudo Natel, que também discursou na solenidade de entrega do troféu, disse que se sentia feliz por ser de São Paulo o novo Operário-Padrão. O Presidente da República recordou que havia conhecido o Operário-Padrão Victor Manoel quando de sua visita à Cosipa, "aquela importante organização que só pode produzir operários-padrão". Victor Manoel foi escolhido Operário-Padrão entre os 8 500 empregados da empresa. (Página 3)

Automóveis: a qualidade dos acessórios

Para cada veículo novo colocado no mercado, existem dezenas de novos acessórios. Uma boa parte desses equipamentos, instalados muitas vezes segundo o irremovível esquema do "opcional obrigatório", não funciona, dá defeito, ou não cumpre a finalidade anunciada. A garantia, em certos casos, não passa das amáveis palavras do vendedor. (Em Automóveis e Transportes, ao Caderno de Classificados)

Nomes e critérios

UMA EQUIPE de governo organiza-se com nomes e critérios. Delicadas são ambas as tarefas isoladamente; e muito mais complexas ainda quando se trata de combiná-las. Os critérios devem encontrar a necessária correspondência em nomes adequados, pois do contrário perdem substância e se invalidam na prática.

UM MINISTÉRIO é uma estrutura e uma filosofia; a teoria e é pragmatismo. O mais perfeito organograma não produzirá, por si só, uma administração eficiente. E gestões notáveis podem resultar de organismos estruturalmente defeituosos.

QUAL o tipo de escolha que melhor atende aos objetivos do Chefe do Governo e ao interesse nacional: o Ministro político ou o Ministro técnico? Até que ponto tem importância que o titular de uma Pasta seja especializado nos assuntos do setor? A política do Ministério, isto é, a capacidade de coordenar, de optar, de decidir, parece a muitos prevalecer sobre o simples conhecimento de causa, a competência profissional lúcida e indistinta. O Ministro, afinal, dispõe em seu derredor de uma bateria de assessores em condições de produzir, incontinenti, a material técnico de que precise para respaldar suas tomadas de posição.

NÃO É TUDO, porém. Ainda que se chegue ao termo ideal, o técnico com habilitação política, ou vice-versa, as dificuldades não desaparecem por completo, no momento crucial da escolha. Nenhuma reforma administrativa conseguiu até hoje, nem talvez jamais o consiga, definir cada Ministério como uma unidade inteiriça de abrangência, competência e coerência. Isso somente se faria viável se o Governo constituísse um aglomerado de compartimentos estanques em vez de um sistema de vasos comunicantes.

AS COMPARTIMENTAÇÕES administrativas continuam em certa parte arbitrárias, incluindo mesmo algumas extravagâncias. Há imprevisões e subordinações flagrantemente artificiais, que a realidade ignora e até inverte. Por outro lado, identificamos problemas do governo sem nenhuma tutela efetiva de alto nível, sempre colocados na última escala de prioridades. As questões típicas de assistência social, por exemplo, padecem dessa orfandade, tanto mais estigmatizada quando o País concentra o máximo de suas energias e preocupações na batalha do desenvolvimento. Já foi dito que precisamos também de um Ministério para os assuntos humildes, mas clamorosos, do subdesenvolvimento, para as marginalizados do processo econômico e social.

VÁRIOS enigmas estão à espera de decifração. Como dar dignidade ao Ministério da Agricultura? Talvez seja o caso apenas de mudar-lhe o nome (Ministério da Fruticultura, ou do Abastecimento, ou da Tecnologia Agrícola), sugere a corrente semântica. Os Ministérios do Interior, e da Indústria e do Comércio, abrigam verdadeiros universos administrativos, com embaraços para a homogeneidade de concepção e tratamento dos problemas e para as prerrogativas de comando dos titulares. E por que continuar a Previdência Social como um apêndice do Ministério do Trabalho?

TODAS essas questões crescem de oportunidade e de sentido ao ingressarmos no estágio de compasição do novo Governo, e que a partir desta semana se dedica o Presidente eleito Ernesto Geisel.

Reforço normaliza as entregas de gás

O abastecimento de gás engarrafado no Grande Rio, que estava deficiente desde o início do mês, será normalizado segunda-feira, com o reforço anunciado de 4 mil toneladas. (Página 14)

Fogo renasce em dois andares da Caixa

O fogo renasceu ontem, quatro dias depois, em dois andares da sede da Caixa Econômica, na Avenida Rio Branco, mas foi logo dominado. O resultado de 16.º andar entrou em combate: no 14.º, o papel empilhado se incendiou. (Página 7)

INPS duplicará o número de leitos

O presidente do INPS, Leão Sirian, informou ontem que em 1974, com 16 novos hospitais, totalmente equipados, haverá mais 5 320 leitos, duplicando o número de vagas nas unidades hospitalares sob o controle do Instituto. (Página 3)

Esta edição:
3 cadernos, 40 páginas

1.º CADERNO	
O País	2 a 5
O Grande Rio	6 a 9
Educação	10 e 11
O Mundo	12 e 13
Economia	15 e 17
Esportes	18 a 20
2.º CADERNO	
Ibrahim Sued	2
Rio-Show	5 e 6
Televisão	10
CLASSIFICADOS	
Automóveis	9 a 16

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1974%2f01%2f18%2f01-primeira_s... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

Figura 28 – 05/03/1974 – Manchete: “Festa no Rio e em Niterói”

20/06/2021 https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1974%2f03%2f05%2...

Trabalhistas assumem Poder na Inglaterra

O Premier Edward Heath renunciou ontem e a Rainha Elizabeth II encarregou o líder trabalhista Harold Wilson de formar o novo Governo. Heath pediu demissão pouco depois de receber uma carta do líder liberal Jeremy Thorpe, anunciando que não concordava em formar um Gabinete de coalizão com os conservadores. Wilson — que anunciará hoje o Ministério — enfrentará sérias dificuldades, pois conta com apenas cinco deputados a mais que os conservadores. O Partido Liberal, único capaz de inclinar a balança do Poder, já anunciou que não apoiará dois dos principais projetos trabalhistas — a saída da Inglaterra do MCE e a nacionalização das indústrias. (Página 14)

Festa no Rio e em Niterói

Na rampa 4, no acesso pela Avenida Rio de Janeiro, a fita simbólica cortada e o abraço

Ponte já está aberta ao tráfego

Após cortar a fita simbólica na rampa de acesso da Avenida Rio de Janeiro, o Presidente Médici, com o Ministro dos Transportes, subiu no Rolls Royce e atravessou a Ponte Rio—Niterói. Do outro lado, uma multidão calculada em 10 mil pessoas e centenas de convidados assistiram à inauguração oficial, que teve um único orador: Mário Andreazza. À noite, já havia fila de carros à espera da abertura ao tráfego, hoje às 6 horas. (Páginas 6 e 7)

ANO XLIX - Rio de Janeiro, 3.ª-feira, 5 de março de 1974 - N.º 14 767

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

A frente da comitiva, no Rolls Royce presidencial em marcha lenta, Médici e Andreazza no primeiro passeio pela ponte

Pão hoje já custa de 13% a 28% mais caro

A SUNAB autorizou um reajuste de 20,06% no preço de venda do trigo aos padeiros e um aumento que varia de 13% a 28% para os preços do pão. A partir de hoje, o consumidor pagará Cr$ 0,78 pela bisnaga e Cr$ 0,17 pelo pão francês. A bisnaga intermediária passará de Cr$ 0,39 para Cr$ 0,50 e o preço da tonelada métrica de trigo em grão, vendido aos moinhos, de Cr$ 612,00 para Cr$ 734,00. (Página 18)

Seca já afeta abastecimento de água

A estiagem que se prolonga na Guanabara está deixando em situação crítica o abastecimento de água a uma área correspondente a 80 por cento do Estado, alimentada por mananciais que dependem das chuvas. Segundo o Serviço de Meteorologia, o deficit de chuvas nos dois primeiros meses do ano chegou a 70 por cento, em relação aos índices normais de precipitações. Os técnicos prevêem graves conseqüências dentro de alguns meses, se não chover nos próximos dias. (Página 8)

PREÇO DO EXEMPLAR DE O GLOBO

Alguns vendedores — felizmente minoria ínfima da classe — têm vendido exemplares de O GLOBO por preços acima dos efetivamente em vigor. Esta é a razão por que reiteramos aos nossos leitores que os exemplares de O GLOBO permanecem aos preços de Cr$ 1,00 nos dias úteis e de Cr$ 1,50 aos domingos, na Guanabara e no Estado do Rio.

ESTA EDIÇÃO

46 páginas

O País	2 a 5
O Grande Rio	6 a 11
Educação	12
O Mundo	14 a 16
Economia	18 a 27
Esporte	28 a 30
Ibrahim Sued	32
Nélson Rodrigues	33
Nélson Motta	34
Rio-Show	38 a 39
Televisão	40
Classificados:	6 páginas
Preço deste exemplar:	Cr$ 1,00

Zagalo: Time-base só sai no dia 20

O técnico Zagalo declarou ontem, durante a apresentação no MEC dos jogadores da seleção brasileira, que o time-base não será divulgado antes do dia 20, data do primeiro coletivo. Disse ainda que esta será a Copa mais difícil que o Brasil já disputou. — "Pelé, Gérson e Tostão fazem muita falta" — e apontou a Alemanha Ocidental como favorita. Dois jogadores deixaram de comparecer ao MEC: Marco Antônio, que teve um problema com o carro e se apresentou direto no Retiro dos Padres, e Paulo César, que está excursionando com o Flamengo e volta hoje. Os exames médicos começam pela manhã, no Hospital Miguel Couto. (Páginas 29 e 30)

Pilotos acham que DC-10 foi sabotado

A Associação dos Pilotos da Turquia afirmou ontem que o DC-10 das Linhas Aéreas Turcas, que caiu em Paris, foi sabotado por terroristas, pois considera que não havia outro motivo para o aparelho explodir em vôo. Esta hipótese, reforçada pelo fato de sete corpos terem sido encontrados a 14 quilômetros do local em que caiu o aparelho, tem o apoio de grande número de peritos, segundo relatório preliminar da comissão de investigação. Um engenheiro brasileiro e sua mulher — naturais de Natal — estão entre os mortos do DC-10. (Página 15)

Alkmin está em coma no hospital

O Deputado José Maria Alkmin está em coma desde a tarde de domingo, no Centro de Tratamento Intensivo do Hospital São Lucas, vítima de uma perturbação vascular-cerebral, que se manifestou pela primeira vez em outubro do ano passado. Segundo seus filhos, o estado de saúde do parlamentar apresentou uma sensível melhora de ontem para hoje. A doença vinha agravando-se nos últimos meses, com perda progressiva da fala. Há uma semana, ele entrou em estado de semi-inconsciência, chegando à coma total no domingo. (Página 5)

Terror ameaça com novos seqüestros

Os palestinos que seqüestraram e incendiaram um jato DC-10 britânico em Amsterdam afirmaram ontem que o grupo juvenil da OLP, ao qual pertencem, pretende atacar outros aviões ingleses e norte-americanos. (Página 15)

Igreja: caso com Arcebispo é grave

O Vaticano considerou ontem "grave" o conflito entre o Governo espanhol e o Arcebispo de Bilbao, D. Antônio Anoveros — expulso do país —, e manifestou sua esperança de que o caso "acabe satisfatoriamente". (Página 16)

Luta em Córdoba com 45 vítimas

Troca de tiros e bombas continuam ainda em cinco pontos da Córdoba. Segundo boletim divulgado ontem, sete pessoas morreram e 42 ficaram feridas nos seis dias de rebelião policial. (Página 14)

Aulas só começaram em algumas escolas

Só algumas escolas da rede oficial do 1.º grau tiveram aulas ontem. Na maioria, os alunos receberam instruções e voltarão para casa. Na UEG e Escola Técnica, o dia foi normal. (Página 12)

Golda decide ficar no Governo

(Página 16)

https://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=https%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_globo%2f1974%2f03%2f05%2f01-primeiro_c... 1/1

Fonte: Acervo do Jornal O Globo

APÊNDICE B

Capas de Folha de São Paulo– Assunto: Governo e economia – Amostragem: outubro de 1969 a março de 1974 (Mandato do General Médici) por ordem cronológica

Figura 29 – 13/12/1969 – Efeméride: 1 ano do AI-5 – Manchetes: "Médici inaugura a 'estrada da produção' para o Oeste" / "A ordem é construir mais silos para o trigo"

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX — Um jornal a serviço do Brasil — São Paulo, sabado, 13 de dezembro de 1969 — N.º 14.790

Medici inaugura a "estrada da produção" para o Oeste

Marinha: País exige esforço leal de todos

ARENA paulista: TSE anula eleição da Comissão Executiva

Terrorismo na Italia: explosões matam 13 e ferem 104 pessoas

A ordem é construir mais silos para o trigo

O Instituto Butantã tem 500 mil vacinas contra gripe "Apolo"

Grecia retira-se do Conselho da Europa antes de ser expulsa

Ministerio examinará quarta-feira o plano de ação do governo

Seleção foi para Salvador, com Pelé, mas sem entusiasmo

Eletroeletronica dá a Yassuda dados para incremento no setor

MAIS CALOR E MAIS CHUVA

AMANHÃ, NA FOLHA

ASSUNTOS DIVERSOS

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 30- 25/12/1969 – Efeméride: Natal – Manchete: “Médici invoca o milagre da união” / Véspera de Natal marca intenso movimento nas lojas”

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX Um jornal a serviço do Brasil São Paulo, 5.ª-feira, 25 de dezembro de 1969 N.º 14.802

Preço do exemplar diariamente: NCr$ 0,40 Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira Adm. e of.: Al. Barão de Limeira, 425

Medici invoca o milagre da união

Vespera de Natal marca intenso movimento nas lojas

Os paulistanos tiveram ontem o dia mais calmo da semana para fazer suas compras de presentes no centro da cidade, embora o movimento nos bairros tenha sido muito grande. Apesar do menor numero de veiculos no centro em relação aos dias anteriores, o transito teve alguns problemas, causados principalmente pela chuva que caiu varias vezes durante o dia.

Na Estação Rodoviaria, o movimento foi um dos mais intensos do ano: mil e oitocentos onibus sairam de lá, levando oitenta mil paulistanos para as cidades do Interior ou de outros Estados. Em cada plataforma, saiam trinta onibus por hora, o que dá uma media de um onibus a cada dois minutos.

Embora menor, o movimento nas estações ferroviarias de São Paulo foi tambem bastante grande, tendo sido programados trens extras para diversas cidades. Nos ultimos dias, mais de sete mil paulistanos deixaram a cidade em trens.

Alheios a todo o movimento da cidade, mas muito felizes por deixarem a prisão, sete presos sairam ontem da Penitenciaria do Estado, beneficiados pelo decreto presidencial que indulta os reus primarios com condenação inferior a três anos, desde que já tenham cumprido um terço da pena com bom comportamento.

No Rio, dois fatos principais marcaram a vespera de Natal: o congestionamento nas ruas principais, provocado pelo grande numero de carros que chegavam e deixavam a cidade e os papeis picados lançados das janelas das repartições publicas e firmas comerciais. Tambem foram usados onibus e trens extras para permitir a saida de vinte e cinco mil cariocas. Apesar do numero de viajantes, a população da Guanabara permaneceu quase inalterada durante os dias de folga: vinte mil pessoas chegaram de outros Estados para o Natal e o Ano Novo. PAG 6

Em São Paulo, as grandes lojas foram invadidas por milhares de compradores: vendeu-se praticamente de tudo

A garotinha exibe, orgulhosa, o velocipede que ganhou

No Rio, as ruas centrais encheram-se de pessoas que, à ultima hora, procuravam comprar os presentes de Natal

"Quisera que meu aceno de Natal chegasse à janela de toda rua, ao mirante de todo morro, ao banco de toda praça, ao atrio de toda crença — a todo sistema, toda convicção, todo ideal — para que pudessemos colher, na renovação do misterio de Belem, o milagre de nossa união", disse o presidente Garrastazu Médici na mensagem de Natal ao povo brasileiro distribuida ontem pela Secretaria de Imprensa da Presidencia. A mensagem deveria ser lida, pessoalmente, pelo presidente da Republica, que ocuparia uma cadeia nacional de radio e televisão o que não aconteceu em virtude do luto nacional pela morte do marechal Costa e Silva.

Em sua mensagem (integra na pagina 3), o presidente refere-se aos sofridos, aos amargurados, aos injustiçados, aos humilhados, mas acrescenta:

"Tambem me volto para os hostis, para os que têm braços para a violencia e boca para o vilipendio; volto-me para os que cegaram os proprios olhos na obstinação de não quererem ver e para os rassecados de afeto."

Paulo VI: paz aos homens de 70

A paz como um augurio de melhoria para os homens de 1970 é a tonica da mensagem natalina que o papa dirigiu ao mundo. Diz Paulo VI:

"Nós anunciamos a paz como a concepção dominante da vida consciente do homem: que quer fixar a perspectiva do seu itinerario proximo ou ainda longinquo. Mais uma vez anunciamos a paz, porque ela é, ao mesmo tempo, o principio e o fim do desenvolvimento da sociedade humana. A paz é a vida real do nosso quadro ideal do mundo humano". Mais adiante, Paulo VI afirma:

"Não nos pertence julgar os atuais conflitos entre nações, raças, tribos e classes sociais. Mas é nossa missão repetir a palavra "Paz", no meio dos homens em luta uns contra os outros, e recordar-lhes que são irmãos. E nossa missão ainda, ensinar a todos esses homens a amarem-se, a reconciliarem-se e a educarem-se para a paz". (Integra da mensagem papal na pagina 4)

Geisel: a hora de ser feliz

O ministro do Exercito, general Orlando Geisel, tambem se dirige aos brasileiros neste Natal, dizendo que "a hora é de ser feliz e a sombra das horas dificeis se dilui nas boas recordações e no horizonte iluminado da nova aurora que nasce". Referindo-se aos militares, acentuou:

"Confio em nossa participação continuada no crescimento desse Brasil adulto, servindo-o com o espirito publico que é a nossa razão de ser, coesos e votados para nossos afazeres profissionais". (Pagina 3)

Abreu Sodré: fé e trabalho

"Aos brasileiros de São Paulo nunca faltou fé e trabalho", disse o governador Abreu Sodré em sua mensagem de Natal ao povo paulista, transmitida ontem, pela televisão. Disse tambem acreditar ter agido com o espirito cristão do Natal, "deflagrando e fazendo executar uma politica educacional em beneficio exclusivo das crianças, da juventude e da mocidade estudiosa do Estado".

"E a democracia nas almas na luz do saber", acentuou o governador, ao lembrar que investira 31% do orçamento estadual no exito dessa iniciativa "sem similar na historia do Brasil" e que, para êle, representava "a alegria do dever cumprido para com nossa juventude e os imperativos cristãos de seu desenvolvimento cultural". (Pagina 3)

50 pessoas morrem ao afundar uma chata em rio da Colombia

Uma chata com mais de 100 passageiros — em sua maioria mulheres e crianças — naufragou ontem no rio Magdalena, no porto de Barranca Bermeja, provocando a morte de pelo menos 50 pessoas. A tragedia foi testemunhada por dezenas de camponeses que estavam no pequeno porto situado no norte da Colombia que se lançaram as aguas salvando muitos passageiros. A chata "Alicia" adernou repentinamente e chocou-se com uma grua, afundando em menos de um minuto. PAG. 2

Loteria de Natal dá NCr$ 2,5 milhões a um desempregado

Renê Eugenio, vendedor de leite em Itapira, que estava desempregado, ganhou os NCr$ 2,5 milhões do primeiro premio (serie "C") da Loteria de Natal. Ele usara seu ultimo dinheiro — NCr$ 276 — na compra do bilhete n.o 38.661, cedendo dois vigesimos a um amigo. No total, foram NCr$ 7,5 milhões que Itapira ganhou neste Natal: a serie "B" ficou para os funcionarios da agencia do Banco do Brasil e a serie "A" para varios moradores daquela cidade, onde até a manhã de hoje houve comemorações pelo grande premio.

Mao e Piao teriam iniciado a luta contra Chu En-lai

Mao Tsé-tung e seu herdeiro, o ministro da Defesa, Lin Piao, teriam iniciado uma luta aberta contra o primeiro-ministro Chu En-lai (o terceiro homem na hierarquia chinesa) a fim de afastá-lo de todos os cargos, revelou ontem o "China Mail" de Hong-Kong. Mao e Piao teriam dito a Chu que restringiam sua influencia nos altos escalões do partido e do governo, com o que o premier não teria concordado, abrindo-se uma nova luta pelo poder em Pequim. PAG. 2

Marin: aprovação da reforma tributaria é voto de confiança

A Camara Municipal aprovou ontem, em segunda discussão, o projeto de lei enviado pelo Executivo e que altera o sistema tributario do Municipio. Para o sr. José Maria Marin, presidente do Legislativo, a aprovação significa "um voto de confiança ao sr. Paulo Maluf, pelo que já realizou em tão pouco tempo". Justificando sua posição, disse o sr. Marin que votara a favor do projeto, por acreditar na boa vontade do prefeito, no planejamento e no bom emprego do dinheiro publico. PAG. 7

Rocha Lagoa manda extinguir o DNC

O ministro Rocha Lagoa, da Saude, ordenou ontem a criação de um novo orgão para substituir o Departamento Nacional da Criança, que será extinto dia 31 de janeiro. Noventa comissão para cuidar do assunto.

Municipio auxilia obras: Zona Aerea

A Camara Municipal aprovou ontem, em sessão extraordinaria, um credito especial de NCr$ 240 mil como contribuição do Municipio para a pavimentação de ruas no Quartel General "da 4.a Zona Aerea nesta Capital.

Dia encoberto, com chuvas

O dia hoje continua encoberto, com chuvas esparsas e um pouco de frio, informam os meteorologistas. Mas mesmo assim, com votos de um Feliz Natal

Assuntos diversos

EXTERIOR 2 5
POLITICA 3
NACIONAL 4
LOCAL 6 7 8 9 10
ECONOMIA 11 12 13
ESPORTES 15 16
NECROLOGIA 10
INF. GERAIS 14

O irmão famoso voltou, Arlete Maria tem muitos motivos para estar feliz. Ado, tambem. SEÇÃO DE ESPORTES

Prefeitura explica porque fechou o PS do Patio do Colegio

Com a extinção do Pronto Socorro do Patio do Colegio, o centro da cidade ficou sem atendimento medico de urgencia; a area da Sé, que era do ambito daquele Pronto Socorro registra o maior indice de acidentes de transito e de atropelamentos da Capital. O secretario da Higiene sr. Tito Lopes da Silva, explica a extinção afirmando que os constantes congestionamentos na area central impediam o acesso rapido ao PS. Agora os pacientes deverão procurar os prontos socorros dos bairros. PAG. 8

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 31 – 01/01/1970 – Efeméride: Ano Novo – Manchete: "Médici: 1970, ano do desenvolvimento"

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX Um jornal a serviço do Brasil São Paulo, 5.ª feira, 1.º de janeiro de 1970 N.º 14.809

Preço do exemplar diariamente: NCr$ 0,40 Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira Adm. e red.: Al. Barão de Limeira, 425

Medici: 1970, ano do desenvolvimento

Generais franceses punidos por ajudar a fuga das lanchas

NO LIMIAR DE UMA DECADA

Há dois anos, precisamente, este jornal dava um passo audacioso e inédito na história do jornalismo brasileiro: introduzia na complexa industria da informação o sistema de impressão "off set". A esse tecnica se limitavam, até então, publicações periodicas de tiragem restrita. Marcava o FOLHA DE S. PAULO o início de uma nova era do jornalismo no País, num trabalho pioneiro, resultado dos esforços da iniciativa privada, que vieram ao encontro da sempre crescente confiança dos nossos leitores, amigos e anunciantes.

De janeiro de 1968 para cá, este jornal deu outros passos de avanço dentro da moderna tecnica jornalistica: aperfeiçoou o sistema de informação de interesse nacional, desenvolvendo, de maneira significativa, o seção de Economia, confiando-a a especialistas de comprovada capacidade tecnica. Ampliou e aprofundou, também, para honesto julgamento dos nossos leitores, seus serviços de coberturas dos acontecimentos da cidade, passando a oferecer em suas edições diarios material de leitura que vai além do mero relato dos fatos, instituiu serviços de utilidade publica cujos frutos, para a coletividade, são necessarios e marcantes, e que consistem no exame minucioso dos problemas basicos e fundamentais de uma grande metropole.

Desenvolveu, alargou e ampliou — numa area em que este jornal já mantinha o primazia — a cobertura dos fatos que interessam à coletividade estudiosa da cidade e do Estado, no que, tambem, foi seguido por outras publicações.

Consolidou o seu Caderno Especial, dedicando-o à analise mais profunda das transformações da vida brasileira.

Concluiu acordos de publicação de material, de alto nivel, com o prestigioso jornal "Le Monde", da França; acrescentou aos seus serviços de informações internacional outras agencias telegraficas.

Consolidou este jornal, em termos definitivos, sua posição de liderança em São Paulo e Estados vizinhos, como comprovam documentos recentemente publicados. Para que se atingisse esse objetivo — o de atender sempre melhor nossos leitores — este jornal mantem a maior frota da historia do jornalismo brasileiro: 170 veiculos cruzando as estradas num trabalho de verdadeiro integração.

Ao ingressarmos no ano de 1970, e iniciarmos, portanto, uma nova decada que, particularmente em relação ao nosso País, é antevista com perspectivas otimistas, desejamos a todos um ano de paz e prosperidade. Saudamos de maneira especial, movidos por profundo sentimento de gratidão, os leitores, os anunciantes, e os amigos da FOLHA DE S. PAULO, responsaveis diretos pelo incessante progresso deste jornal.

O centro comemorou: euforia e violencia

Os presentes de Natal para os prisioneiros não chegam a Hanói

Ponte de V. Anastacio abre o caminho às proximas enchentes

Decreto presidencial unifica as policias fardadas estaduais

Chapas de carros da Capital terão a letra S

Dia nublado, e deve chover

Geraldine Chaplin ao lado de Heston

NA FOLHA ILUSTRADA

Assuntos diversos

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 32 – 06/02/1970 – Manchetes: “FMI destaca posição do Brasil” / “Médici ordena medidas contra alta do custo de vida”

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX Um jornal a serviço do Brasil São Paulo sexta-feira, 6 de fevereiro de 1970 N.º 14.845

Preço do exemplar diariamente: NCr$ 0,40 Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira Adm e of: Al. Barão de Limeira, 425

FMI destaca posição do Brasil

Ponte aerea sovietica para rearmar o Egito

O matutino "Le Jour", considerado um dos jornais mais bem informados do Libano, revelou ontem que a União Sovietica iniciou uma ponte aerea para rearmar o Egito, conduzindo foguetes antiaereos do tipo "Sam", baterias antiaereas e radares moveis, a fim de dar à defesa egipcia a mesma eficiencia conseguida pelo Vietnã do Norte contra a Força Aerea dos EUA. A noticia foi considerada como "provavel" em Tel Aviv.

Depois do presidente Nixon, o premier Wilson e o presidente Pompidou entregaram a Moscou a mensagem-resposta sobre a crise na região. PAG. 4

CAIRO — O presidente Nasser acolhe no aeroporto local o rei Hussein da Jordania com o tradicional beijo na face. Os dois lideres arabes iniciaram consultas. — AP

CAIRO — Para os jornais governamentais egipcios, o presidente Nixon e o "verdadeiro inimigo", e neste "cartoon" ele é retratado com a venda do general Dayan. — UPI

O Brasil esta num ritmo de crescente ascensão e suas reservas em moedas fortes elevaram-se a 573 milhões de dolares, a mais alta reserva de que dispõe hoje qualquer país da America Latina.

A informação está contida no boletim estatistico de fevereiro divulgado ontem, em Washington, pelo Fundo Monetario Internacional e que aponta as seguintes reservas (em milhões de dolares) para países latino-americanos: Brasil, 573; Venezuela, 111; Mexico, 350; Argentina, 320; Chile, 247; Colombia, 195; America Central, 179; Jamaica, 127; Peru, 111 e Uruguai, 21.

Brasil: a opinião do FMI

As informações do Fundo Monetario Internacional sobre o Brasil — que ontem recebeu um credito de 50 milhões de dolares daquele organismo — são estas:

1 — Em 1969, o Produto Nacional Bruto cresceu rapidamente em termos reais, o que se refletiu no progresso de varios setores da economia. A produção agricola, inclusive o café, obteve rendas substanciais.

2 — O comportamento da balança de pagamentos foi "muito forte", havendo um aumento de 20% nas exportações e um fluxo consideravel de capitais particulares. Alem disso as reservas liquidas oficiais do Brasil cresceram ate quase 700 milhões de dolares.

3 — Os preços dos produtos industriais aumentaram em menos da metade da taxa registrada em 1968; os preços agricolas subiram drasticamente, em consequencia de dificuldades no abastecimento.

4 — Os indices de preços foram menores que em 1968, mas o custo de vida subiu na mesma proporção que nos anos anteriores.

5 — As perspectivas para 1970 são consideradas favoraveis na agricultura e na industria; o programa aponta para a fixação de uma alta taxa de crescimento, atraves da politica de restrições fiscais e monetarias.

EUA: cientistas provam relação fumo e cancer

Dois cientistas norte-americanos apresentaram ontem uma prova que consideram "decisiva" sobre a relação causal entre o cigarro e o cancer no pulmão. Os drs. Cuyler Hammond, vice-presidente da Associação de Combate ao Cancer dos EUA e Oscar Auerbach, diretor do Hospital dos Veteranos de Guerra de Nova Jersey publicaram um volumoso estudo sobre as pesquisas que realizam há varios anos sobre o cancer pulmonar.

Os dois especialistas selecionaram 86 cachorros perdigueiros, e os separaram em grupos, ensinando-os a fumar fracamente, moderadamente e fortemente. O grupo dos fumantes "fortes", formado por 62 perdigueiros, fumava 9 cigarros sem filtro durante periodos que variavam entre quatro meses e dois anos. Quatorze dos fumantes contrairam cancer no pulmão. Do grupo moderado (cinco cigarros com filtro por dia), 12 cães contrairam diversas afecções pulmonares com enfisema, fibrose e tumores benignos.

Os meios cientificos norte-americanos consideram a experiencia dos dois medicos "como a primeira associação inequivoca entre a inalação da fumaça de cigarro e o cancer pulmonar". Até então, a pesquisa sobre a correlação fumo-cancer se havia limitado aos animais pequenos, como ratos e cobaias encerrados em camaras cheias de fumaça de tabaco e que não tinham capacidade para inalar o fumo.

Os cachorros aprenderam a fumar através de tubos insertados na traqueia. O Instituto de Tabaco dos EUA denunciou imediatamente o relatorio como "parcial e incorreto". Não obstante, a pesquisa causou grande impacto nos circulos cientificos dos EUA.

Medici ordena medidas contra alta do custo de vida

O presidente Garrastazu Medici determinou ontem a seus ministros, que elaborem com a maxima urgencia um conjunto de medidas que permitam, a curto e medio prazo, conter o aumento do custo de vida. Algumas dessas medidas, segundo informações chegadas de Brasilia, deverão ser incorporadas à estrategia fixada no Plano de Diretrizes Setoriais do Governo, coordenado pelo Ministerio do Planejamento.

O objetivo do governo é que esse conjunto de providencias, somado a outras medidas isoladas no ambito de cada Ministerio, estabeleçam um equilibrio maior na lei da oferta e da procura, conseguindo-se assim a estabilidade do custo de vida, o que é uma das metas prioritarias da administração Medici.

Ao mesmo tempo, seguindo tambem a orientação presidencial, os ministros de Estado preparam outras medidas destinadas a permitir uma distribuição mais equanime da renda nacional, de forma que toda a população, sem quebra do desenvolvimento economico do país, seja beneficiada pelo aumento da riqueza comum.

Os tecnicos encarregados de todo esse planejamento acham que a tarefa do governo será facilitada diante das animadoras perspectivas das safras agricolas para o corrente ano, segundo um levantamento feito pelo Ministerio da Agricultura. Lembram esses mesmos tecnicos que, no ano passado, as intemperies que atingiram grandes setores da produção agricola nacional foram as responsaveis pela elevação do custo de vida nas grandes metropoles do país.

A partir de segunda-feira, o pão, a farinha, massas e residuos da moagem de trigo estarão 20% mais caro, em virtude de portaria baixada pela SUNAB, reajustando o percentual de preço de venda aos moinhos do trigo em grão, importado ou nacional. No Rio, o gen. Glauco Carvalho, superintendente da SUNAB, justificou a medida com as ultimas desvalorizações do cruzeiro, que influem diretamente nos custos do cereal.

Alem dos produtos citados na portaria da SUNAB, outros derivados do trigo tambem poderão ter seus preços reajustados, mas aquele orgão diz que exercera "rigorosa fiscalização". Segundo a portaria, o preço da tonelada metrica do trigo em grão foi fixado em NCr$ 410,00, o que significa um aumento aproximado de 20% sobre o preço antigo. PAG 10

Metrô: aval de US$ 250 milhões

"O financiamento externo para a construção do Metrô de São Paulo deve atingir a 250 milhões de dolares", informou ontem o presidente da Companhia do Metropolitano, sr. Vicente Chiaverini, ao comentar os relatorios que os Ministerios da Fazenda, Planejamento e Transportes preparam para apresentar ao presidente Medici, que dará a palavra final — dentro de 60 dias — sobre a concessão do aval federal aos emprestimos externos destinados ao Metrô. O presidente da COMESP disse que, atualmente, os esforços da empresa se concentram na construção dos trechos 4 e 5 (Liberdade e Vergueiro). Pag. 7

As obras do Metrô avançam enquanto se espera o aval

Sodré acolhe o reitor da USP, prof. Miguel Reale, no Palacio dos Bandeirantes. - Pag. 6

Interditada ponte da Barão de Jaguara
Por causa das fortes chuvas dos ultimos dias, os alicerces da ponte que liga a avenida do Estado à rua Barão de Jaguara, sobre o Tamanduateí, ficaram abalados, levando o DET a interditar aquela via de acesso ao Cambuci.

Carnaval altera onibus desde 6 h
O roteiro definitivo das escolas de samba desde a São João até a praça das Bandeiras sabado, domingo, segunda e terça; o novo itinerario dos onibus perto da Rodoviaria desde as 6 horas de hoje na pagina 5.

Dia nublado, com chuvas
Vamos sair hoje munidos de guarda-chuva, pois o dia vai estar enfarruscado, com as costumeiras trovoadas à tarde. Mas o calor continua, dizem os meteorologistas.

Assuntos diversos

EXTERIOR	2 4
POLITICA	3
NACIONAL	3
LOCAL	5 a 9
ECONOMIA	10 a 12
ESPORTE	13 14
TURFE	15
INF. GERAIS	25
NECROLOGIA	10

A Bahia é declarada zona proibida para a plantação de café

Portaria baixada ontem pelo ministro da Agricultura interditou o Estado da Bahia para a cafeicultura, e declarou zonas de suspeita as regiões limitrofes de Minas e Espirito Santo, por causa da praga conhecida como "ferrugem do cafeeiro". A Bahia terá de erradicar seus cafezais e está proibida de plantar novos pés ou de transportar suas mudas para outras regiões. Ontem, em Londres, prosseguiam os debates sobre exportações de café. PAG. 11

Rigorosa prontidão no Vietnã do Sul na festa do Tet

Com as forças norte-americanas e sul-vietnamitas em rigorosa prontidão começa hoje no Vietnã do Sul o Tet (Ano Novo vietnamita), epoca em que os comunistas aproveitam os dias de festas para desencadear ofensivas nas principais cidades do sul. Em fevereiro de 1968 conseguiram destruir Hué, a antiga capital imperial. Em Paris, uma nova sessão da conferencia de paz sobre o Vietnã foi marcada por acusações reciprocas, não apresentando nada de novo. PAG. 4

Garcez, de volta a Brasilia hoje, será recebido por Medici

O presidente da ARENA paulista, prof. Lucas Nogueira Garcez, deverá voltar a Brasilia hoje, para encontrar-se com o deputado Rondon Pacheco e com o presidente Medici, a quem fará um relato minucioso sobre a situação do partido em São Paulo. Ontem, reunida extraordinariamente, a Executiva da ARENA resolveu aceitar a oferta da Camara Municipal de São Paulo, e em breve sua sede será instalada no andar terreo do Palacio Anchieta, juntamente com a sede do MDB. PAG. 3

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 33 – 17/03/1970 – Manchete: “Médici anuncia a construção da Transamazônica”

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX — Um jornal a serviço do Brasil — São Paulo, terça-feira, 17 de março de 1970 — N.º 14.884

Preço do exemplar diariamente: NCr$ 0,40 — Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira — Adm. e red.: Al. Barão de Limeira, 425

Medici anuncia abertura da “Transamazonica”

Dessa estrada viária para a Amazônia serão implantadas até 1974, anunciou ontem em Brasília o presidente Garrastazu Médici.

O plano, qualificado pelo Palácio do Planalto como “um sistema rodoviário inteiro” para a colonização amazônica, consistirá na construção de ligação Cuiabá-Santarém, que atravessará o território da selva e da ligação transamazônica Manaus-Belém Rodoviária do Nordeste, com extensão de 1.750 quilômetros (Vide mapa).

O pronunciamento oficial diz que a estrada que ligará a capital do Amazonas ao Nordeste atravessará a Belém-Brasília, na altura de Marabá, do interior do Tocantins, para, em seguida, cruzar as bacias do Xingu e do Tapajós, até Humaitá, onde se entrosará com a ligação Porto Velho-Manaus.

“Com seus 1.750 quilômetros”, diz a nota, “a estrada, que se poderá chamar de Transamazônica”, encontrará os pontos terminais dos trechos navegáveis dos afluentes meridionais do rio Amazonas e será uma vereda aberta ao nordestino para a colonização de enorme vazio demográfico e o início da exploração de potenciais até então inacessíveis”.

Ministros em São Paulo

O ministro Pentiel de Moraes, da Indústria e Comércio, falará às 15 horas durante a primeira reunião plenária da II Reunião de Interlocutores do Desenvolvimento da Amazônia. O encontro prosseguirá amanhã com a participação do ministro Cirne Lima, da Agricultura. Quinta-feira, falará o general Costa Cavalcanti, do Ministério do Interior. A encerramento, sexta-feira, estarão presentes o vice-presidente da República, almirante Augusto Rademaker, e o governador Abreu Sodré.

Recursos do BID

O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID —, sr. Felipe Herrera, visitará o Brasil nas próximas semanas para tratar com as autoridades brasileiras as possibilidades de liberação de capital em setores básicos da Amazônia.

A construção até 1974 de duas estradas facilitará o acesso ao coração da Amazônia, anunciou ontem Médici. A via “Transamazonica” (horizontal) ligará o Nordeste a Manaus. A Cuiaba-Santarem (vertical) atravessará a selva.

Sucessão: Sodré fala com Rondon

O governador Abreu Sodré transmitirá hoje seu pensamento sobre a sucessão no Estado, durante rápido encontro que manterá no Aeroporto de Congonhas com o deputado Rondon Pacheco, presidente nacional da ARENA. O sr. Rondon Pacheco virá também membros do Diretório Regional da ARENA paulista e, após permanecer meia hora no aeroporto, seguirá para Curitiba, onde discutirá a sucessão paranaense.

Oscar Passos traçará os rumos do MDB em SP

O senador Oscar Passos, presidente nacional do MDB, chega hoje, às 9 horas, a São Paulo, para uma visita de dois dias, quando manterá contato com as bases partidárias e examinará as sugestões apresentadas com vistas às eleições deste ano. Ainda esta manhã o presidente emedebista visitará Campinas, onde conferenciará com o prefeito Orestes Quercia, filiado ao MDB.

Escolhidos governadores de Pernambuco e Piauí

O sr. Ernido Queiroz Leite, ministro do Superior Tribunal Militar, teve ontem seu nome indicado para o governo de Pernambuco, segundo informações de parlamentares daquele Estado. Também para o Piauí, o presidente Garrastazu Médici já teria resolvido o candidato arenista a ser eleito a 3 de outubro, tratando-se do coronel Stanley Fortes Baptista. PAG. 3

O cel. Cunha Melo para a pasta da Segurança

O coronel Danilo Darí de Sá da Cunha Melo deverá ser o novo secretário da Segurança Pública de São Paulo — segundo informou ontem o sr. Henrique Turner, chefe da Casa Civil do governo do Estado. Acrescentou que o governador Abreu Sodré já solicitou ao Ministério do Exército a liberação do militar, a fim de que possa assumir aquela Pasta. Depois de amanhã, o secretário Pltiry Lopes Meireles, da Justiça, receberá interinamente do general Viana Moog o cargo de secretário da Segurança. PAG. 3

Saldanha pode sair; seleção em crise

“Estou profundamente desgostoso com os últimos acontecimentos que envolveram a seleção brasileira de futebol, que está à beira do abismo”, declarou ontem Antonio do Passo, presidente da Comissão Técnica, que ainda anunciou medidas drásticas para as próximas horas.

O afastamento do técnico João Saldanha estaria iminente, e já se fala no Rio que Zagalo, que dirige o Botafogo, seria seu substituto. Comenta-se também que Paulo Amaral, técnico do Fluminense, seria convocado para auxiliar na preparação (e ora dos jogadores, o que provocaria, justamente como João Saldanha, a queda de outros membros da Comissão Técnica.

Durante duas horas, na sede da CBD, o presidente João Havelange esteve reunido com Antonio do Passo e João Saldanha. O treinto foi o primeiro a sair, e saiu calado, equilibrando os outros dois dirigentes em meio por mais uma hora. Falando aos jornalistas, Saldanha não demonstrou se o encontro girara em torno do problema da seleção e muito menos de seu incidente com Yustrich.

Em dado momento, entretanto, o presidente da CBD abriu a porta de sua sala e dirigindo-se ao treinto disse com ênfase e em voz alta: “Saldanha, eu você entra de novo ao invés para a sala de imprensa e dá sua entrevista. Com esse barulho não pensa trabalhar”. O treinto fitou-o em silêncio. “Isso é uma ameaça?” “Não, é só uma lembrança”, respondeu Havelange. Terminado o incidente na sala com Antonio do Passo.

Os jogadores, que estão de folga, aproveitam-se hoje para almoço no Retiro dos Jornalistas, em São Conrado, e à tarde realizam treinamentos, no Botafogo Caste Clube, com vistas ao jogo de domingo contra o Chile, no Maracanã. SEÇÃO DE ESPORTES

Desapropriações serão pagas em 30 dias, determina Maluf

O prefeito Paulo Maluf determinou ontem uma serie de medidas urgentes para colocar em dia, dentro de um mês, todos os pagamentos relativos às desapropriações das imóveis, cujos proprietários já receberam as ofertas regulamentares.

A providência do prefeito foi tomada em expediente reservado aos secretários Carlos Eduardo de Camargo Aranha, dos Negócios Jurídicos, e Fernando Ribeiro do Val, das Finanças. Animado o sr. Paulo Maluf que lhes revelou, ultimamente, “reclamações sobre excessiva demora no atendimento de alguns requisitantes, referentes ao pagamento de desapropriações”, autorizando que “apesar do encontrar o excesso de trabalho nesse setor, há, entretanto, necessidade de se estabelecer normas e métodos modernos de trabalho, a fim de serem suprimidas algumas dificuldades administrativas, no intuito de acelerar o pagamento em questão”.

O prefeito paulistano determinou, também, que os seus secretários se reunam, imediatamente, com os diretores de departamentos ligados ao problema, para reexaminar, em 48 horas, uma solução capaz de atender ao cumprimento da ordem de cimentar-se os pagamentos em prazo máximo de 30 dias.

Os EUA decidem sobre a venda dos “Phantom”

A Casa Branca anunciou antem que o presidente Nixon já chegou a uma decisão sobre a venda de novos aviões de guerra a Israel. A decisão será divulgada até o fim da semana, com quase três semanas depois da viagem de Israel.

Israel deseja adquirir 25 “Phantoms”, 50 “Skyhawks” para serem entregues a partir de 1971.

O status da resposta norte-americana provocou várias indagações entre os observadores políticos. A agência de informações japonesa “Kyodo” informou que os EUA e a URSS concordaram em suspender por algum tempo o embargo de armas para o Oriente Médio.

Segundo a agência, Washington e Moscou teriam estabelecido o acordo para impedir o agravamento do conflito árabe-israelense.

O consul fala do seu sequestro

Durante uma hora, o sr. Nobuo Okuchi respondeu às perguntas de 30 jornalistas brasileiros e estrangeiros, em sua residência da rua Piauí, e mostrou-se sempre calmo

O consul-geral do Japão em São Paulo, sr. Nobuo Okuchi, recebeu ontem, em sua residência da rua Piauí, cinquenta jornalistas — inclusive correspondentes de jornais japoneses — para fazer um relato que embora sumário deu uma idéia de como passou as 91 horas em poder dos três homens que o sequestraram dia 11 e só o libertaram na noite de domingo, após a chegada ao México dos cinco presos políticos brasileiros.

Disse o sr. Okuchi que poderia reconhecer a qualquer momento os seus sequestradores — “três jovens troncos, entre 20 e 30 anos, que me trataram muito bem” — pois passou quase dias em contato com eles. O consul japonês disse não ter a menor idéia do local onde fora confinado, pois está em São Paulo há apenas seis meses e não conhece bem a cidade.

Enquanto isso, quase 5 mil homens até o momento unidos da Operação Bandeirante procuram à busca dos sequestradores. Até ontem, porem, as autoridades não tinham conseguido qualquer pista concreta que ajudasse na localização dos três homens que sequestraram o sr. Nobuo Okuchi.

Gen. Rodrigo Otavio nega candidatura no Amazonas

O general Rodrigo Otavio Jordão Ramos, comandante militar da Amazonia, desmentiu ontem sua possível candidatura ao governo do Amazonas e declarou-se contra “a ultrapassada dos militares da caserna ao extravio da aventura política”, por não ser esta — a seu ver — a melhor forma para que as Forças Armadas “honrem as graves e complexas responsabilidades assumidas”. PAG. 3

Segall recebe troféu: é Homem do Interior de 69

Durante uma concentração municipalista realizada em Bauru, no último fim de semana, com a presença de prefeitos e vereadores de todo o Interior, o presidente da Caixa Econômica do Estado, sr. Oscar Kneier Segall, recebeu o troféu “Chapéu de Palha”, como o “Homem do Interior de 1969”. Em mensagem oportunidade, recebeu manifesto dirigido ao governador Abreu Sodré expressando a solidariedade do Interior ao governador, no encaminhamento de sua sucessão. PAG. 4

MDB continua o dialogo e quer filiação reaberta

Reunida ontem no Rio, a Comissão Executiva Nacional do MDB concordou em continuar a participar dos trabalhos que estão sendo realizados pelo ministro Alfredo Buzaid e líderes da ARENA, com vistas a adaptar à Constituição as leis político-eleitorais. O partido decidiu sugerir ao governo, através da Pasta da Justiça, que o prazo de filiação partidária, encerrado a 15 de fevereiro, seja reaberto com urgencia e por tempo indefinido. O MDB quer ainda a revogação ou alteração da Lei das Inelegibilidades. PAG. 3

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 34 – 31/03/1970 – Efeméride: Aniversário do golpe – Manchetes: “O Brasil comemora seis anos da Revolução” / “Instala-se hoje o Congresso”

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX — Um jornal a serviço do Brasil — São Paulo, terça-feira, 31 de março de 1970 — N.º 14.898

Preço do exemplar diariamente: NCr$ 0,40 — Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira — Adm. e al.: Al. Barão de Limeira, 425

O Brasil comemora seis anos da Revolução

Instala-se hoje o Congresso

O Congresso Nacional realizará hoje, às 15 horas, sessão conjunta das duas Casas para a instalação solene de seus trabalhos. Na ocasião, será lida a mensagem do presidente da República dirigida aos parlamentares.

Na mensagem, que será levada ao Congresso pelo ministro João Leitão de Abreu, chefe do Gabinete Civil da Presidencia da Republica, o general Emilio Medici deverá apresentar aos congressistas um relatorio sobre suas atividades à frente do Poder Executivo, bem como antecipar alguns dos principais pontos que sua administração pretende atingir este ano, destacando as prioridades para os problemas da educação, agricultura e saude.

Os trabalhos normais da Camara e do Senado somente terão inicio amanhã, a partir das 13 horas, quando as duas Casas do Congresso farão, em separado, suas primeiras sessões ordinarias.

Ontem, foram eleitas as Mesas Diretoras do Congresso. Para as presidencias do Senado e da Camara foram escolhidos, respectivamente, o senador João Cleofas e o deputado Geraldo Freire. PAG. 3

O sr. João Cleofas, eleito ontem de manhã para a presidencia do Senado Federal, lê o seu discurso de posse

Culminando as comemorações de hoje, pelo transcurso do sexto aniversario da Revolução de março, uma cadeia nacional de emissoras de radio e televisão retransmitirá, a partir das 20 horas, o pronunciamento do presidente Garrastazu Medici alusivo à data. O discurso presidencial, que terá a duração aproximada de 15 minutos, foi gravado sabado no Palacio da Alvorada.

Pela manhã, o chefe do governo assistirá, nas dependencias do quartel do Batalhão da Guarda Presidencial, ao desfile militar de 5 mil homens, que marcará em Brasilia o inicio das comemorações do aniversario do movimento de 1964.

Em seguida, o presidente se dirigirá à Igreja de Santo Antonio, onde o arcebispo metropolitano, d. José Newton, celebrará missa de ação de graças.

Às 12 horas, o general Medici visitará o arquidario de Brasilia, onde lhe será oferecido um churrasco pelo Comando Militar do Planalto.

Em São Paulo

Nesta Capital, a grande manifestação de hoje será o desfile de mais de 10 mil escolares, organizado pela Prefeitura, em homenagem às Forças Armadas. Concentrados na praça formada pelas ruas Curitiba e Abilio Soares, ao lado do Circulo Militar, eles assistirão ao hasteamento da Bandeira, pelo prefeito Paulo Maluf, para depois desfilarem em frente ao QG do II Exercito.

Estão marcados para hoje tambem, concerto da Banda da Guarda Civil, na praça Roosevelt, à noite; uma sessão especial na Camara, às 16 horas; distribuição de generos alimenticios a 240 entidades, por d. Maria do Carmo de Abreu Sodré; e a inauguração do Colegio 31 de Março, pelo governador. Durante a "Semana da Revolução", instituida pela Prefeitura, diversas obras e melhoramentos serão inaugurados.

No II Exercito

"Para bem sentir as origens e o significado da Revolução Redentora, temos de nos reportar aos tenebrosos idos de março de 1964 e mesmo mais alem, rebuscando nos fatos historicos então ocorridos, o grande crime que contra a Patria, o seu regime, o seu povo e as suas tradições, se arquitetara e quase se perpetrou", dirá hoje, em nome do II Exercito, o general Vicente de Paulo Dale Coutinho, comandante da II Região Militar. Sua palestra foi gravada ontem como parte das comemorações do 6.º aniversario da Revolução.

O general Canavarro Pereira, comandante do II Exercito, tambem gravou uma mensagem de dois minutos, alusiva à Revolução, que irá ao ar através do Canal 2. No QG do Ibirapuera, os festejos serão iniciados às 8 horas constando de hasteamento do Pavilhão Nacional, formatura da tropa e missa campal na praça Mario Kozel Filho.

Antes da missa será lida a Ordem do Dia do ministro do Exercito em que o general Orlando Geisel diz, referindo-se às instituições militares, que "em verdade, no silencio e na nobreza da subordinação consciente ao Poder Civil, somos meios democraticos da mais alta importancia para garantir o desenvolvimento brasileiro, nos quadros do aperfeiçoamento das instituições politicas, o que inclui, necessariamente, a defesa da Patria contra a volta da corrupção e da subversão".

Na Marinha

Em sua Ordem do Dia sobre a Revolução de 64, que será lida em todas as unidades navais do País, diz o ministro Adalberto de Barros Nunes que "nossa meta, conforme definiu o presidente Medici, é alcançar um ritmo de desenvolvimento acelerado e auto-sustentavel, compativel com a estabilidade interna consubstanciada na segurança". Acrescenta que isso "é a valorização do homem brasileiro, pelo fortalecimento de suas energias morais e civicas, assim como pela melhoria de suas condições de vida".

Por sua vez, o vice-almirante Silvio de Magalhães Figueiredo, comandante do 6.o Distrito Naval presidirá às solenidades naquela unidade por motivo do aniversario da Revolução. Em mensagem ao povo paulista, diz êle que "a Revolução de 64 foi a vitoria dos valores espirituais".

Na Aeronautica

Na Pasta da Aeronautica, o ministro Marcio de Souza e Melo baixou Ordem do Dia em que afirma:

"Os patrioticos objetivos em que a Nação vem sendo lançada estão sendo seguramente atingidos e os resultados evidentes comprovam a exatidão, a oportunidade e a excelencia das medidas aplicadas, mercê do esforço ingente despendido pelo Governo como um todo, na mais consciente unidade de intuitos e de ação, em busca do desenvolvimento nacional".

Na IV Zona Aerea, as solenidades serão presididas pelo brigadeiro José Vaz da Silva.

Sucessão: espera-se a decisão de Medici

São Paulo aguarda, numa intensa expectativa, que o presidente da República escolha o candidato à sucessão do sr. Abreu Sodré no governo do Estado. O general Medici dispõe agora de todos os elementos para tomar a sua decisão. O presidente nacional da ARENA, deputado Rondon Pacheco, ouviu, durante 48 horas, todas as lideranças politicas do Estado, a começar pelo governador, e todas as correntes que compõem o partido, incluindo aquelas que são unanimemente consideradas os mais provaveis candidatos.

O presidente deverá receber o relatorio do sr. Rondon Pacheco, que já voltou a Brasilia, nas proximas horas. A partir de então, poderá resolver definitivamente a sucessão paulista; vale dizer: a decisão poderá ser anunciada a qualquer hora. Nos mais autorizados circulos politicos de São Paulo, todavia, não se acredita que o presidente da República decida, ou pelo menos anuncie sua decisão antes do dia 10 de abril.

De outro lado, o governador, que reuniria hoje o secretariado para receber o pedido de exoneração coletiva — problema de certa forma relacionado com a escolha do seu sucessor — decidiu transferir a reunião para amanhã, em razão das comemorações do 6.o aniversario da Revolução.

Os mais cotados

Nas ultimas horas, os nomes do ex-governador Laudo Natel e do vice-governador Hilario Torloni passaram a figurar entre os mais cotados para suceder ao sr. Abreu Sodré. No ultimo fim de semana, assessores do governador encontraram-se com o sr. Hilario Torloni e o proprio sr. Sodré recebeu, em sua residencia, a visita do sr. Laudo Natel. Como nenhuma das partes interessadas revelou o teor preciso das conversações e das eventuais composições obtidas, alternam-se duas hipoteses:

1 — Se houve acordo entre o governador e o sr. Laudo Natel ou entre o governador e o sr. Hilario Torloni, o problema estará praticamente resolvido, com a indicação de um dos dois.

2 — Se não se tiver obtido acordo, estaria aberto o caminho para a escolha de um "terceiro". Esse terceiro nome deveria estar desvinculado, ou pelo menos pairar acima, das divergencias internas da ARENA. Nessa hipótese, dois são os candidatos mais cotados: o ministro da Fazenda, prof. Delfim Neto, e o comandante da Academia Militar das Agulhas Negras, general Meira Mattos.

Uma lista

Em Brasilia, ainda ontem, divulgava-se uma lista de candidatos provaveis, que seria submetida ao presidente da República pelo deputado Rondon Pacheco. Comporiam essa lista os srs. Laudo Natel, Hilario Torloni, Gastão Vidigal, Herbert Levy, e os secretarios da Agricultura e da Justiça, respectivamente Antonio Rodrigues Filho e Hely Lopes Meirelles. O nome do prof. Carvalho Pinto tambem figura na lista, mas o proprio senador, em Brasilia, encarregou-se de reafirmar que não é candidato e que não aceita o lançamento de seu nome.

Ao deixar São Paulo, na manhã de ontem, o deputado Rondon Pacheco declarava-se "profundamente otimista" em relação à situação politica de São Paulo e acrescentava esperar que o presidente Medici possa encontrar "uma solução politica natural".

Outros Estados

O presidente da República escolheu o novo governador do Ceará, coronel Cesar Cals, e o seu vice, deputado Humberto Bezerra, tambem coronel reformado. A decisão foi comunicada ontem à noite à bancada da ARENA cearense na Camara Federal, após audiencia que o general Medici concedeu ao deputado Virgilio Tavora e ao senador Wilson Gonçalves, e será oficialmente comunicada ao governador Placido Castelo, que já foi chamado a Brasilia.

Espera-se para as proximas horas a decisão do presidente sobre a sucessão no Rio Grande do Norte, com a provavel indicação do sr. Cortês Pereira.

Quanto ao Piauí, a decisão é tambem iminente, pois o senador Petronio Portela, principal lider politico do Estado, foi chamado à Capital.

No Maranhão, a situação evolui em favor da candidatura do sr. João Castelo.

Mais de 2 mil mortos na Turquia

O primeiro-ministro turco Suleyman Demirel visita a cidade de Gediz, destruida pelo terremoto. Radiofoto AP

Inundações, tempestades de neve e ameaça de epidemias assolam a população da parte ocidental da Turquia, ontem abalada por nova serie de terremotos, que sabado à noite causaram a morte de duas mil pessoas e mais de três mil feridos na cidade de Gediz. Em Saruhali, a população ajoelhou no meio da rua para rezar, enquanto os edificios ruiam à sua volta. Parte dos medicamentos, roupas e alimentos oferecidos pela Cruz Vermelha de diversos paises estão sendo lançados de pára-quedas. PAG. 2

O Camboja pediria a ajuda militar dos Estados Unidos

O general Non Lol, novo chefe do regime cambojano, declarou ontem que poderá pedir ajuda militar aos Estados Unidos para conter a ofensiva dos guerrilheiros do Vietcong e dos soldados norte-vietnamitas que agindo em duas frentes estão em condições de desfechar um ataque contra Phnom Penh, a capital do país, a fim de reconduzir ao poder o principe Norodom Sihanouk. Em Washington, o Departamento de Estado negou-se a comentar as declarações de Lol. PAG. 10

As flechas apontam o rumo da dupla ofensiva comunista

O tempo é bom, com Sol e calor

Vamos ter bom tempo hoje em todo o Estado, com sol e bastante calor. Pode o céu ficar nublado à tarde, e se cair alguma chuva será nas regiões serranas, informam os meteorologistas.

Assuntos diversos

EXTERIOR	2 10 11
POLITICA	3 4 5
INTERIOR	9
LOCAL	12 13 17 18
ECONOMIA	19 20 21
ESPORTE	26 27 28
TURFE	22
NECROLOGIA	16 17

Ministro recebeu relatorio da CBD

O ministro Jarbas Passarinho, da Educação, recebeu ontem em Brasilia o relatorio da Confederação Brasileira de Desportos, contendo, em centenas de paginas, a palavra oficial da organização a respeito dos preparativos da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo. Acompanha o relatorio, ainda, uma exposição da situação financeira da entidade. O ministro prometeu emitir uma opinião sobre o relatorio daqui um mês ou mais. ESPORTES

Medici reabre a Camara de Itu

O presidente Medici assinou ontem, em Brasilia, o Ato Complementar n.º 81 que levanta, a partir de hoje, o recesso da Camara de Vereadores de Itu, neste Estado. O ato presidencial tem apenas dois artigos e não faz qualquer referencia aos fatos que determinaram o fechamento daquela Edilidade, em julho do ano passado e diz:

"Fica suspenso, a partir de 31 de março de 1970, o recesso da Camara de Vereadores do municipio de Itu".

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 35 – 23/06/1970 – Efeméride: Tricampeonato mundial de futebol – Manchetes: “Os paulistas saúdam hoje seus jogadores” / “Ocupação efetiva da Amazônia é obra gigantesca”

FOLHA DE S. PAULO

Ano XLIX — Um jornal a serviço do Brasil — São Paulo, terça-feira, 23 de junho de 1970 — Nº 14.982

Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira

Ibarra chefia golpe de Estado no Equador

Ocupação efetiva da Amazonia. obra gigantesca

Exportação textil: Brasil suspende as negociações com EUA

O trabalho é proibido hoje

Facultativo estadual

Municipal, tambem

Atividades privadas

Nublado, e mais frio

Assuntos diversos

Tricampeões chegam hoje ao meio-dia

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 36 – 10/10/1970 – Manchete: “Arrancada para conquistar o gigantesco mundo verde” (início das obras da Rodovia Transamazônica)

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

FOLHA DE S. PAULO

Ano L — Um jornal a serviço do Brasil — São Paulo, sabado, 10 de outubro de 1970 — N.º 15.091

Preço do exemplar diariamente: Cr$ 0,50 — Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira — Adm. e of.: Al. Barão de Limeira, 425

“Arrancada para conquistar o gigantesco mundo verde”

O Senado aprova e a Italia adota o divorcio

Londres-Los Angeles em uma hora, dentro de uma nave espacial

Sorteio das questões do concurso para os professores é hoje

Custo de vida subiu 2% em setembro, é o que informa a FGV

Torres quer levar a Bolivia ao “Terceiro Mundo revolucionario”

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 37 – 01/11/1970 – Manchete: "EUA falam do 'milagre brasileiro'"

FOLHA DE S. PAULO

Ano L — Um jornal a serviço do Brasil — São Paulo, domingo, 1.º de novembro de 1970 — N.º 15.113

Nixon: "É preciso deter os arautos da violencia"

Falando ontem num comício republicano na Califórnia, o presidente Nixon condenou severamente o extremismo e a violência. AP

EUA falam do "milagre brasileiro"

São Paulo derrota a Ponte Preta; Flamengo goleia o Santa Cruz

ESPORTES

Italia ficou sem seu artilheiro; Luigi Riva quebrou a perna

ESPORTES

Tempo bom de manhã na Capital

Assuntos Diversos

D. Agnelo passa hoje a Arquidiocese a D. Arns

D. Agnelo Rossi ao visitar ontem as crianças paraplégicas do abrigo D. Orione, no km 25 da Raposo Tavares

PAG. 13

Paulistano antecipou Finados e milhares foram aos cemiterios

Anhangabaú novo é visto, a passarela está inaugurada sob o viaduto do Chá e em uso. A Prefeitura prepara-se para fazer uma passagem de nível no cruzamento do vale com a avenida São João. O congestionamento diminuirá.

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 38 – 03/01/1971 – Manchete: "A boa notícia do ano é o Brasil"

os judeus poderiam seguir para Israel.

ESPORTES

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

FOLHA DE S. PAULO

Ano L Um jornal a serviço do Brasil São Paulo, domingo, 3 de janeiro de 1971 15.176

Preço do exemplar diariamente: Cr$ 0,50 Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira Adm. e of.: Al. Barão de Limeira, 425

A boa noticia do ano é o Brasil

Gol no ultimo minuto faz ruir o estadio

Sessenta e seis pessoas morreram e 66 ficaram feridas ontem no estadio de Ibrox, em Glasgow, na Escocia, quando um muro de proteção cedeu à pressão da massa humana, no minuto final da partida de futebol entre os dois times rivais da cidade, o Celtic e o Rangers.

A partida estava empatada zero a zero e os 80 mil torcedores que lotavam o estadio gritavam, incentivando os jogadores. Então, os dois quadros marcaram, um depois do outro, e o publico enlouqueceu de entusiasmo. Alem do muro, uma escada ruiu sob o peso dos espectadores que saltavam de alegria.

Com o desmoronamento, os torcedores caíram sobre os que se encontravam no pavimento inferior, parte dos quais morreu esmagada.

Esse foi o mais grave acidente registrado em um estadio britanico. Outro desastre de grandes proporções ocorreu em março de 1946, em Bolton, tambem durante uma partida de futebol. Trinta e três pessoas morreram e mais de 500 ficaram feridas quando uma barreira de contenção desmoronou.

Outras tragedias

Alem da tragedia de Glasgow outras ocorreram em diversos pontos do mundo. Um avião comercial egipcio que voava do Cairo, no Egito, para Argel, na Argelia, explodiu ao cair perto de Tripoli, na Libia, onde faria escala. Os dezenove passageiros e os sete tripulantes que o ocupavam morreram. No Afganistão e em Togo, desastres ferroviarios e rodoviarios causaram a morte de mais de vinte pessoas.

PAG. 2

GLASGOW — Bombeiros procuram reanimar torcedores vitimas do desmoronamento de uma arquibancada no estadio local de futebol. Os mortos foram 66, na pior tragedia esportiva da Inglaterra. AP

Da Agencia AP

A incerteza economica, provocada parcialmente pelos novos governos nacionalistas, dominou em 1970 a America Latina, com exceção do Brasil, que entra em seu segundo ano de extraordinario desenvolvimento.

A inflação, o velho espantalho sul-americano, criou problemas para a economia da maioria dos paises, principalmente a Argentina. E o novo governo esquerdista do Chile lançou uma sombra ameaçadora sobre os possiveis investidores estrangeiros.

O Brasil apresentou o quadro mais promissor, obtendo uma taxa de crescimento de 9 por cento, no segundo ano consecutivo, o que o transforma em uma das nações de mais rapido desenvolvimento do mundo.

O ministro da Fazenda, Antonio Delfim Neto, previu que o Brasil alcançará 1.2 bilhão de dolares (cinco bilhões e 940 milhões de cruzeiros) em reservas estrangeiras em 1971. Informou que atualmente as reservas brasileiras revelam um superavit de 500 milhões de dolares (dois bilhões e 475 milhões de cruzeiros) na balança de pagamentos, como resultado de um incremento de 25 por cento nas exportações.

A industria automobilistica do Brasil — a oitava do mundo — quebrou recordes de produção, com um crescimento anual de 25 por cento. E em consequencia do aumento dos salarios nos Estados Unidos, as grandes industrias de Detroit estão estudando a fabricação, no Brasil, de peças de reposição para automoveis norte-americanos.

Outro plano do governo brasileiro para investir dinheiro na economia permitiu que os brasileiros deduzissem 12 por cento do Imposto de Renda para aplicá-los em fundos especialmente aprovados. O resultado deste plano foi que o mercado de valores ganhou grande atividade, criando-se centenas de fundos de investimento em todo o País. A inflação manteve-se um pouco superior a 20 por cento durante o ano.

O Chile foi o país sul-americano que mais despertou a atenção mundial. A vitoria eleitoral do marxista Salvador Allende provocou a fuga do capital que estava em mãos da assustada classe média do Chile. A produção industrial, as construções e as vendas a varejo cairam vertiginosamente, pelo menos de momento.

Menos entusiasmo nas praias após as fortes chuvas

O inicio das ferias de verão este ano na baixada santista foi algo desanimador para os paulistas que para lá se dirigiram à procura de descanso nos feriados de fim de ano e das diversões nas praias.

Com as chuvas que caem há três dias, a via Anchieta tem estado congestionada, principalmente no trecho da serra. Ontem à tarde levaram-se três horas para se efetuar o percurso de 65 quilometros entre São Paulo e Santos.

As praias permaneceram quase desertas durante todo o dia de ontem, em Santos, São Vicente e Guarujá.

Os veranistas no municipio da Praia Grande foram os mais afetados pelas chuvas. Na avenida Castelo Branco, que percorre toda a orla desde o forte do Itaipu até a Cidade Ocian, o asfalto afundou em varios trechos em consequencia da infiltração das aguas.

As barreiras

Apesar das chuvas, o Corpo de Policiamento Rodoviario de São Paulo informou que até às 17 horas de ontem não havia sido registrado nenhum desmoronamento de barreiras nas estradas de todo o Estado.

A Policia Rodoviaria adverte para o trecho da via Anchieta entre a desembocadura da estrada Pedro Taques e a saida da estrada velha de Santos (quilometros 53 a 29) que se encontra em obras.

PAG. 13

O FERIADO NO EMBARÉ. Nem todos conseguiram seu bronzeado de verão por culpa das chuvas

Televisão e radio dos EUA não anunciam mais cigarro

Desde ontem, estão proibidos os anuncios de cigarros no radio e na televisão dos Estados Unidos. A proibição foi determinada por uma lei aprovada pelo Congresso norte-americano, após uma ardua e prolongada luta entre os serviços de saude publica e institutos particulares, de um lado, e de outro a industria de cigarros e agencias de publicidade. A proibição entrou em vigor à meia-noite do dia 1.o. A poderosa industria de cigarros "Phillip Morris" gastou 1 milhão e 250 mil dolares (mais de 6 milhões de cruzeiros) numa campanha publicitaria que terminou um minuto antes de meia-noite. Ela comprara todos os horarios dos três ultimos programas de estudio da NBC, os intervalos dos filmes noturnos e irradiação dos jogos de futebol.

Dez bilhões de dolares de cigarros são vendidos anualmente nos EUA, e 40% desse total constituem impostos cobrados pelo governo. A industria norte-americana de cigarros em conjunto gastava até agora 250 milhões de dolares por ano, em publicidade; 8% dos lucros da TV norte-americana provinham dessa verba.

A luta contra o cigarro começou nos Estados Unidos na decada de 50 e foi extremamente dura. A partir de 1964 foram divulgados estudos medicos que apontavam o perigo representado pelo fumo à saude do homem. As repetidas advertencias dos meios medicos e entidades diversas tiveram escassa repercussão, até que, em 1965, o Congresso dos EUA aprovou uma lei que obrigava os fabricantes de cigarro a estampar nos maços a seguinte frase: "Cuidado. Fumar pode ser prejudicial à saude". Essa advertencia provocou a temporaria redução das vendas, que entretanto pouco depois superavam os niveis anteriores. As empresas haviam reagido lançando marcas novas, com filtros, e para promovê-las organizaram-se generosas campanhas publicitarias. AP e AFP.

Mapofei começa amanhã; 10 mil para 3.695 vagas

A grande luta por uma vaga nos cursos de Ciencias Exatas de São Paulo começa amanhã, com a realização da prova de Português, às 14 horas. 10.134 estudantes estão disputando as 3.695 vagas oferecidas por 25 cursos de Engenharia, Matematica, Fisica, Quimica e Geologia. Em 1970, havia 7.406 candidatos disputando 2.690 vagas. A expansão do numero de vagas deve-se à entrada, no vestibular unificado, de diversas faculdades que realizaram seus proprios exames no ano passado, e à criação de novos cursos.

Engenharia é o curso mais procurado, com 8.1% candidatos para 2.820 vagas. O curso de Geologia da USP, o unico nessa area a participar do MAPOFEI, oferece 50 vagas, e é o menos procurado (241 candidatos). As faculdades mais procuradas pelos estudantes pertencem à USP: são a Escola Politecnica e a Escola de Engenharia de São Carlos.

Um dia nublado

Um domingo nublado pela manhã, é o que podem esperar os paulistanos. Depois do meio-dia, aproximadamente, o tempo tende a melhorar, embora permaneça a umidade resultante das intensas chuvas dos ultimos dias. Ontem a temperatura maxima na Capital foi de 20 graus, que deve prevalecer hoje, com pequena variação. É o que informam os meteorologistas.

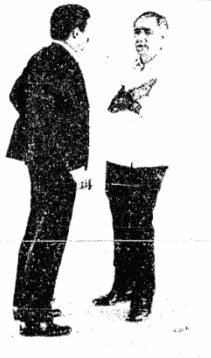
Nova pena de morte é possivel contra um judeu sovietico

MOSCOU (AP) — Um oficial judeu do Exercito sovietico será julgado segunda-feira sob a acusação de deserção e traição relacionada com um complô para fugir do país.

O militar, tenente Vulf Zalmanson, enfrenta uma possivel sentença de morte.

Dois dos irmãos de Zalmanson fazem parte do grupo de nove judeus e dois russos que foram acusados de traição e condenados nas vesperas do Natal. Todos foram enviados a campos de trabalhos forçados por longos periodos, com exceção de dois que foram condenados à morte. As sentenças de morte foram comutadas por uma corte superior.

Em 15 de junho ultimo, 15 pessoas, entre as quais o militar, foram presas no aeroporto de Leningrado e acusadas de planejar o sequestro de um avião para levá-lo à Escandinavia, de onde os judeus poderiam seguir para Israel.



CONFERENCIA DE CUPULA. O capitão Castelo Branco em dialogo ontem com Wadih Helu.

~~Com Esquema-71,~~ o Corintians busca seu titulo

Começa a funcionar no Corintians o chamado "Esquema-71", elaborado pelo capitão Castelo Branco da CBD, nos moldes do plano da seleção brasileira no Mundial do Mexico. As primeiras modificações já surgiram, com o pedido de demissão do diretor de futebol Elmo Franchini e o afastamento do preparador-fisico José Teixeira e do secretario de imprensa Otavio Muniz. Foram contratados dois novos preparadores fisicos e, agora, o Corintians está tratando de encontrar o supervisor do novo Departamento de Futebol.

Ontem cedo, o capitão Castelo Branco reuniu-se com o presidente corintiano, Wadih Helu, o treinador Aimoré Moreira e os novos preparadores, para discutir a programação inicial. Os jogadores retornam das ferias anuais depois de amanhã, à tarde.

Regime de tempo integral para os jogadores, sem distinção entre casados e solteiros; um novo Departamento Medico que funcione 24 horas por dia; gerencia direta do supervisor sobre os quadros de futebol de todas as categorias no clube e uma modificação paulatina da "personalidade profissional" dos jogadores, são alguns dos pontos mais importantes do plano que o Corintians já começou a executar.

ESPORTES

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 39 – 01/01/1972 – Efeméride: Ano Novo – Manchetes: “1972: rumo à emancipação econômica” / “Exportações em 71 passaram dos US$ 2,9 bilhões”

FOLHA DE S. PAULO

Diretor-Presidente: Octavio Frias de Oliveira • Ano LI N.o 15.539 • Um jornal a serviço do Brasil • São Paulo, sábado, 1o de janeiro de 1972 • Al. Barão de Limeira, 425 • Cr$ 0,60

1972: rumo à emancipação economica

Temos um novo plano para o futuro

O prefeito Figueiredo Ferraz sancionou a lei que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI), define as necessidades da Capital para os proximos dez anos e fixa etapas para as obras que a Prefeitura precisa desenvolver.

O plano — PDDI — será completado com outros estudos e projetos, que definirão a ocupação do solo nas varias regiões paulistanas. O sistema viário divulgado há semanas pela Prefeitura — uma malha de vias expressas e arteriais a ser concluida em 20 anos, em duas etapas — será o esqueleto da nova cidade prevista pelo PDDI.

As vias expressas dividirão as regiões da cidade, criando células autonomas — bolsões, que poderão englobar varios bairros ou dividir alguns. Em cada bolsão — um centro comunitario com vida quase independente do restante da Capital — a Prefeitura deverá implantar parques, creches, centros de saude e praças de lazer e recreação, para tornar menos hostil a vida da cidade.

O PDDI foi elaborado com base nos estudos realizados nos ultimos anos para prever a evolução da Capital, entre os quais, principalmente, o Plano Urbanistico Basico (PUB) e o Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (PMDI).

A partir dele, a Prefeitura pretende disciplinar o crescimento da cidade, dando a destinação correta a suas areas e, com isso, pedendo implantar os serviços basicos de cada região antes de sua urbanização definitiva.

O PDDI, e os projetos em fase final de elaboração, abrem a perspectiva de uma São Paulo com cerca de 12 milhões de habitantes, com circulação facil, de carro ou Metrô, e uma vida menos angustiante que a Capital dos anos 50 e 60. A implantação dessa nova cidade, segundo a Prefeitura, será iniciada este ano.

PAG. 7

SÃO PAULO 1990. O novo plano urbanistico prevê uma malha de avenidas que marcam "bolsões" de vida urbana independente.

O presidente Medici dedicou sua mensagem de Ano Novo ao país, ao tema principal do crescimento economico.

"A Nação tem hoje a tranquila consciencia de sua grandeza, em termos realistas, possiveis e viaveis. Temos agora a certeza de que o eterno país do futuro se transformou, afinal, no país do presente" disse.

Medici leu sua mensagem no Palacio do Planalto, numa transmissão em "video tape" para as cidades brasileiras por cadeia nacional de radio e TV.

O Presidente lembrou que 1972 é o ano do Sesquicentenario, o ano em que o Brasil comemora os seus 150 anos de vida independente.

"Não hesito em dizer que a contribuição maior ao longo desse tempo terá sido a colheita da generosidade e da hospitalidade, do espirito de tolerancia, da harmonia entre as raças, e do nosso desprendimento, em favor da compreensão entre todos os homens, entre todas as nações."

Contudo, observou o Presidente, "forçoso é confessar o quanto, na maior parte desse tempo, fomos descuidados, irrealistas e sonhadores: o quanto fomos indefinidos na vontade, nos propositos e nos rumos."

"Ao contrario do ocorrido na maioria dos paises de potencialidades iguais à nossa, no Brasil madrugou o desenvolvimento dos valores morais e espirituais, enquanto lardava o indispensavel crescimento de natureza economica."

"Tudo mudou, porém, nestes ultimos oito anos. Amadurecemos o bastante para descobrir as vantagens do equilibrio e da ordem, do planejamento, do metodo, da continuidade e da convergencia."

Medici afirmou que estamos entrando em 1972, "com todas as condições internas para manter esse ritmo ascendente de crescimento, que a todos nos empolga."

"Estamos em 1972 com todos os mecanismos economicos ajustados e com os padrões de segurança necessarios ao progresso, para ter, com a ajuda de Deus e com o esforço do povo, um ano igual ou melhor."

"Voltando-me para o futuro," concluiu Medici, na saudação feita ontem aos brasileiros, "vejo chegar, afinal, depois dessos 150 anos de vida independente, a emancipação economica de sonho dos Inconfidentes."

PAG. 3

Exportações em 71 passaram dos US$ 2,9 bilhões

As exportações brasileiras em 1971 superaram US$ 2,9 bilhões, contribuindo os manufaturados com a parcela de US$ 600 milhões. A informação é do ministro Pratini de Moraes, que num retrospecto do comercio exterior brasileiro lembrou que a média anual de exportações brasileiras passou de US$ 1,36 bilhão no periodo 1967/69, para US$ 1,58 no trienio 1964/66, alcançando US$ 1,8 bilhão em 68, US$ 2,3 bilhões em 69 e US$ 2,7 bilhões em 1970. Chamou o ministro a atenção para as exportações de manufaturados, que de US$ 255 milhões em 1969 passaram a US$ 409 milhões em 1970 e deverão atingir US$ 600 milhões em 71.

• A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro vai estabelecer novos criterios para o registro de empresas no pregão. As normas serão aplicadas de imediato às novas empresas, mas sugerirão também as que já estão registradas, que terão um prazo para cumprir as exigencias.

• O secretario executivo do Conselho Nacional de Siderurgia—Consider, afirma que 1971 foi o "Ano Siderurgico", com a conclusão do estudo do mercado brasileiro de aço e a implantação do Programa Siderurgico Nacional.

• O ministro Pratini de Moraes afirmou ontem que são excelentes as perspectivas da produção nacional de açucar para 1972, devendo a safra proporcionar 86 milhões de sacas de açucar, que colocarão o Brasil à frente de Cuba, considerado o maior produtor mundial de açucar de cana.

ECONOMIA

Os primeiros colocados desta São Silvestre

1º - Rafael T. Palomares - Mexico
2º - Victor Kora - Colombia
3º - Carlos Lopes - Portugal
4º - Emile Puttemans - Belgica
5º - Edmundo F. Bravo - Chile

Mais calor

A previsão para hoje é de uma manhã boa de sol, com temperatura em elevação. À tarde, chuvas ocasionais e esparsas. Isto na Capital. Para fusion, névoa seca, mas bastante sol. Na Serra, o tempo estará parcialmente encoberto.

Surgem esportes novos, e caras novas

LIDER. O gaucho Thomaz Koch, com suas vitorias, e sua boa figura, tornou popular o tenis.

Um balanço geral sobre o esporte no Brasil, com o retrospecto geral de sua evolução em 1971 e a indicação das perspectivas para 1972, é o que a FOLHA DE S. PAULO apresenta hoje aos seus leitores nas paginas 14, 15 e 16.

A despedida de Pelé da seleção brasileira de futebol e a criação do Campeonato Nacional de Clubes surgem logo como importantes acontecimentos que merecem uma nova atenção: o primeiro pela grande repercussão em todo o mundo e pelo que significou para a seleção do Brasil, e o segundo por constituir um firme passo em direção do tão desejado Campeonato Brasileiro de Futebol. A importancia do Campeonato Nacional é mais uma vez demonstrada, até em seu sentido de valioso elemento para a integração nacional.

Da mesma forma, o boxe, o tenis, o basquetebol, o atletismo, o xadrez, o automobilismo e o esporte amador em geral, são apresentados hoje aos leitores de forma a permitir uma visão do que eles realmente representam hoje no País, e as suas possibilidades de desenvolvimento.

Ao iniciar-se este novo ano, o esporte brasileiro aparece com reais possibilidades de aprimorar-se ainda mais, por haver entre os esportistas e dirigentes um grande otimismo, resultante não só das vitórias alcançadas em 1971. Além disso, há interesse demonstrado pelas autoridades no seu desenvolvimento. Outro ponto importante: a renovação de valores. Todos sentem que isso é necessário, ela está se processando em diversos esportes e a expectativa é de que surjam cada dia mais esportistas, desde as escolas primarias até as universidades e outros centros de educação e cultura.

PAG. 14

HICAMPEÃO MUNDIAL. Jorge Bruder, um paulista pouco conhecido, ganhou o bicampeonato mundial de iatismo classe "Tem", em 1971.

A ARENA, um partido muito pobre?

O deputado Salvador Julianelli, presidente da Arena Paulista, revelou ontem que a renda mensal da sua agremiação é de apenas 4 mil cruzeiros. Ele fez essa revelação ao anunciar que vai reunir o Diretorio Regional do Partido entre os dias 10 e 15, para examinar as contas de 1970, que acabam de ser prejudicadas pelo Tribunal Regional Eleitoral.

Ele disse que o Diretorio deveria reunir-se "de qualquer maneira", para estabelecer o numero de delegados à Convenção Nacional e aproveitará para examinar as contas de 1970 e 1971.

Julianelli observou que "da parte do TRE não houve restrição de carater contabil". Tratar-se-ia assim de certas formalidades que a Arena deixou de preencher. Segundo o acordo do TRE, a Arena não constituiu o Conselho Fiscal para examinar suas contas e tão pouco as submeteu à aprovação dos membros do Diretorio Regional. A reunião do DR destina-se obviamente a sanar a segunda falha, mas quanto à primeira, Julianelli afirma que o estatuto partidario prevê a constituição do Conselho apenas para o Diretorio Nacional e libera da obrigação os Diretorios Regionais.

Ele explica que não submeteu as contas do partido aos membros do Diretorio já que o fundo dos partidos não foi regulamentado e as receitas partidarias "são extremamente pequenas". Ele julgou que elas poderiam ser julgadas pelo presidente e pelo tesoureiro do partido. "Até porque elas ainda teriam que ser aprovadas definitivamente pelo TRE".

Julianelli disse que foi ele — embora não fosse presidente em 1970 — quem encaminhou ao Tribunal Regional Eleitoral as contas relativas àquele ano, e o tesoureiro do partido também assinou o processo. O tesoureiro, na época, era o deputado João Batista Ramos, que acumulava essa função com as de presidente nacional da Arena.

Julianelli salienta que as contas submetidas ao TRE são as relativas ao "dia-a-dia" do partido, não tendo vinculação com as despesas feitas durante a campanha eleitoral, cuja fiscalização e comprovação é feita à parte também pela Justiça Eleitoral. Ele disse que o orçamento mensal da Arena paulista gira "em torno dos 4 mil cruzeiros mensais", e é obtido principalmente através de quotas dos deputados estaduais (60 cruzeiros mensais) e federais (100 cruzeiros mensais), mas esta soma é dividida, com o Diretorio Regional. O Diretorio paulista recebe ainda contribuições espontaneas e variaveis de alguns poucos correligionarios, e Julianelli pretende agora conseguir que os Secretarios de Estado também contribuam mensalmente, como os deputados. Alguns secretarios, disse ele, já concordaram.

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 40 – 08/09/1972 – Efeméride: Sesquicentenário da Independência – Manchetes: "Um dia maior que todos" / "O som e a luz da Independência ganham vida no Ipiranga"

FOLHA DE S. PAULO ★

SEGUNDO CLICHÊ

Diretor-Presidente: Octavio Frias de Oliveira • Ano LII — N.o 15.789 • Um jornal a serviço do Brasil • São Paulo, sexta-feira, 8 de setembro de 1972 • Al. Barão de Limeira, 425 • Cr$ 0,60

"Um dia maior que todos os dias"

Ultimos atos da tragedia

Das agencias AP e AFP

JERUSALEM — Os corpos carbonizados ou crivados de balas de dez atletas israelenses chegaram ontem a Jerusalem, trazidos de Munique em avião especial. Uma multidão silenciosa e cheia de pesar encontrava-se no aeroporto para receber os esportistas que haviam partido em busca de gloria nos Jogos Olimpicos e foram mortos por terroristas arabes, em um novo ato de violencia insana provocado pela crise permanente no Oriente Medio.

PRESOS. Os três terroristas encontrados feridos nos alojamentos israelenses que invadiram terça-feira: Abdel Khair Al Dnawy, de 21 anos; Samir Mohammed Abdallah, de 22; e Ibrahim Masoud Badran, de 26. AP

NA TRIBUNA. Da dir.: Medici, Caetano, Rademaker, Natel, assistem ao desfile. Diante do palanque, o gen. Humberto de Melo.

"Recolhidos os restos mortais do fundador do Estado brasileiro à capela do Monumento do Ipiranga; silenciados os ultimos aplausos nas ruas de São Paulo ao grande desfile militar desta manhã; e transposta a hora mais intensa das comemorações do Sesquicentenario da nossa Independencia, quisera chegar à casa de quantos, por nascença ou opção, têm o Brasil por patria, para unir-me às alegrias, às emoções e aos votos de cada um, neste dia maior que todos os dias".

Este foi o inicio da mensagem divulgada ontem à noite pelo presidente Emilio Garrastazu Médici, através da Rede Nacional de Radio e Televisão, após ter presenciado de manhã o desfile militar na avenida Paulista e, à tarde, ter presidido a inauguração do Espetáculo de Som e Luz montado no Ipiranga pelo Governo do Estado.

"Peço a Deus — disse o presidente da Republica em sua mensagem — que as motivações do Sesquicentenario sejam inspiração permanente para a obra de renovação e mudança em que estamos todos empenhados, em proveito do desenvolvimento fundado na justiça social".

Do desfile na avenida Paulista participaram cerca de 18 mil homens do Exercito, Marinha, Aeronautica e Policia Militar do Estado, e 200 ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial. Foi o maior já realizado em São Paulo tanto em numero de homens quanto em quantidade de equipamentos.

O presidente do Conselho de Ministros de Portugal, prof. Marcelo Caetano, e sua comitiva, todos os ministros de Estado brasileiros e chefes das missões diplomaticas de varios paises, o governador Laudo Natel e o prefeito Figueiredo Ferraz, assistiram ao desfile, que durou cerca de três horas, do palanque oficial.

PAGs. 3, 4, 5, 8 e 9

TECNOLOGIA MODERNA. Durante o desfile, são exibidos os foguetes tipo "Sonda" que estão atualmente em fase de teste.

Sol e calor

O que pensa o povo paulista do governo federal?

Uma pesquisa mandada realizar por este jornal revela a opinião dos homens e mulheres da Capital e do interior do Estado, de todas as idades, profissões e graus de instrução sobre a ação e os resultados obtidos pelo governo federal. Domingo, na FOLHA DE S. PAULO.

O som e a luz da Independencia do Brasil ganham vida no Ipiranga

O espetaculo de Som e Luz do Museu do Ipiranga é definitivo e será apresentado periodicamente ao publico, possivelmente três vezes por semana. Para estudantes será elaborado um programa especial.

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 41 – 01/01/1974 – Efeméride: Ano Novo – Manchetes: "Um ano de progresso acelerado" / "PIB aumentou 11,4% (recorde absoluto)"

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

Um ano de progresso acelerado

PIB brasileiro aumentou 11,4% (recorde absoluto)

6,1 bilhões em 1973

As reservas de divisas somam US$ 6,3 bilhões

A inflação foi de 15,5%

Mau começo de ano para os ingleses

Kohoutek não se vê e ainda dá prejuízo

Tempo nublado

Israelenses votaram em estado de alerta

Mudanças e esperanças da Educação

Aumentam hoje cigarros, gasolina e passagens

Produtores de petroleo pedindo mais

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo

Figura 42 – 04/04/1974 – Efeméride: Inauguração da Ponte Rio-Niterói –

Manchete: "A grande ponte é inaugurada hoje por Médici"

FOLHA DE S. PAULO

Diretor-Presidente: Octavio Frias de Oliveira • Ano LIV — N.o 16.329 • Um jornal a serviço do Brasil • São Paulo, segunda-feira, 4 de março de 1974 • Al. Barão de Limeira, 425 • Cr$ 1,20

Catastrofe em Orly: 345 mortos

Das agencias AFP, ANSA, AP e UPI

A maior catastrofe da historia da aviação ocorreu ontem nas proximidades do aeroporto francês de Orly, quando um avião DC-10, das Linhas Aéreas Turcas, caiu, logo após levantar voo, causando a morte de seus 345 ocupantes — 334 passageiros e 11 tripulantes.

O enorme aparelho, com sua capacidade lotada, seguia de Paris para Londres e caiu cinco minutos depois de decolar, sem que seu comandante tenha transmitido nada de anormal à torre de controle. Equipes tecnicas francesas ainda estão investigando...

A grande ponte é inaugurada hoje por Medici

Da Sucursal do Rio

Hoje, às 9 horas da manhã, o Presidente Emilio Medici inaugurará a ponte sobre a baía da Guanabara que une o Rio a Niterói — uma das maiores obras de engenharia já feitas em nosso País.

Calcula-se que ela tenha custado cerca de 1,5 bilhão de cruzeiros. Uma parte desse custo foi financiada por empréstimo de um banco inglês; e firmas de engenharia inglesas participaram no projeto e construção da seção mais difícil da ligação Rio-Niterói: o trecho elevado da ponte que permitirá a passagem normal dos navios para o porto do Rio.

Hoje, enquanto o presidente da República hastear a Bandeira Nacional, cortar a fita simbólica e descerrar a placa inaugural, a Europa estará assistindo a um pequeno documentario sobre a ponte, feito pela Eurovisão esta semana. Jornalistas e engenheiros estrangeiros estarão na praça do Pedagio e depois cruzarão a baía, na primeira viagem oficial.

A solenidade está marcada para as 9 horas, quando o presidente se encontrará com o governador Chagas Freitas, o ministro Mario Andreazza, o embaixador e o consul inglês, Derk Dodson e R.H. John, representando a rainha da Inglaterra, o diretor do DNER, Eliseu Resende e uma delegação de banqueiros e engenheiros ingleses.

O Presidente da República chegará à rampa numero 1, na avenida Rio de Janeiro, num Galaxie preto, mas o trocará por um Rolls-Royce, possivelmente o que foi usado pelo ex-presidente Getulio Vargas. Acompanhado pelo chefe do Gabinete Militar, general João Batista de Figueiredo e outras autoridades, iniciará a travessia em direção a Niterói. O governador Raimundo Padilha, do Estado do Rio, estará esperando na praça do Pedagio.

A solenidade organizada pela AERP será simples e apenas um discurso está programado: o do ministro Andreazza. O presidente Medici, depois da solenidade, voltará pela ponte à Guanabara e seguirá direto para o Galeão, rumo ao Rio Grande do Sul, na sua ultima visita àquele Estado, durante o seu governo.

À tarde, pouco antes de ser ligado pela primeira vez o sistema de iluminação, frei Ernesto Fracasso, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, celebrará missa campal pelos que morreram durante as obras da ponte. A missa será celebrada na praça do Pedagio e estarão presentes o ministro Mario Andreazza, os governadores Chagas Freitas e Raimundo Padilha, o diretor do DNER, Eliseu Resende, e operarios da ECEX.

As luzes serão ligadas pelo ministro Mario Andreazza na noite de segunda-feira. De qualquer ponto da baía, poderão ser vistas as 35 mil lampadas fluorescentes e a vapor-sodio, distribuidas nos 788 postes de ferro e 12 de concreto.

Só amanhã a ponte estará aberta ao trafego normal.

PAG. 5

Golda desiste de formar o novo governo

PAG. 2

Heath falha mas ainda tem esperança

PAG. 2

100 mil universitarios voltam hoje às escolas

Muito quente

Começa hoje a conferencia do MCE com AL

Das agencias AFP, ANSA, AP e UPI

Os convocados apresentam-se hoje no Rio

Jogo lento e um empate no Morumbi

ESPORTES

Senado vota intervenção em Cordoba

PAG. 3

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo